Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23212 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEGUNDA-FEIRA 2 ABRIL 90 60$00

Guerra na Rádio

Em causa o relato do Marselha-Benfica

A meia final da Taça dos Clubes Campeões Europeus entre o Marselha e o Benfica está a provocar uma verdadeira guerra fora dos relvados. Com efeito, a Rádio Cidade (da Amadora) adquiriu à equipa francesa, por vinte mil contos, os direitos de transmissão para Portugal do relato do jogo e só está disposta a vender os seus direitos às estações radiofónicas que não cubram a sua área de emissão.

O certo é que as restantes rádios seguiram com o Benfica para Marselha e, nada interessadas em estabelecer negócio com os amadorenses, afirmam peremptórias que, «haja o que houver, vamos transmitir o encontro para todo o Portugal».

Com esta guerra - inédita entre nós - instalada, resta uma única certeza: a de que a televisão fará a transmissão directa do encontro para o Continente e para as Regiões Autónomas.

Pág. 31

Coligação Por Lisboa

Fim do estado de graça?

EPA

Violência em Inglaterra Este fim-de-semana fica na história da Grã-Bretanha como um dos mais violentos do século. Em Londres, uma manifestação contra o novo imposto camarário causou centenas de feridos. E esta manhã a polícia continuava a cercar uma prisão de Manchester, para pôr fim a um motim, que poderá ter feito 12 mortos. Na foto, um dos polícias feridos é socorrido. **Pág. 11**

A polémica suscitada pela abertura do «Euromarché» criou o primeiro problema à coligação «Por Lisboa», que governa o município da capital. As armadilhas de Abecasis exigem um esforço de reconversão que a actual vereação, neste caso, não fez, mal servida pela EPUL, responsável pela urbanização de Telheiras, cujos moradores se revoltaram. Inaugurado sem se ter providenciado a construção dos acessos da cidade ao hipermercado, sacrificou-se o bairro de Telheiras que, neste fim de semana, ficou bloqueado por engarrafamentos de trânsito e se transformou num imenso parque de estacionamento.

Os habitantes perderam o sossego que julgavam adquirido e que a EPUL lhes tinha assegurado nos seus cartazes de promoção de vendas.

O «Euromarché» argumenta que um dos principais acessos previstos no plano ficou prejudicado porque a EPUL ergueu uma torre no sítio onde devia ser construída uma estrada.

Notícias de França dão conta,entretanto, de que as coisas vão mal no mundo do «Euromarché».

A última edição do«L' Express» noticia que este grande patrão dos *hipers* franceses registou, em 1989, um prejuízo de 1,75 milhões de contos. Descontente com a gestão do grupo, demitiu-se da administração o seu principal accionista, outro empório comercial, o «Printemps».

Pág. 17

Bruno Neves

Cavaco prepara Congresso do PSD Todos ficaram contentes com a reconciliação de Eurico de Melo com o presidente do partido, Cavaco Silva. Silva Peneda foi o mediador de sucesso nesta negociação. Empresários, autarcas, governadores civis, militares e a própria Igreja, testemunharam com um sorriso aprovador o abraço discreto do «barão do Norte» ao líder do PSD. Luis Marques Mendes, embora ausente, foi também um dos obreiros desta aproximação **Pág. 6**

Portugal sem estratégia perante a Espanha *Págs. 20 e 21*

Macau: em estudo a legalização dos clandestinos *Pág. 4*

Khol quer manter a Alemanha unificada na OTAN *Pág. 13*

Troika da CEE desloca-se à África Austral *Págs. 2, 3 e 13*

Eunice em dia de homenagem fala ao DL *Págs. 18 e 19*

Anos 60: como eram as revistas de esquerda *Págs. 26 e 27*

Artur Portela e Alfredo Margarido escrevem no Forum/DL *Págs. 8 e 9*

As consequências do fim da guerra fria vão chegando à Africa Austral. A solução de velhos conflitos esboça-se , enquanto a África do Sul se abre progressivamente ao mundo. A Europa ,velha senhora na região, embalada com o Leste , parece cada vez mais longe do Sul

GRANDE ANGULAR

África Austral em tempos de mudança

Os países membros da Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento na África Austral (SADCC) assinalaram ontem, em Lusaca, a entrada na segunda década da organização num clima de optimismo e inseridos num contexto político regional que nunca foi tão favorável.

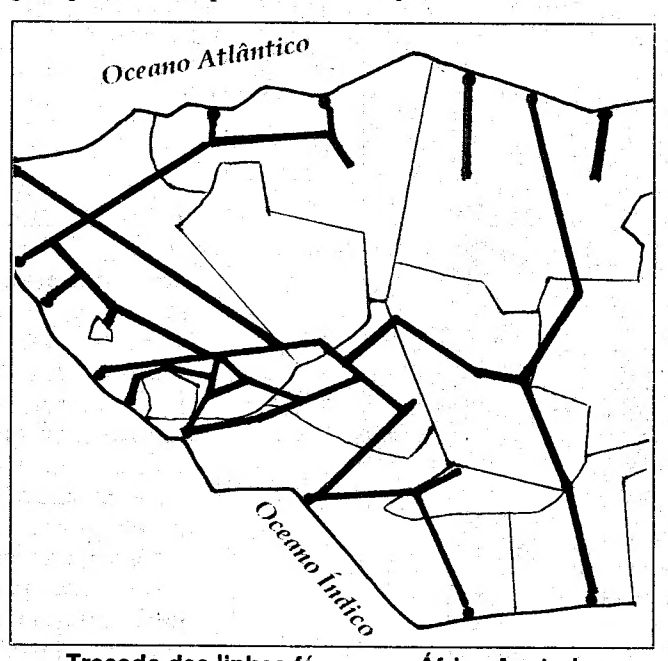
Aos chefes de Estado dos nove países fundadores da SADCC- Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe- juntou-se na capital zambiana, pela primeira vez, Sam Nujoma, em representação do décimo membro da organização, a Namibía, que declarou oficialmente a sua independência no passado dia 21 de Março.

Um século depois do sonho português de unir numa única realidade política e económica a vastíssima região situada entre o Atlântico e o Índico africanos, que ficou para a história como o Mapa «Cor-de-Rosa», os Estados independentes que hoje ocupam essa zona geográfica, conhecida como África Austral, têm agora condições de executar a vertente económica do projecto da antiga monarquia portuguesa.

A SADCC, cuja criação foi decidida, em 1979, pelos países da linha da frente, aos quais se juntaram o Zwimbawe, Lesoto, Malawi, Suazilândia e Namíbia, teve desde o início uma grande componente político-estratégica, ou seja, o objectivo número um era a redução da dependência económica, particularmente, mas não só, da África do Sul.

Assim, os objectivos da organização foram orientados pela necessidade de contrabalançar o poderio económico e militar da África do Sul. Não se tratando de uma organização de integração económica, mas sim de cooperação, esse mesmos objectivos têm sido também largamente executados a nível nacional. Na África Austral, os processos de integração e cooperação regional avançam a par e passo com os processos de formação e integração das economias nacionais.

Estas duas características fundamentais da SADCC, luta contra a dependência e nacionalismo, marcaram sem dúvida a actuação da organização nos últimos dez anos. No entanto, o desanuviamento das relações Leste-Oeste e a perspectiva de resolução dos conflitos regionais, que um melhor relacionamento entre os EUA e a URSS tem proporcinado, assim como a abertura sem precedentes da África do Sul de De Klerk, lançam os parâmetros de uma nova conjuntura muito dife-rente daquela que rodeou a criação da SADCC há uma década.



Traçado das linhas férreas na África Austral, que ligam os países do SADCC

No passado, a SADCC desenvolveu esforços essencialmente nas áreas do transporte e na captação de fundos para investimentos. Com o alastrar de movimentos de resistência em Angola e Moçambique, os caminhos de ferro que ligavam a costa ao interior da região foram sabotados. Assim, países como o Zimbabwe ficaram dependentes da África do Sul para evacuar as suas exportações. Em 1980, 90 por cento das exportações do Zimbabwe seguiam via África do Sul. Hoje, após grandes investimentos na recuperação de linhas ferreas como a da Beira, assim como a sua protecção, só 50 por cento das exportações do Zimbabwe utilizam os portos da RSA. No total, mais de 5 biliões de dólares, angariados pela SADCC, foram investidos em projectos de melhoria da rede de transportes.

A má utilização das redes de transporte, assim como as políticas proteccionistas dos Estados membros da organização, levaram a que, em 1984, só 4,4 por cento do comércio fosse intra-SADCC. Por outro lado, algumas economias são excessivamente dependentes da África do Sul, como é o caso da Suazilândia, que satisfaz 90 por cento das suas necessidades com importações da África do Sul.

Assim, embora as políticas seguidas pela SADCC tenham tido algum êxito, não deixa de ser verdade que o esforço de resistência ao poderio sul-africano tem custos que poderão ser trocados por vantagens na perspectiva de um entendimento regional.

Optimismo face à realidade

Hoje, os desafios que se colocam à África Austral têm necessariamente de ser colocados sobre uma nova óptica, isto é, o futuro na região passa por um entendimento entre todas as entidades políticas presentes e não uma divisão profunda entre dois campos distintos: de um lado a África do Sul próspera, e do outro, os restantes países da África Austral pobres e nalguns casos, como Angola e Moçambique fustigados pela guerra.

A África do Sul, mais do que qualquer outro país industrializado do Ocidente, pela sua próximidade e pelo seu poderio económico, pode dinamizar a região e é uma potência regional. Na perspectiva de sair do seu isolacionismo forçado, este país que só por si tem um PNB três vezes superior ao da SADCC, pode vir a ter um papel preponderante no desenvolvimento regional.

A criação de uma «constelação de Estados», sob a orientação da África do Sul, sempre foi o sonho de Pretória. P.W. Botha, ex-presidente da RAS, nunca o conseguiu concretizar por não ter evitado uma política externa agressiva assim como uma política interna de segregação racial. O factor estratégico, hoje minimizado, permite à África do Sul abordar a questão num âmbito diferente. A cooperação económica entre a RAS e a SADCC é uma hipotese viável para a região, mas para que isso se concretize é preciso resolver os problemas mais imediatos, sem o que os cenários ficarão vazios.

Problemas a resolver

Na África do Sul ,as reformas terão de levar, tão rapidamente quanto possível, ao desaparecimento do apartheid e à instauração de um regime democrático reunindo os consensos possíveis. Em Angola e Moçambique, a guerra terá de acabar, assim como terá de se pôr fim a todas as intervenções estrangeiras na África Austral, sejam elas de que origem forem. As convergências diplomáticas e políticas em curso entre os EUA, URSS e CEE poderão ser um elemento decisivo nesse ponto. Por último, é necessária a manutenção dã ajuda de emergência aos países da SADCC, reforçando igualmente o apoio à reconstrução das economias mais debilitadas pela guerra, como as de Angola e Moçambique.

Nuno Azevedo

O Sul em riscos de perder o Norte

No início de Janeiro, o Ministério francês da Cooperação e Desenvolvimento realizou uma sondagem junto dos principais intervenientes económicos na África sub-saariana. Os resultados foram considerados alarmantes: 77 por cento dos investidores pretendem desenvolver a sua actividade em outros pontos do mundo, sair de África, e 48 por cento têm mesmo planos de parar com os projectos em execução, no decurso dos próximos três anos.

As aberturas no Leste vieram criar um clima de euforia nos meios empresariais europeus. A «Casa Comum Europeia» apresentou-se com uma vasta região de possibilidades empresariais, com um mercado de vários milhões de consumidores. A acrescentar a este facto, para a CEE as reformas nos países de Leste estão a ser assumidas, politicamente, como se de uma questão interna se tratasse.

África arredada do comércio mundial

Face a este cenário a preocupação dos países africanos é evidente: «A ajuda da CEE prometida à Hungria e à Polónia para os próximos três anos é de cerca de 60 dólares por habitante ao passo que, a ajuda financeira aos países de África, Pacifico e Caraíbas (ACP), previstos nos acordos de Lomé IV, consagram apenas uma média de 33 dólares, por habitante e para um período de cinco anos». As palavras de Seydina Sy, ministro do Comércio do Senegal, que liderou as negociações sobre a assinatura do novo acordo de Lomé, são um exemplo evidente desta preocupação.

Seydina Sy recorda que, durante as duras discussões CEE/ACP antes da assinatura dos acordos, na capital do Togo, a 15 de Dezembro último, «os países mais reticentes quanto a um aumento dos fundos financeiros para o programa de ajuda aos países ACP foram precisamente os que estavam mais empenhados em ajudar o Leste», ou seja, a Grã-Bretanha, a Holanda e, claro está a Alemanha Federal. Michel Rocard deslocou-se de propósito a Lomé para garantir que a ajuda da CEE ao Leste não se faria à custa dos fundos destinados ao desenvolvimento africano. A França, recorde-se, é o país que destina a maior quantidade de ajuda financeira a África, logo seguida do Japão. François Mitterand veio, também recentemente, reafirmar a posição do Governo francês sem no entanto conseguir afastar o clima de cepticismo generalizado por parte dos parceiros africanos e em parte confirmado pela realidade dos números.

Em contrapartida, o clima de optimismo com que foram comentados os novos acordos de Lomé IV, escondem, de alguma forma, alguns problemas de fundo. Primeiro, o aumento em 40 por cento dos fundos destinados aos países ACP correspondem, em termos reais, a um aumento de 20 por cento. Se se tiver em conta o crescimento demográfico e a ajuda por habitante, as verbas da CEE acabam mesmo por sofrer uma baixa em relação ao valores atribuídos no âmbito dos anteriores acordos de Lomé III. A estes números há ainda a acrescentar o facto de apenas dois ou quatro por cento - consoantes as fontes - das importaçãoes da Comunidade serem provenientes dos países ACP, número que corresponde a um decréscimo face aos oito por cento verificados há 15 anos atrás.

Entretanto, no contexto mundial os países africanos veêm-se cada vez mais isolados no que se refere ao peso das sua exportações: 2,5 por cento apenas, dos quais 20 por cento têm origem na África do Sul.

Recentemente o presidente do Centro de Desenvolvimento da OCDE, Louis Emmerij, numa entrevista concedida à revista «Jeune Afrique Economie» pôs um travão face à euforia existente em relação ao Leste europeu: «A África atingiu o seu momento mais baixo. Mas estou convencido que a situação se irá alterar proximamente. Não é este o momento para se deixar África, tanto mais que o Leste não é propriamente um Eldorado. A Polónia, a Checoslováquia, a Roménia estão em crise. A Hungria e a RDA estão à beira da exaustão. Os empresários que deixarem agora África vão encontrar no Leste a mesma situação que encontraram, há 25 anos atrás, quando chegaram ao continente africano».

Ainda que as ajudas aos países de África estejam institucionalmente asseguradas, a situação, tudo indica, parece a dois passos de sofrer algumas alterações. Segundo os especialistas económicos, o futuro de uma «Casa Comum Europeia» irá contribuir para a formação na Europa de empresas com maior capacidade negocial perante os países africanos. As exigências vão aumentar. E a abertura de novos mercados a Leste não significa propriamente um crescimento do peso dos países africanos exportadores de matéria-prima. Esse mercado poderá, isso sim, beneficiar sobretudo os países da Ásia do Sul. A curto prazo a África poderá ver-se na necessidade de ter que contar com os seus próprios recursos. E os países do Norte poderão alargar as sua exigências aos países africanos, desta feita, obrigando-os a encetar reformas políticas. A questão já foi tocada levemente. Aliás, a exemplo do que se passou em parte com o Leste europeu, o chamado «direito de ingerência» é já avançado como um dos modelos que estará cada vez mais em voga no futuro da cooperação, quer seja Este-Oeste ou Norte Sul. Os touros estão à solta...

Carlos Camponez

François Mitterrand e Michel Rocard: apesar das garantias dadas pela França de que as ajudas a Leste não se farão à custa da ajuda aos países africanos, o cepticismo permanece

Tecnologia e «know-how» são cartadas ao alcance de Portugal

A África Austral, região do mundo que, desde o último quartel do século passado, tem vindo a assumir uma importâcia crescente no contexto das relações internacionais, vive na actualidade os complexos problemas de integração à escala nacional e regional, cuja solução é dificultada por condicionantes múltiplas, desde as guerras, o subdesenvimento e a fome. Essa zona, de influência predominantemente britânica, é o palco onde várias potências europeias, como o Reino Unido, França, Itália, RFA, Espanha (para não falar dos EUA, URSS e Japão), desenvolvem actualmente uma intensa ofensiva político-diplomática e económica, para a defesa e expansão dos seus interesses.

As responsabilidades portuguesas

Portugal, pela sua estreita ligação histórica, com uma presença humana, que já teve peso em Angola e Moçambique (e que no futuro pode voltar a ter), e na África do Sul (mais de 600.000 portugueses), tem também interesses e responsabilidades de diversa ordem, não só nesses países, como também na Namíbia, que recentemente ascendeu à independência.

Embora financeiramente não possamos competir com os demais países envolvidos nessa área geográfica, dada a escassez dos nossos recursos, outros campos de cooperação mantêm-se-nos abertos, sobretudo agora, que se esboçam soluções para os conflitos que nas últimas décadas têm assolado a região.

Com efeito, Portugal dispõe de um factor produtivo ainda relativamente abundante: uma tecnologia e um «know-how» dos mais adequados para África, que pode compensar essa fragilidade económica. Importa, pois, mobilizar e desenvolver esse factor, em articulação com os recursos financeiros canalizados pelos países mais ricos ou da Comunidade (no âmbito dos acordos de Lomé ou em cooperação trilateral), tendo em vista uma estreita cooperação com os países da SADCC. Trata-se de uma acção que, à partida, se revela prometedora em benefícios para Portugal.

Uma oportunidade para Portugal

É sabido que, na actual fase de desanuviamento Leste-Oeste, a resolução dos conflitos regionais, e os da África Austral em particular, assume prioridade na cooperação concreta entre os Estados Unidos e a União Soviética. Na concretização dessa política, averbam-se já resultados francamente positivos, como a eliminação da presença militar cubana em Angola, a independência da Namíbia e a evolução da situação sul-africana, no sentido da eliminação do apartheid.

Refira-se que o Governo português perdeu, por diversas vezes, a oportunidade de ter uma actuação de relevo nos processos africanos, incluindo os de Angola e Moçambique.

Mas agora, a tendência normalizadora que se está a desenhar na África do Sul e a posição moderada que, pelo menos por enquanto, tem caracterizado os dirigentes da Namíbia independente, são dados que propiciam um maior empenhamento político português na região.

Contudo, se é evidente o interesse na cooperação com a África Austral, no seu todo, a prioridade deve ser dada aos países de expressão oficial portuguesa (Angola e Moçambique), quer pelos laços culturais, quer pela sua posição estratégica no triângulo da África Austral.

A cooperação com a África Austral, que pressupõe vantagens mútuas, parece-nos em princípio o instrumento indicado para colaborar na reconstrução desses países e, no caso das duas ex-colónias, deve ir para além do âmbito ténico-económico, alargando-se ao sócio-cultural, que muito poderá contribuir para a unidade nacional desses países, onde factores étnicos e linguísticos têm constituído entraves a ter em consideração.

O contributo português na África Austral (actualmente numa encruzilhada decisiva) se em Portugal houver vontade política suficiente, poderá, não é demais repetí-lo, trazer-nos vantagens concretas e inestimáveis.

As dificuldades para a integração regional, serão tanto menores quanto mais conseguida for a integração nacional nos diversos Estados, no respeito e reconhecimento das diversidades e soberanias.

É desejável que a estreita dependência dos países da área, em relação à Africa do Sul (que vem dos tempos coloniais e que esteve na origem da criação do SADCC), deixe de ser uma grilheta política para se transformar numa relação de complementaridade.

Portugal precisa, pois, para além das acções pontuais que o organismo competente tem vindo a desenvolver, de definir uma política clara e cumprí-la. Dentro das nossas limitações, mas aproveitando o facto de pertencermos à CEE, poderemos canalisar recursos humanos e outros, sem o que, num futuro próximo, teremos sido postos «fora de combate» pelos nossos parceiros da CEE e por outras potências, que, conscientes das potencialidades do subcontinente africano, já marcam presença destacada na região.

J.F.

COMENTÁRIO

Elogio da pequenez

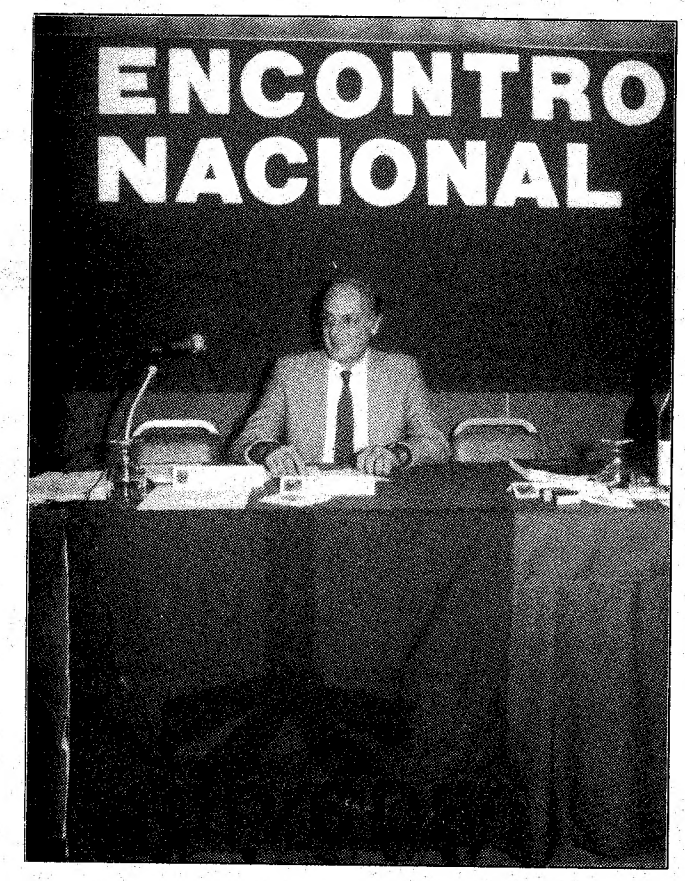
A ajuda dos países desenvolvidos ao Terceiro Mundo não tem produzido os resultados legitimamente previsíveis e o caso faz pensar. Somas fabulosas canalizadas ao longo de décadas para o combate ao subdesenvolvimento traduzem-se em progressos magros, por comparação. O que parece decorrer delas de modo inquestionável é a manutenção, apesar dos sobressaltos, das élites no Poder nos Estados ajudados e um relativo sossego nos Estados ajudantes. Ocorre perguntar, sem incorrer em pecado de inocência maior, onde termina a generosidade dos últimos e principia o conluio dos primeiros com a defesa de um *statu quo* desejável internacionalmente.

A estratégia que contempla os países africanos não difere, neste aspecto, da estratégia global de auxílio. Há uma prioridade nítida para a preservação das condições que exigem ajuda, no melhor eco dos bailes de caridade. Um exame rápido dos programas no que toca à selecção de tecnologias revela como são calculadamente desadequados ao estádio de desenvolvimento dos presumíveis beneficiários: onde faz falta o mais simples equipamento transformador do ferro, sobram prodígios de *software*. Um dos efeitos anedóticos — e trágicos, evidentemente — deste absurdo é, por exemplo, a incapacidade de tornear um parafuso que sirva na máquina importada a crédito — com a qual, aliás, não são, muitas vezes, vendidos sobressalentes, para obrigar à sua substituição integral quando se avaria. Paralelamente a este modo típico de garantir o fluxo *ad aeternum* de um lucrativo caudal benfazejo, alimenta-se a sumptuosidade das elites governantes, cujos eventuais deméritos democráticos nada valem perante a capacidade que demonstrem de sustar a mole imensa do campesinato africano, ainda mal desperto para o abismo que o separa da pequena-grande burguesia dominante.

Agora, a emergência de mercados virgens a Leste torna patente o «desinteresse» deste auxílio, inquinado de cobiças várias inassimiláveis à justa contrapartida. Os grandes preparam-se para abandonar a África, atraídos pelo apelo de outras moles imensas ávidas de consumir.Será isto necessariamente um mal para os africanos? A resposta depende, em boa parte, da intervenção ajustada dos menos grandes, daqueles que só têm para oferecer médias tecnologias — as tais de que carecem, para um desenvolvimento sustentado, economias cujo atraso é considerável — e também da capacidade que os países destinatários, neste caso os da África Austral, manifestarem para se entenderem numa perspectiva regional — o que pressupõe a paz em Angola e Moçambique, o fim do *apartheid* na África do Sul, uma democratização generalizada —, a fim de, juntando forças, reduzirem a dependência extra-continental. Neste quadro, as perspectivas que se abrem a um pequeno País como Portugal são aliciantes: partilhamos, na nossa medida, com os africanos subdesenvolvidos a pertença ao Sul das economias. Podemos entendê-los, pois, melhor, não apenas por motivos de ordem histórica; e, pela mesma razão, o que temos para lhes oferecer é de modéstia apropriada às suas necessidades. A vantagem de uma cooperação assim é mútua, sem sombra de dúvida, de relevância histórica indiscutível — e protegida de riscos neocolonialistas pela nossa envergadura.

João Paulo de Oliveira

POLÍTICA



Presidência do MDP cessa funções

José Tengarrinha deixa partido

José Manuel Tengarrinha afastou-se do MDP até ao congresso do partido em 12 e 13 de Maio, podendo retomar funções directivas se os militantes assim o entenderem na reunião magna do partido. O presidente do MDP/CDE comunicou sábado a sua decisão aos membros do Encontro Nacional, que se realizou em Lisboa para discutir o futuro do partido e a analisar as oito moções já entregues para o congresso. «A última palavra quanto ao papel e ao futuro do MDP/CDE caberá aos seus militantes», disse Helena Cidade Moura ao DL.

Nesse sentido, o encontro nacional de sábado ocupou bastante tempo na discussão e aprovação do regulamento do congresso, de modo a torná-lo mais flexível, permitindo assim uma larga e decisiva participação dos militantes do partido, não apenas na reunião magna do partido, mas também na elaboração das suas linhas estratégicas e programáticas.

Tudo indica, segundo a tendência maioritária evidenciada neste encontro nacional, que o MDP continue como partido. As alternativas apresentadas não conmvenceram a maioria dos conselheiros, que, apesar de tudo, apostam no MDP/CDE como «pequeno partido».

Ao mesmo tempo que Tengarrinha comunicava a determinação de suspender a sua militância até 12 de Maio próximo, a presidência em bloco suspendia as suas funções até ao congresso sem, todavia, cessar a sua actividade em prol do MDP, em particular na preparação do congresso.

Lembre-se que este órgão dirigente era até sábado formado por José Manuel Tengarrinha, Helena Cidade Moura, Silveira Ramos, Amílcar Ribeiro, António Taborda e Manuela Ramos. Alguns deles integram a comisão organizadora do congresso.

Para obviar ao vazio que eventualmente poderia resultar desta decisão, o Encontro Nacional do MDP/CDE - o seu mais importante órgão entre congressos - elegeu os porta-vozes do partido que o representarão até ao congresso de 12 e 13 de Maio.

A eventual extinção do MDP/CDE parece fora de causa. Embora essa fosse uma das hipóteses colocadas ao encontro nacional, acabou por não ser nuito bem acolhida, do mesmo modo que a sua integração no PS ou a fusão com o PRD.

Um dos militantes do MDP/CDE decidiu, no entanto, manter uma moção na qual preconiza, em alternativa à manutenção do partido, a sua reconversão ou dissolução, sobre a qual os congressistas se terão de pronunciar nos dias 12 e 13 de Maio. É uma das oito moções já conhecidas, tendo Helena Cidade Moura adnitido ao DL que outras sejam apresentadas nos próximos dias.

J.R.

Calma regressa a Macau

Melancia estuda impacto social da legalização de clandestinos

O Governador de Macau, Carlos Melancia, iniciou hoje uma série de contactos com a União Geral de Moradores, União Geral de Operários, Associação Comercial, Associação Industrial e Associações de Bancos e de Exportadores, com vista a uma recolha de opiniões sobre a política a seguir quanto à legalização dos imigrantes clandestinos chineses e suas consequências sociais e económicas.

É de 45 054 o número de imigrantes clandestinos, cujo registo acaba de ser concluído pelas Forças de Segurança.

A calma voltou a Macau após os incidentes da semana passada em que, sucessivamente, emigrantes clandestinos e polícias se manifestaram, gerando uma situação de caos.

Mas, se a manifestação dos imigrantes, além de ter sido pacífica, é explicável nas suas origens, o mesmo não se pode dizer da dos elementos das Forças de Segurança.

Uma grande parte da opinião pública de Macau pensa que a manifestação dos polícias foi «orquestrada», provavelmente por alguns elementos do meio da hierarquia, num processo ainda pouco claro.

O problema dos imigrantes clandestinos agravou-se a partir do restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e China.

Antes disso, os chineses efectuavam um patrulhamento rigoroso das fronteiras o que tornava mais difícil a passagem. Esse controle atenuou-se nos últimos anos e as autoridades portuguesas têm sido confrontadas com a entrada constante de ilegais.O problema é ainda agravado pela actuação dos chamados «cabeças de cobra», agentes de um negócio de passagem de imigrantes clandestinos para Macau.

Apesar de ser apenas necessário nadar meia dúzia de metros para passar da China para o território, parece óbvio que o negócio não poderia ter prosperado, nem o número de ilegais ter atingido esta expressão, sem a existência de infiltrações na própria polícia.

A estratégia do comandante das Forças de Segurança, ao anunciar publicamente a regularização de situações de famílias em que algum dos seus membros se encontrava ilegal, levou-o a perder o controlo da situação.Logo que a notícia foi conhecida, todos os outros imigrantes clandestinos sairam para a rua reclamando a sua legalização.

Pior ainda, a notícia espalhou-se do outro lado da fronteira, o que fez com que muitos mais passassem nos últimos dias da China para Macau. Só a colaboração entre as autoridades chinesas e portuguesas evitou que a situação se tornasse mais grave.

O papel de Proença de Almeida

O responsável pelas Forças de Segurança viu-se de repente com um número de imigrantes ilegais nas ruas que ultrapassava todas as previsões. Sabia-se que que esse número era elevado mas, oficialmente, nunca ninguém soube quantos eram de facto.

Entretanto, Carlos Melancia desmentia, no sábado, à Lusa, que o comandante das Forças de Segurança, Proença de Almeida, lhe tivesse colocado o lugar à disposição, na sequência da manifestação dos polícias.

O Governador de Macau disse ser precipitado avançar com decisões desta natureza numa altura em que se encontra praticamente aprovada a nova versão do Estatuto Orgânico, que extingue o cargo de comandante das Forças de Segurança.

Em Belém, o Presidente da República segue com atenção os problemas em Macau, através de informações prestadas pelo Governador e pelo presidente da Assembleia Legislativa de Macau.

Ontem, chegaram ao território o general Carlos Azeredo, Chefe da Casa Militar do Presidente da República, e o coronel Monge, assessor militar, enviados por Mário de Soares com o objectivo de tomarem conhecimento pessoal e directo dos problemas surgidos. Nenhum deles prestou até agora quaisquer declrações.

Redacção DL7Lusa

lusa

Imigrantes ilegais junto da entrada do Palácio da Praia Grande, sede do Governo

B R E V E S

Soares promove «Estado de S. Paulo»

O Presidente da República portuguesa é um dos promotores do jornal «Estado de S. Paulo» na campanha publicitária que lançou ontem para apostar numa maior expansão. Além de Mário Soares, apresentam o ministro da Cultura de França, Jacques Lang, o escritor e candidato à Presidência do Perú, Vargas Llosa. O «Estado de S. Paulo» publicou fotografias destas três personalidades na sua edição de ontem. A legenda da foto do Chefe de Estado português dizia: «Mário Soares, Presidente de Portugal: abajur providencial».

PRD prepara Conselho Nacional

A Comissão Directiva do PRD reúne-se esta noite na sede nacional do partido com uma ordem de trabalhos em que avultam a calendarização das principais actividades relativas à IV Convenção Nacional e o Conselho Nacional de 29 do corrente.

JS: Seguro já tem maioria

O candidato à liderança da Juventude Socialista, António José Seguro, assegurou já a maioria de delegados ao congresso, batendo os seus concorrentes (Rui Franco, Miguel Valente, Adolfo Palma, Júlio Santos e Luís Ferreira) neste primeiro teste. Marcado para os dias 28 e 29 do corrente, o congreso debaterá seis moções, entre elas a de Seguro, intitulada «Vamos fazer os dias diferentes». Ainda no campo socialista, realce para o colóquio «As Questões Sociais no Distrito de Setúbal» que domingo terá lugar em Setúbal com a participação de Maria do Céu Esteves, Vítor Hugo Sequeira, Leonor Coutinho, entre outros.

Açores depende da CEE

«O desenvolvimento dos Açores dependerá muito da solidariedade europeia», disse o presidente daquele Região Autónoma, no encerramento da «Semana da Europa». Mota Amaral disse que a opção dos Açores pela integração na Comunidade Económica Europeia foi «consciente».

A CEE tem manifestado «disposição para compreender a diferença açoriana», afirmou o líder açoriano que considerou globalmente positivo o saldo da integração, embora ainda «não satisfatório».

Na perspectiva de Mota Amaral, aos açorianos «não pode faltar a solidariedade europeia» ao pretenderem elevar os Açores «aos padrões médios das mais avançadas regiões do País e da Europa».

Mota Amaral insistiu na reivindicação dos Açores de querer criar um círculo eleitoral próprio para o Parlamento Europeu e preconizou o reforço dos seus poderes.Por seu turno, o comissário europeu Cardoso e Cunha considerou que «Portugal tem um número de representantes nos órgãos da CEE que excede em muito a dimensão do País» mas sublinhou o facto de a interdependência comunitária não anular a sua soberania e independência.

A psicose das cartas

Morais e Silva longe de chegar a general

O futuro militar do coronel Morais e Silva parece ensombrado - admitem fontes castrenses. A história das cartas que escreveu e fez circular na Força Aérea - cinco, entre 17 de Maio de 1989 e 5 de Março deste ano - poderá afastar-lhe as estrelas de general que em condições normais estariam, apesar de tudo, ao seu alcance.

«Os problemas aumentam em número e crescem em gravidade», escreve Morais e Silva na última carta, datada de 5 de Março. «Entretanto, quando se esperaria que fossem tomadas as decisões necessárias que atacassem os males, verifica-se (que) as decisões ou não aparecem ou quando surgem ainda mais complicam a situação».

«Para onde vai a Força Aérea ?»

Nesse mesma carta ao «camarada da Força Aérea», Morais e Silva pergunta «para onde vai esta Força Aérea», depois de salientar que «houve a primeira greve de pilotos na Força Aérea, continua a confusão total no tratamento das situações provocadas pelo pessoal que quer sair».

Há quem se interrogue na Força Aérea sobre esta súbita preocupação de Morais e Silva pelos pilotos que «querem sair» e a razão por que diz que «a Força Aérea é de todos nós e não apenas de alguns».

As suas duas primeiras cartas, de 17 de Maio e 6 de Dezembro de 1989, foram remetidas ao general Conceição e Silva, a primeira sobre «um conjunto de factos» que tiveram lugar durante as cerimónias de homenagem póstuma ao tenente-coronel Almeida e Brito, piloto aviador morto na Guiné-Bissau durante a guerra colonial.

Nessa primeira carta, de sete páginas dactilografadas enviada ao CEMFA, Morais e Silva insurge-se de princípio ao fim sobre todos os pormenores do acto. Na segunda, em que o assunto são «cerimónias funerárias», o ex-chefe do Estado-Maior da Força Aérea volta à carga com o «caso» Almeida Brito e pergunta se não há generais na FAP. Na terceira (treze páginas escritas à mão) afirma, entre outras coisas - em grande parte consideradas «despropositadas» por meios da Força Aérea - que «em todos os contactos que tenho tido com o pessoal de várias áreas de actividade, tenho notado que o tom das queixas e críticas aumenta todos os dias».

O «caso Costa Martins»

O seu vício de escrever, ordenar autos e enviar mensagens é antigo. Fontes ligadas à FAP e à Polícia Judiciária Militar, PJM, recordam a «declaração de guerra» que em 21 Julho de 1975 pretendia enviar ao chefe do Estado-Maior da Armada e as suas atitudes para com o major piloto aviador e ex-ministro do Trabalho, Costa Martins.

Na mensagem que redigiu, mas que terceiros impediram de ser transmitida para a Marinha para «evitar um banho de sangue», disseram fontes contactadas pelo DL, o então chefe do Estado-Maior da Força Aérea acusava aquele ramo de «tomar uma posição divisionista unilateral que está a ter profundas e graves consequências num ramo que não precisa que lhe ensinem qual o dever».

Quanto ao «caso» Costa Martins, o ex-CEMFA é objecto de um processo-crime, passível de uma pena de entre seis a oito anos de prisão, por alegado indício de falsificação de datas.

Morais e Silva é ainda acusado de estar implicado num processo - contra Costa Martins - com «origem em falsas declarações» acerca de uma reunião no extinto Copcon e de haver feito desaparecer documentos militares importantes. Aliás, de discrepâncias e falsidades consta quase integralmente a queixa que a PJM tem em seu poder, apresentada por Costa Martins contra Morais e Silva enquanto ex-CEMFA, que o tribunal deverá apreciar ainda este ano judicial.

O antigo chefe do Estado-Maior da Força Aérea proibiu inicialmente - na sequência dos acontecimentos de 25 de Novenmbro de 1975 - a entrada de Costa Martins em todas as unidades da FAP, demitiu-o da Força Aérea sem processo disciplinar. Depois voltou a demiti-lo (acusando-o de deserção) e patenteou, em mais de uma ocasião, aquilo que fontes castrenses consideram «usurpação de poderes».

Isto porque, naquele período, o visado - agora queixoso - estava colocado no Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Júlio Rodrigues

Almoçou com Cavaco, janta com Soares

Presidente da Índia visita esta tarde o Parlamento

O Presidente da República da Índia vai estar esta tarde na Assembleia da República, no terceiro dia da sua visita oficial a Portugal. Ramaswami, que amanhã deixa Lisboa em direcção ao seu País, foi hoje obsequiado com um almoço oferecido pelo primeiro-ministro Cavaco Silva, no Palácio Nacional de Sintra. Encontrar-se-á de novo com Mário Soares, esta noite, durante o jantar que o Presidente da República portuguesa lhe oferecerá no Palácio de Queluz. Mário Soares propôs «um maior dinamismo e ambição» para os programas de cooperação entre Portugal e a Índia, durante o banquete em honra do Chefe de Estado indiano. Recordando o restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, em 1975, justamente quando era ministro dos Negócios Estrangeiros, Soares disse haver «muito a fazer para pôr em prática os intercâmbios previstos pelos acordos existentes nas áreas económica e cultural e para criar novos instrumentos que nos permitam uma maior aproximação».

O Presidente da República indiana sublinhou entretanto - na cerimónia em que recebeu das mãos do presidente da Câmara Municipal de Lisboa a chave de honra da cidade - que «é encorajador ver empresários em Lisboa cujas raízes se encontram na Índia», constituindo uma ponte entre os dois países.

Antes, Jorge Sampaio havia assinalado o facto de a Índia e Portugal terem cumprido «um papel de charneira entre mundos diferentes», sublinhando ainda a próxima geminação de Lisboa com a cidade de Pangim.

Agora

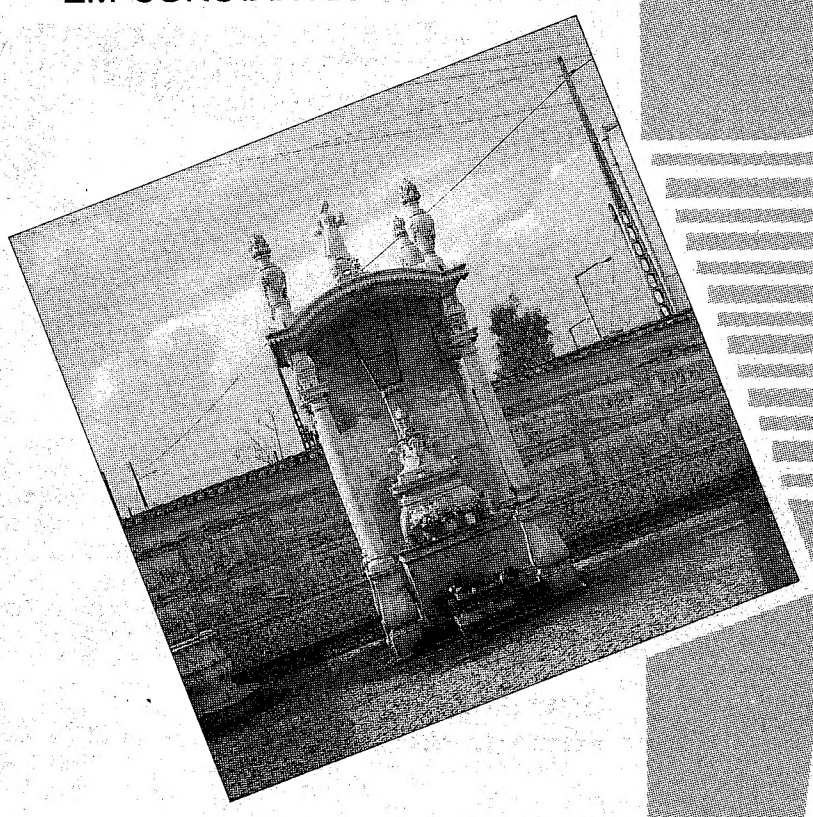
Companhia Geral de

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

em

ODIVELAS

DUAS REALIDADES
EM CONSTANTE EXPANSÃO



Com 125 anos de experiência e mais de 60 balcões em todo o país, o CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS, em constante actualização e crescimento, está agora, também, em ODIVELAS.

Rua Alexandre Braga, Lote 1 - r/c
2675 ODIVELAS

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

GRAFIDEC

POLÍTICA

Norte apoia recandidatura de Eurico à vice-presidência do PSD

Eurico de Melo está cada vez mais próximo de aceitar a recondução no cargo de vice-presidente da Comissão Política Nacional do PSD. Em contrapartida, vai reivindicar um maior peso do Norte dentro do partido, justificado agora com a entrada da nova vaga de destacados militantes.

A adesão de nomes como Salvador Caetano, Américo Amorim e do filho de Pinto da Costa, além de muitos outros empresátios, médicos, futebolistas e advogados foi o trunfo decisivo para a Comissão Política Distrital do Porto jogar forte na conquista de lugares na direcção do partido.

O encontro entre Eurico de Melo e Cavaco Silva em Santo Tirso e a participação do «barão do Norte» na conferência de Imprensa para a apresentação dos novos militantes provocaram uma grande concentração de dirigentes do Partido Social Democrata no Porto, dando a Luís Filipe Menezes a oportunidade de «brilhar».

Eurico de Melo, na conferência de Imprensa, não se sentou ao lado do jovem social-democrata. «Uma atitude premeditada, já que a estrela é o Luís», disse ao DL uma fonte do PSD.

Fernando Nogueira, que aproveitou, durante o jantar de boas-vindas aos novos militantes, para mandar recados para Lisboa, disse em determinado momento do seu discurso que «há políticos que rasgam o firmamento como cometas, mas são as estrelas que ficam». Vinha esta conversa a propósito do elogio ao trabalho da distrital do Porto e da crítica «àqueles que fazem política através de artifícios na Comunicação Social».

O jantar de amanhã que vai juntar nomes com influência em Lisboa, em casa de Rui Gomes da Silva, está atravessado na garganta de Fernando Nogueira, um homem que reafirma o pragamatismo político para fugir «às utopias irrealistas».

Bruno Neves

Eurico de Melo e Cavaco Silva de novo juntos

O discurso de Nogueira, no sábado, foi do princípio ao fim um conjunto de mensagens políticas destinadas à aproximação à distrital do Porto, conjugação de forças contra o grupo ou os grupos de Lisboa, reforçando ao mesmo tempo a posição da Comissão Política Nacional.

O grupo do Norte está disposto a apoiar o candidato de Fernando Nogueira para o cargo de secretário-geral do partido, Marques Mendes, se em contrapartida conseguir colocar mais um homem na Comissão Política Nacional.

Luís Filipe Menezes não se quis pronunciar sobre este assunto. «Confio nas decisões da Comissão Política do partido», disse ao DL. Mas como o seguro morreu de velho, apresentou primeiro uma lista de cerca de 50 novos militantes com alguns dos nomes mais endinheirados do Norte.

Cavaco Silva continua a baralhar os dirigentes social-democratas. Ninguém sabe quem vai ser o novo secretário-geral do PSD. Quanto à vice-presidência, além de Eurico deMelo, são indicados como mais prováveis os nomes de Leonor Beleza, Dias Loureiro e Rui Carp.

Continua em estudo a hipótese do presidente do partido reduzir o número de vice-presidentes e aumentar os lugares dos vogais da Comissão Política. Os vogais ficariam com pelouros específicos o que permitiria dar maior apoio ao trabalho do secretário-geral.

Só Cavaco Silva pode neste momento confirmar qual vai ser a nova direcção do partido e com que estrutura. É provável que nem Fernando Nogueira tenha ainda todas as informações, apesar de ser um dos poucos homens que pode falar em nome de Cavaco, como aconteceu no jantar de boas-vindas aos novos militantes,no Porto.

Maria João Rocha

Monárquicos admitem participar nas presidenciais

O novo líder dos monárquicos, Nuno Cardoso da Silva, saído do XIII congresso do partido que decorreu no fim-de-semana, em Viana do Castelo, admitiu a hipótese de o PPM vir a participar nas eleições presidenciais de 1991, não com uma candidatura autónoma, mas com um candidato consensual negociado com outras coligações.

Ribeiro Teles disse ao DL que esta estratégia não é contraditória e é até positiva «se for necessário estabelecer um diálogo aberto para a resolução dos problemas do País. É uma forma viável de abrir os olhos aos portugueses».

Para justificar a sua posição o ex-presidente dos monárquicos disse que o facto de Portugal «estar a perder a identidade e a sua importância no estrangeiro obriga a uma reflexão profunda» e, por exemplo, à adopção de uma estratégia como esta.

A eleição de Nuno Cardoso da Silva para a liderança do PPM foi a solução encontrada depois de inesperadamente, Marco António Oliveira, o candidato dado como certo, ter manifestado a sua «pouca disponibilidade» para assumir aquele cargo, facto que suscitou celeuma entre os congressistas que se preparavam para votar a única lista apresentada à mesa e encerrar os trabalhos.

Marco António Oliveira manifestou insatisfação pelo facto de o congresso não ter ponderado devidamente a sua falta de disponibilidade para assumir a presidência da partido. «Parece-me indecoroso ser eleito para um cargo destes quando à partida tenho apenas 50 por cento do tempo para assumir uma liderança que deve ser a 100 por cento», disse.

A intervenção daquele dirigente levou à interrupção dos trabalhos e teve de ser encontrada uma solução para o problema deixado em aberto.

Nuno Cardoso da Silva foi o monárquico «descoberto» para ultrapassar o impasse. Além do novo presidente do Directório e da Comissão Política foram eleitos Bento Moraes Sarmento, para a Comissão Executiva, seguido do «desistente» Marco António Oliveira.

A grande aposta de Cardoso da Silva é a de revitalizar o partido. Na sua opinião, os monárquicos deverão estar agora mais virados para as «questões de fundo do que propriamente para os problemas eleitorais». Acrescentando: «O grande problema dos monárquicos não está nas ideias nem nas doutrinas, mas na sua falta de militância e organização interna».

Lusa

Nuno Cardoso da Silva, novo líder do PPM

O terceiro presidente do PPM, que sucede a Gonçalo Ribeiro-Teles e Augusto Ferreira do Amaral tem 47 anos, é licenciado em Geografia Económica pela Universidade da África do Sul. Desde 1987, altura em que aderiu ao partido, é director coordenador de uma companhia de seguros privada. Os últimos 15 anos da sua vida têm sido passados na Europa e em 1989 foi candidato do PPM às eleições para o Parlamento Europeu.

Candidatura presidencial adiada por oito dias

Herculano Pombo e Maria Santos favoráveis à autonomia dos Verdes

Os Verdes reuniram o seu Conselho Nacional, durante o fim de semana na Covilhã, mas não tomaram nenhuma das decisões práticas que tinham sido programadas, excepto a de adiar tudo para o próximo domingo, em Lisboa. No mais, o partido ecologista limitou-se a partir pedra sobre a sua eventual participação autónoma nas eleições presidenciais e a buscar lenha, na Serra de Estrela, para a fogueira da interpelação ao Governo que estão a preparar na Assembleia da República.

É, no entanto, um dado adquirido e isso foi confirmado na reunião, que as duas principais figuras do partido ecologista, Maria Santos e Herculano Pombo, defendem a progressiva autonomização dos Verdes em relação ao PCP, a começar já pela intervenção com um candidato próprio, nas próximas eleições presidenciais.

A questão das presidenciais monopolizou os debates de sábado e forçou, inclusive, o prolongamento da sessão, até às nove da noite. A eurodeputada Maria Santos já tinha, ao longo da tarde, manifestado diversas vezes à Imprensa a sua defesa absoluta da tese da candidatura autónoma. Admitiu, inclusive, ser ela própria a candidatar-se, se a maioria lhe for favorável.

Não se chegou a formar uma tendência dominante, na abordagem desta questão, até devido à ausência do deputado Herculano Pombo que retirou aos defensores da autonomia dos Verdes um dos seus mais fortes apoios. Por isso não se votou, sendo a decisão final adiada por oito dias.

Participantes na reunião da Covilhã disseram ao DL também não se ter falado das eleições legislativas, onde idênticas opções se vão colocar aos Verdes, isto é, saber se concorrem com uma lista autónoma ou se continuam a intervir na vida política parlamentar lado a lado com o Partido Comunista, no seio da CDU.

A corrente favorável à autonomia de acção e à demarcação do PCP começa a ser, no entanto, uma realidade no interior dos Verdes, paralelamente à defesa da aproximação às associações ecologistas. E o teste à bondade desta opção deve ser feito, segundo os seus mentores, durante as eleições presidenciais para que a decisão sobre as legislativs seja tomada em função dos resultados obtidos pelo candidato presidencial dos Verdes.

Maria Santos é a personalidade em melhores condições de vir a ser designada, se o Conselho Nacional do próximo fim de semana consagrar a tese da autonomia dos Verdes. Na Covilhã foi também considerada a hipótese de apresentar um candidato com prestígio entre a generalidade dos ecologistas e exterior ao partido. Mas nenhum nome foi avançado.

Serra da Estrela presente na Interpelação ao Governo

Para além de partir pedra sobre a questão das presidenciais, o Conselho Nacional dos Verdes foi à Serra de Estrela buscar lenha para a interpelação ao Governo que Herculano Pombo e André Martins estão a preparar na Assembleia da República.

As achas para esta fogueira foram apenas indiciadas, a saber, a poluição do Zêzere pela lavagem do volfrâmio nas Minas da Panasqueira; a retirada de areias no mesmo rio -embora menos intensa, continua a prejudicar seriamente a regularização do caudal e a por em perigo os terrenos agrícolas das duas margens, na Cova da Beira; e a anunciada unidade de branqueamento de papel, anexa à celulose de Vila Velha de Ródão, que vai deteriorar ainda mais o rio Tejo.

Os Verdes confrontaram-se também com duas ameaças que pairam sobre o Parque Natural da Serra de Estrela. Uma é a barragem do Lagoacho, que a EDP pretende construir próximo de Seia e vai destruir uma das últimas matas de carvalho negral; outra é o lançamento da IC-12, que iria ligar Viseu à Covilhã, e cujo traçado previsto rasga em dois o Parque, provocando danos graves no equilíbrio ecológico das especíes humanas e vegetais, se não for precedida de estudos aprofundados de impacto ambiental.

Estão ainda a ser instaladas unidades poluentes (nomeadamente em poeiras) no Parque Industrial de Castelo Branco. Mas estas e as anteriores são questões que um dos dois deputados Verdes na Assembleia da República deverá inventariar, mais em pormenor em deslocação posterior à região, para as incluir na interpelação parlamentar sobre o meio ambiente.

Daniel Reis

POLÍTICA

Em clima de transição pacífica, o VI Congresso da ANMP recusou, uma vez mais, a menorização do poder local e clamou pela urgência da regionalização. Cavaco não apareceu

Municípios em uníssono contra o Governo

A revogação de diversos diplomas que ferem a autonomia do poder local e a imediata institucionalização das regiões administrativas no Continente constituíram as mais importantes reivindicações do VI Congresso da Associação Nacional de Municípios, reunido este fim-de-semana em Cascais.

A importância política da tomada de posição da ANMP mede-se pela unanimidade que recolheu. Na única instituição nacional de cariz pluripartidário, a «unidade na acção» continua a ser a palavra de ordem que torna possível a convergência de pontos de vista entre membros de forças partidárias antagónicas - do CDS ao PCP - e uma transição pacífica de órgãos dirigentes.

Os socialistas, ao conquistarem a maioria em Dezembro, tornaram-se preponderantes no seio da ANMP *(ver caixa)*. Tudo indica, porém, que será preservada uma linha de continuidade na actuação política da organização. O poder central é o «inimigo número 1» e está tudo dito. Não espanta que seja o principal destinatário das críticas. Espanta porventura mais que Cavaco Silva, uma vez mais convidado a participar no congresso, não tenha comparecido para as ouvir de viva voz.

O discurso do novo presidente do Conselho Directivo na sessão de encerramento é, a este respeito, significativo. Mário de Almeida tocou insistentemente a tecla da continuidade e assegurou que, muito embora a ANMP não deseje assumir-se como contra-poder, «não se demitirá, com a legitimidade da representação que detém, de tudo fazer para sensibilizar a Administração Central a ver as autarquias como parceiros institucionais internos ao próprio Estado».

Rui Pacheco

Abílio Curto na sessão de abertura: houve quem não gostasse do seu apelo espontâneo à recandidatura de Soares

«Órgãos periféricos»

Às queixas de diminuição da autonomia das autarquias, os eleitos locais associaram a denúncia da atitude centralista em particular do Governo. Daí que tenham reclamado a revogação não apenas da Lei da Tutela mas também da legislação relativa à retenção de verbas destinadas aos municípios.

A contestação daquele diploma foi mesmo alvo de uma moção específica, que acusa o Executivo de tratar as autarquias como «órgãos periféricos» do Estado.

A crise financeira que o poder local atravessa não podia deixar de ser objecto de debate.

Os municípios, dotados de novas competências sem a correspondente afectação de recursos, desejam a aplicação integral da Lei das Finanças Locais e o reforço de meios financeiros. «É inaceitável - lê-se no texto das conclusões - a percentagem de cerca de cinco por cento que é transferida do Orçamento de Estado para os municípios».

A intensidade das críticas ao comportamento do Governo - mesmo de autarcas social-democratas - acabou, assim, por relegar para plano secundário uma decisão à partida considerada decisiva: o debate em torno da criação de uma instituição bancária de âmbito nacional vocacionada para o apoio aos municípios. A questão, suscitada num relatório da autoria de Luís Monterroso e Alípio Sol, é abordada no documento final, mas de forma ainda pouco definida.

Regionalizar já!

Mais afirmativo foi o congresso ao reivindicar a criação de regiões administrativas no Continente, desde logo as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto. Os autarcas, que admitiram o risco de o processo redundar numa diminuição do poder autárquico, estão conscientes de que as regiões não podem ser «criaturas do poder concebidas em abstracto».

A onda de optimismo - porventura exagerado - em relação a esta reforma de fundo do sistema político nem sequer parece ter sido contrariada pela intervenção «dissonante» do presidente da Câmara de Machico. Martins Júnior, eleito pela UDP, que levantou a lebre dos abusos do poder regional madeirense.

Em nome da regionalização - disse - sofre a ilha de Porto Santo uma «dupla insularidade», derivada da presença de um representante do Governo Regional. Em seu nome, a Câmara de Machico não foi ouvida nem achada na criação da Zona Franca da Madeira, que levou mesmo à deslocação forçada de populações. Em seu nome, ainda, a associação de municípios da região é constituída apenas por autarcas do PSD. «Se regionalizar é apenas negócio de cúpulas, de nada servem as regiões administrativas», concluiu o padre Martins.

A «cruzada» das freguesias

Se não restam dúvidas de que este congresso reforçou de cabedais a ANMP para prosseguir a sua batalha pela autonomia municipal, não é menos certo que a entidade corre o risco de se enredar em contradições internas, se não corresponder desde já às aspirações das freguesias.

Em causa, acima de tudo, a «concorrência» da Associação Nacional de Freguesias (ANAFRE), criada há dois anos. As freguesias, que nunca se sentiram suficientemente representadas na ANMP, voltaram à carga em Cascais. Na manhã de sexta-feira, a secção dedicada à discussão dos poderes e atribuições das autarquias foi dominada por intervenções fortemente críticas de presidentes de junta.

O tema é quente. O PSD retirou esta semana o seu diploma sobre o regime de permanência dos eleitos das freguesias, adiando «sine die» a discussão no Parlamento e a paciência destes autarcas está a esgotar-se. Esquecidos pelo poder central, condenados à carolice e, quantas vezes, a comportar-se como «pedintes» das câmaras - legalmente obrigadas a transferir para as juntas apenas dez por cento do «bolo» do Fundo de Equilíbrio Financeiro -, têm de travar para com a ANMP uma luta idêntica à que esta trava em relação ao Terreiro do Paço.

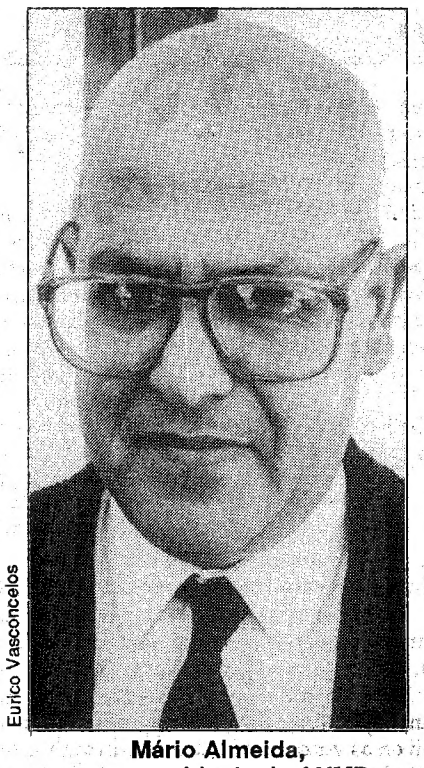
A «avalanche» de intervenções - que alguns delegados admitiram poder resultar de «acção concertada» da ANAFRE - teve de ser «refreada» por Torres Pereira. O presidente cessante da Associação considerou que «a pujança do poder local não é proporcional ao número de associações existentes» e defendeu que o debate sobre as atribuições das juntas de freguesia se fizesse no quadro do congresso da ANMP.

Torres Pereira chegou mesmo a sugerir a criação de uma secção destinada a analisar a problemática específica das juntas, uma solução que, no entender de autarcas consultados pelo «DL», prefigura uma espécie de «tapa buracos», por só hoje ser admitida.

No essencial, a controvérsia reflectiu diferentes posições em matéria de associativismo. Os comunistas defendem a complementaridade entre as duas associações, enquanto os social-democratas parecem continuar a olhar a ANAFRE com desconfiança.

«A ANAFRE tem toda a razão de existir», comentou ao «DL» o presidente da Câmara do Seixal, autor do documento «Dez Teses à Volta do Associativismo Municipal», debatido no congresso. Eufrázio Filipe, que defendeu sem êxito o envio de um convite formal àquela associação para estar presente, defende, por outro lado, que os eleitos das freguesias têm legitimidade para se envolverem nas actividades da ANMP, na qualidade de eleitos pelas assembleias municipais.

Paulo Martins



Eurico Vasconcelos

Mário Almeida, novo presidente da ANMP

Sampaio eleito para o Conselho Geral

Em obediência a um «acordo de cavalheiros» selado há anos entre as diversas forças políticas representadas na ANMP, a liderança do Conselho Directivo passou para as mãos do PS, partido que ganhou a maioria nas últimas eleições. Torres Pereira, durante seis anos o «rosto» da Associação, transitou para a presidência da Mesa do Congresso e do Conselho Geral, cargo até agora ocupado pelo socialista Abílio Curto.

Para este órgão deliberativo de 61 membros entraram prestigiadas figuras, como os socialistas Jorge Sampaio, na qualidade de presidente da Câmara de Lisboa e Fernando Gomes, do Porto, o antigo deputado comunista Vidigal Amaro, de Portel, e o social-democrata Armando Moreira, de Vila Real.

Enquanto Carreira Marques(PCP), de Beja, foi substituído pelo seu companheiro de partido, João Teresa Ribeiro, de Vendas Novas, na liderança do Conselho Fiscal e o Conselho Directivo sofreu grandes «mexidas» - só o PCP manteve os seus representantes. Eis a constituição do órgão executivo da ANMP:

Presidente- Mário de Almeida (PS, Vila do Conde); *vice-presidentes*- Georges D'Argent (PSD, Cascais), Abílio Curto (PS, Guarda), Jaime Soares (PSD, Vila Nova de Poiares), Daniel Branco (PCP, Vila Franca de Xira) e José Gama (CDS, Mirandela); *vogais*- Manuel Machado (PS, Coimbra), César Vila Franca (PSD, Castelo Branco), José Augusto Carvalho (PS, Torres Vedras), Fernando Cruz (PCP, Montemor-o-Novo), Francelina Chambel (PS, Sardoal) e Fernando Costa (PSD, Caldas da Rainha).

Uma alteração estatutária aprovada em Cascais determinou a eleição de substitutos para todos os órgãos. As juntas de freguesia só estão contempladas no Conselho Geral, com apenas dois efectivos: Isilda Branquinho, de Carnaxide, e João Caldeira, de Nossa Senhora da Vila, Montemor.

P.M.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelo

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

AS COISAS, OS IMPOSTOS E O LIBERALISMO

As sociedades modernas como a nossa vivem em pleno paradoxo, porque querem apresentar-se como as mais liberais, o que devia subentender uma recusa da desigualdade. Evidentemente, não se trata de propugnar uma igualdade tão utópica como impossível, mas de defender a necessidade de uma não-desigualdade. Ora estas sociedades assentam na contínua invenção de coisas: estas são fabricadas, devem ser vendidas, mas nem todos as podem comprar.

Assim fazendo, estas nossas sociedades criam as frustrações mais graves, na medida em que as nossas ruas comerciais constituem autênticas armadilhas financeiras, económicas, psicológicas: na verdade provocam elas o desejo, sem todavia fornecerem a maneira de o satisfazer. Neste sentido, pode e deve dizer-se que as nossas sociedades são certamente as mais paranóicas que a história conheceu.

Com efeito, estas sociedades estão sempre a «negocear» com os homens que somos nós todos, mostrando-lhe, propondo-lhe coisas, mercadorias, objectos que todos desejam, sem todavia lhes fornecer os salários ou os vencimentos que tornariam as compras possíveis. É certo que parece haver no funcionamento das sociedades um exercício de compensação: ver montras.

Trata-se, pelo menos na aparência, de uma operação simples em que uma pessoa, ou duas, de mãos ou de braço dados, ou a família toda, podem contemplar a massa de coisas propostas aos clientes potenciais, sem todavia cair na esparrela da compra. Contudo, este exercício é altamente frustrante, seja no primeiro grau (gosto muito disto ou daquilo, mas não posso comprar), seja no segundo: quer dizer, o frustrado parece não se dar conta da sua frustração, quando na verdade vai sofrer da ferida simbólica que lhe é assim imposta.

Nas nossas sociedades só há uma maneira de conseguir o que se deseja: a comprar. O roubo, que é outra das vias possíveis, é sempre punido. Sempre? Mais vale dizer que na maioria dos casos é ele punido, e só excepcionalmente é que o crime compensa. Ora os salários ou vencimentos recebidos pela maioria dos nossos concidadãos excluem-nos de zonas de compra extremamente vastas. Pelo que o admirador do objecto, o desejante, terá de aprender a renunciar, no exacto momento em que vê, admira, mede a utilidade seja para utilizar correntemente, seja para se servir dele simbolicamente.

Nestas condições, as nossas sociedades não podiam deixar de produzir milhões de frustrados, sendo que semelhante acumulação de frustrações pode arruinar, do interior, as mais belas organizações teóricas, e pode comprometer os mais belos aparelhos de Estado. Nos países de Leste, um dos elementos que provocou o abalo, agora definitivo, dos sistemas, foi precisamente a ausência de coisas: ninguém podia continuar a suportar as longas horas de bicha para comprar agora as cebolas, logo as batatas, amanhã as peúgas e depois de amanhã o carrinho de linhas para passajar.

Nestas condições se verifica que o velho Karl Marx ainda não saiu da nossa vida corrente, de mãos dadas com o vienense Sigmund Freud. Os dois velhos, o Karl e o Sigmund, mostraram a que ponto a frustração está associada aos valores económicos da sociedade e do indivíduo (ou inversamente, ao gosto do cliente). Não é por acaso que a caricatura francesa da psicanálise diz claramente o que se pode e talvez deva dizer: trata-se *sempre* de uma questão de «fric et de fesses». O que pode ser liberrimamente traduzido como tudo é questão de «dinheiro e de rabo, ou de nádegas», ou qualquer outro sinónimo que possa ocorrer ao leitor.

As doenças nervosas, ou até as loucuras várias, podem começar na frustração, quer dizer na amarga experiência dos homens que não podem nunca satisfazer os seus desejos. Ou, pior ainda, que nem sequer conseguem enunciá-los. Para os poder satisfazer, é sempre necessário dispor de dinheiro, que, como já dizia João de Deus, é «bonito», o «maganão». O Estado tem uma responsabilidade directa na situação, uma vez que lhe deve incumbir a função de arbitragem destinada a reduzir o mais possível as desigualdades. Nem sequer se pode pensar num Estado realmente liberal que possa esquivar-se à sua responsabilidade de árbitro, na cena nacional e internacional.

O que se verifica, contudo, é exactamente o contrário: nos países de economias liberais (o nosso entre outros), as diferenças entre os salários continuam a agravar-se e há gente cada vez mais pobre, e homens cada vez mais ricos. Para muitos, semelhante situação é apenas a consequência, por assim dizer natural, do processo do enriquecimento, que daria aos mais capazes, ou mais competentes, a riqueza, que seria negada aos outros. Salvo que esta riqueza nunca pode ser obtida senão graças ao trabalho da sociedade. Já em tempo o dr. Quesnay mostrara que a sociedade _ a nossa como qualquer outra _ só podia funcionar graças à produção.

Hoje estamos a contas com um problema grave, que deriva da queda dos regimes da Europa de Leste: ninguém ousa afrontar as economias do capitalismo liberal, já que os instrumentos teóricos embotaram ou desapareceram. Mas essa situação não pode anular a responsabilidade do Estado, que além do mais pode agir por meio do imposto, propondo soluções capazes de corrigir as desigualdades, dando ao mesmo tempo ao Estado as armas financeiras que lhe podem permitir uma intervenção útil. Se há Estados que não hesitam em recorrer à grelha do imposto para arrancar aos cidadãos o pouco que possuem - como acontece agora com a *poll tax* de Mrs. Thatcher - tal não pode nem deve ser a solução.

Parece que uma grande parte dos gestores das empresas e do Estado se pensam autorizados, dada a desaparição do contrapeso dos países e sobretudo das teses socialistas ou socializantes, a permitir o funcionamento selvagem da sociedade. Mas tal não pode resolver nenhum dos problemas internos das sociedades, contribuindo, embora, para nos impor práticas selvagens. Não é por acaso que, com alguma constância, se encontram referências às práticas do «capitalismo selvagem»: todavia, que espécie de humanidade pode resultar da ausência de regras que só podem condenar as sociedades ao regresso a não sei que «lei da floresta», que não pode ter nada a ver com a «civilização», no caso de esta existir?

Jacques Julliard tinha previsto, há dois anos, que o socialismo perderia toda e qualquer fiabilidade teórica durante os próximos vinte a vinte e cinco anos. Está ele hoje em via de rever esta previsão, demasiado pessimista, porque se verifica que as sociedades não podem aceitar o progressivo empobrecimento, que entre nós se verifica quando se consultam os rendimentos de que dispõe a maioria dos reformados. Aqui mesmo se pode ler que os serviços do Estado pagam a um reformado menos de 100$00 por mês. Mesmo se esta situação é excepcional, mostra ela a notável frieza da burocracia face a um grave problema humano, que nos diz respeito.

Alfredo Margarido

O empobrecimento terá de continuar a ser reduzido: esta redução fez sempre parte do projecto socialista, mesmo quando ele não pode ser levado a cabo, por razões que não vêm ao caso analisar aqui. O Estado deve organizar a sua política face ao empobrecimento contínuo a que assistimos na Europa utilizando, com bom senso e bom gosto, a máquina dos impostos: nenhuma sociedade pode sobreviver em condições aceitáveis, se não for capaz de utilizar o aparelho de Estado para tentar reduzir as desigualdades. Sobretudo se hesitar perante a necessidade de eliminar as duras ameaças de empobrecimento que pesam sobre a Europa em geral, e sobre nós em particular.

Não podemos esperar que a entrada na Comunidade Económica Europeia regularize, de maneira automática, os fluxos da riqueza. Essa tarefa diz-nos respeito e parece haver entre nós uma inércia relativa face a problemas desta amplitude. Só nós podemos inventar as coisas de que precisamos e só nós podemos encontrar os mecanismos que permitam que cada um possua cada vez mais supérfluo. Tal é a condição da sobrevivência da nação: nunca se citará de mais o exemplo dos países de Leste forçados a compensar o vazio das coisas a que foram condenados pela falsa gestão socialista. Se o Estado quer ser liberal, que o seja, contanto que não pretenda esquecer as responsabilidades que serão sempre as suas, face à comunidade nacional.

Inventemos coisas, fabriquemos coisas, vendamos coisas: mas de maneira a que todos possam comprar as coisas, no mercado livre e liberal. Mas não podemos consentir que semelhante liberdade e semelhante liberalismo se transformem em máquinas de enselvajamento. Tal é a condição mínima a que nenhum Governo se pode furtar. A violência do Estado perante o cidadão parece cada vez menos aceitável, a não ser que o Estado decida que só encontra justificação, na guerra contra os cidadãos.

Por isso se espera que o Estado utilize a máquina dos impostos para permitir a construção de uma sociedade liberal e decidida a combater a desigualdade.

FORUM

O BANCO DE ZADIG

O sr. governador do Banco de Portugal foi fortemente claro no caso dos 18 milhões de contos do ouro português colocado na empresa do grupo Drexel, agora envolvido num processo de falência.

Ao dizer, aproximadamente:

1) que todos os bancos centrais do mundo desenvolvido fazem operações de alto risco do tipo da operação realizada pelo Banco de Portugal;

2) que «só quem não está no mercado não corre riscos»;

3) que «as razões de possível alarme» não se justificam pelo facto de o Banco de Portugal ter recorrido a este tipo de operações neste tipo de empresas e, designadamente, na Drexel, «justificar-se-iam se o Banco de Portugal não procurasse colocar o ouro que detém como reserva»;

4) que o facto de a Drexel ter dado sinais de debilidade já antes das aplicações do ouro português não foi considerado impeditivo pelo Banco de Portugal porque: a) as operações eram a curto prazo e não tinham grande significado; b) havia, contraditoriamente, sinais de credibilidade em relação à Drexel;

5) que o primeiro responsável pela operação é ele, governador;

6) que o apuramento dos responsáveis directos por esta aplicação de 18 milhões de contos, 1,4 por cento das reservas nacionais de ouro numa empresa, agora envolvida num processo de falência, que já dava sinais de debilidade antes da operação, é um problema interno do Banco de Portugal, recusando-se liminarmente o governador a qualquer «processo de caça às bruxas»;

7) que a recuperação dos créditos apresenta uma vertente vantajosa, por ser efectuada em dólares e acrescida pelos juros de mora.

De tudo isto resulta, ou parece resultar:

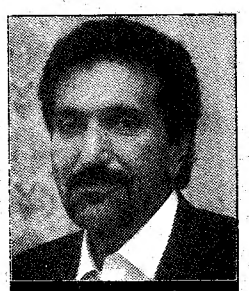
a) que não se percebe o motivo de tanto alvoroço dado que, para o sr. governador do Banco de Portugal, 1,4 por cento das nossas reservas de ouro não tem grande significado;

b) que o Banco de Portugal, quando há aspectos contraditórios relativamente à imagem dos *brokers* com os quais negoceia, nomeadamente no mercado picante dos chamados *junk bonds*, tem a generosidade toda portuguesa de valorizar os positivos e de optar, na aplicação do ouro português, em função dessa valorização;

c) que colocar Portugal na perspectiva de perder 18 milhões de contos em reservas de ouro nacional constitui, porque, normalmente, o ouro é recuperado, é recuperado em dólares e é recuperado acrescido de juros de mora, a vera efígie do profissionalismo.

Há, no entanto, na contigência, alguns contras.

Um deles é que o Banco de Portugal só tenha colocado o País em situação de perder 18 milhões de contos em ouro.



Artur Portela

É verdade que ficar em situação de perder 18 milhões de contos em ouro é garantir a recuperação desses 18 milhões de contos em dólares acrescidos de juros de mora.

Mas também é verdade que, se tivéssemos ficado em situação de perder, não 18 milhões de contos em ouro, mas 180 milhões de contos em ouro, ga-rantiríamos a recuperação, em dólares, e acrescidos de juros de mora, de mais de 162 milhões de contos.

Ou seja, perdemos, nesta oportunidade, 162 milhões de contos. Em dólares. E acrescidos de juros de mora.

Sendo também verdade que, se tivéssemos ficado em situação de perder, não 18 milhões de contos em ouro, não 180 milhões de contos em ouro, mas todo o ouro do Banco de Portugal, ou seja, todas as 573,2 toneladas de ouro administradas pelo banco central, teríamos feito a operação do século.

É, portanto, no mínimo, dialéctico saber que um dos altos funcionários do Banco de Portugal directamente responsáveis por esta interessante aplicação das nossas reservas de ouro é o actual ministro das Finanças de Portugal.

Ou, se preferirem, será — contraditório.

Contraditório no sentido de que, sendo esta operação um êxito, e sendo o sr. governador do Banco de Portugal o primeiro responsável por ela, foi, afinal, o alto funcionário, e não o governador, a ser nomeado ministro das Finanças.

É possível que o sr. governador do Banco de Portugal seja demitido.

Não por incompetência.

Porque quem o demitiria seria — o sr. ministro das Finanças.

Mea culpa

Por lapso que muito lamentamos, no suplemento «A Mosca» incluído na nossa edição da passada sexta-feira saiu adulterado o nome do poeta José Carlos Gonzalez, ao dar à estampa a carta que outro poeta, José Sebag, lhe dirigiu quinze dias antes de morrer. Àquele nosso colaborador e aos leitores, pedimos que nos desculpem.

IDEM

PORQUE DECIDIR A TEMPO
É DECIDIR MELHOR

PLANO D

ASSEMBLEIA

06 ABRIL - 21,30 H. - PORTO SHERATON HOTEL

- PORQUÊ?
  A necessidade de Portugal criar infra-estruturas é recomendada e apoiada pelo Parlamento Europeu e pela CEE com fundos específicos que tem prazos de aplicabilidade.
- POR QUEM?
  Associações, Autarquias, Clubes, Empresas, Comércio, Industria, Desporto, Ensino, Turismo, Saúde, Habitação, Tempos Livres.
- COMO?
  Através do sistema de Consórcio de que somos Líderes Mundiais em Imobiliária.
- ÂMBITO?
  Andares, Consultórios, Moradias, Centros Administrativos, Pavilhões, Salões Polivalentes, Courts de Ténis, Piscinas, Complexos Fabris, Centros de Manutenção, Pistas de Atletismo, Restauro e Melhoria de Estruturas...
- ONDE?
  Em qualquer ponto do País.
- VANTAGENS?
  O sistema de Consórcio, de que somos paradigma, constitui o processo mais fácil, económico, versátil, e com maiores garantias.
  Fornece o pré-cálculo de encargos e prévio conhecimento de custos.
  Incentiva a poupança, e promove a programação do investimento.
- MEIOS?
  A constituição de um grupo homogéneo e uniforme de 240 membros, direccionado a fins comuns, possibilita a concretização mais rápida, e rentável dos projectos, prazos de pagamento alargados, isenção de hipotecas ou outras reservas de propriedade, mensalidades suaves e duas atribuições mínimas mensais pelos critérios de sorteio e licitação.

NORGRUPO

SEDE — AV.ª DA REPÚBLICA, 868/872 - 7.º/8.º - TEL. 307018 - TLX 29741 - FAX 307243 - 4400 V.N. GAIA
DELEGAÇÃO BRAGA — CENTRO COMERCIAL MAXIMINOS - LOJA 3 - TEL. 75019/75219 - 4700
DELEGAÇÃO COIMBRA — RUA FERREIRA BORGES, 34-4.º DT.º - TEL. 36405/36416 - 3000
DELEGAÇÃO LISBOA — RUA FILIPE FOLQUE, 10-1.º DT.º - TEL. 543689/543657/543618 - 1000
DELEGAÇÃO FARO — RUA SOTTO MAYOR, 7-1.º DT.º - TEL. 21318 - 8000

ECONOMIA

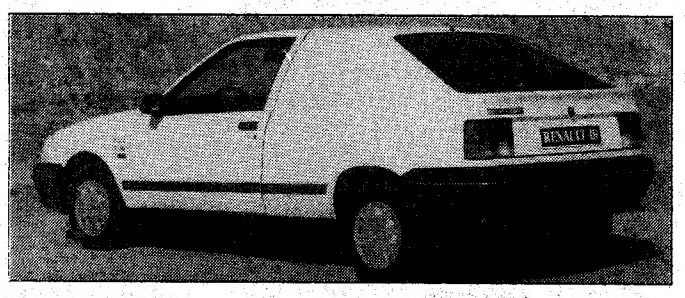
BREVES

«O Timing» divulga a comunicação

Comunicar mais e melhor com empresas, meios e mercados é o objectivo de «O Timing», boletim editado pela Timing/Alliance. Esta publicação procura cobrir os aspectos nacionais e internacionais da comunicação que apresentam hoje novos desafios às empresas.

Novo Renault no mercado

Desde há poucos dias está no mercado português o Renault 19 GTD Société, um modelo comercial ligeiro, com um aspecto «desportivo». Com um motor de 1870 cc, de 65 cv, este veículo tem cinco velocidades. Conta com diverso equipamento de base, como limpa vidros traseiro, óculo traseiro aquecido, protecções laterais, relógio e isqueiro, pré-equipamento de rádio, iluminação da caixa de carga, entre outros. Custa 1777 contos.



O novo 19GTD Société

Bonança coopera com a Católica

A seguradora Bonança assinou um protocolo de cooperação com a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica para avaliação de produtos e condições de funcionamento de empresas do Norte do País do ramo agro-alimentar, no âmbito da subscrição de seguros do ramo responsabilidade civil - produtos.

O mais valioso em Portugal são os recursos humanos

Silva Peneda defende formação profissional, na sessão de assinatura de acordo entre o IEFP e a AIPortuense

O Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) e a Associação Industrial Portuense assinaram um acordo de colaboração financeira, altura em que Silva Peneda, ministro do Emprego e Segurança Social, afirmou considerar os recursos humanos como o elemento mais valioso existente em Portugal.

O protocolo assinado consiste num empréstimo de 150 mil contos do IEFP, sem juros e por seis anos, para aplicação na construção e equipamento do centro de formação profissional que irá integrar a nova sede da AIPortuense, que será construída nos terrenos da Exponor, comprometendo-se a Associação, como contrapartida, a ceder as instalações do centro ao Instituto para a realização de inciativas próprias.

O ministro reafirmou, na cerimónia efectuada na Exponor, a sua opinião sobre a formação profissional e o papel que deverá caber, cada vez mais, aos trabalhadores, tendo dito que «empresa que não preste cuidados especiais à contínua valorização do elemento humano é empresa que corre sérios riscos de insucesso».

A formação profissional foi considerada como prioritária, tendo Silva Peneda afirmado que a participação nacional nos cerca de 440 milhões que vão ser investidos nesta área correspondem a «uma opção claramente assumida pelo Governo na busca de valorização do elemento mais valioso da comunidade portuguesa - os recursos humanos».

Silva Peneda: «É com formação que os ganhos podem ser mais rápidos e evidentes»

Em entrevista recentemente concedida ao DL o ministro do Emprego afirmara desejar «que a formação profissional invada o modo de ser e de estar e que seja uma componente fundamental das estratégias das empresas», acrescentando que há empresários que têm consciência de «que a valorização dos recursos humanos é a via estratégica para a valorização das empresas».

«Quem não considerar a valorização dos recursos humanos, nas suas múltiplas vertentes, como uma componente essencial de uma estratégia empresarial, terá uma empresa condenada ao insucesso e não demorará muitos anos para que esta prova seja feita», disse Silva Peneda na referida entrevista.

Esta ideia foi igualmente defendida em Matosinhos pelo ministro, que disse também que «a busca de mais elevados níveis de produtividade depende seguramente do modo como se vê a empresa, das políticas macroeconómicas que se vão definindo, das infra-estruturas que se vão realizando, da desburocratização que se vai introduzindo, mas é seguramente na formação profissional que os ganhos poderão ser mais rápidos e mais evidentes».

Investimento descoberto pelo sector das pescas

A adesão de Portugal à CEE permitiu a descoberta do caminho comunitário para o investimento por parte dos agentes económicos do sector das pescas. Com efeito, um documento recente da Secretaria de Estado das Pescas e do IFADAP revela que foram investidos 40,9 milhões de contos nas pescas portuguesas com ajudas comunitárias entre os anos de 1986 e 1989, o que significa que, desde 1985, ano qua apresentou valores irrisórios (1,8 milhões de contos), o investimento não parou de crescer.

Em 1986 atingiu seis milhões de contos para chegar aos 9,8 milhões no ano seguinte; em 1988 voltou a subir, ao cifrar-se em 10,9 milhões, para, por fim, atingir os 14,1 milhões no ano passado.

Metade do investimento, discrimina o documento, respeitou a reestruturação, modernização e racionalização da frota pesqueira, de que resultaram 62 novas embarcações de pesca industrial. Não se incluem as embarcações de menor porte, para as quais existe um programa suportado exclusivamente pelo Estado português, com base no qual foi apoiada a construção, entre 1987 e 1989, de 70 novas embarcações.

Quanto ao investimento total concedido a título de apoio ao sector, cerca de 36,5 milhões foram atribuídos no âmbito dos fundos estruturais (FEOGA-Orientação), dos quais 12,3 milhões oriundos da Comunidade e 6,5 milhões do Estado português.

A desagregação dos valores permite constatar que na frota de pesca foram investidos, nos últimos quatro anos, cerca de 18 milhões de contos destinados a 121 projectos de construção de novas unidades de pesca industrial (costeira e de largo) e a 119 projectos de modernização de unidades existentes, pertencentes ao mesmo segmento de frota.

A aquacultura absorveu, no mesmo período de tempo, 3,7 milhões de contos que deram corpo a 71 projectos de instalação de novos estabelecimentos ou modernização de existentes.

Na pesca experimental, os investimentos, que têm por horizonte a exploração dos recursos na Zona Económica Exclusiva (ZEE), ascenderam a 500 mil contos.

Por fim, no âmbito dos equipamentos portuários foram aprovados 17 projectos que envolveram um investimento superior a 2,4 milhões de contos.

Do referido documento constam também os apoios prestados dentro do regulamento comunitário 355/77, que incide sobre apoios à melhoria das condições de transformação e comercialização dos produtos de pesca. A este nível foram investidos, entre 1986 e 1989, 8,5 milhões de contos.

Depois da reforma dos fundos estruturais, o apoio ao investimento no sector da transformação e comercialização dos produtos de pesca passou, a partir de 1 de Janeiro deste ano, a enquadrar-se no novo regulamento da CEE (número 4042/89, de 19 de Dezembro) que inclui, ainda, as ajudas à transformação e comercialização de produtos da aquacultura.

Este novo regulamento é específico das pescas, pelo que representa a autonomia do sector em relação à agricultura, em termos de apoio nestas áreas.

Jorge Godinho afirmou, em declarações recentes à Lusa, que estão em curso investimentos na frota de pesca, no âmbito de um programa de cinco anos, em vigor até 1991, aprovado pela CEE, que deverá atingir cerca de 30 milhões de contos e corresponde à construção ou modernização de mais de 500 navios, de comprimento superior a nove metros.

Economia favorável a aumento de salários

A economia portuguesa está numa fase de crescimento favorável, a qual estimula os aumentos de salários.

A SAER, Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco, cujo responsável é o ex-ministro das Finanças, Ernâni Lopes, chega a esta conclusão, depois de associar o crescimento da economia ao baixo nível do desemprego, comparando esses factores com os níveis de remuneração comunitários.

Esta perspectiva da SAER, divulgada no seu estudo relativo ao mês de Março, aponta, porém, para uma «escassez de recursos humanos, sobretudo em domínios que exijam graus de qualificação e de especialização», exigências que «não se verificam» nos campos da formação e do ensino.

Segundo a SAER, estão, por outro lado, criadas condições para que os aumentos de salários e outras reivindicações venham a criar uma situação em que o ritmo da evolução, «perturbe» conjunturalmente os aspectos macroeconómicos e a exploração de empresas.

A degradação da qualidade na produção é outra das questões abordadas pelo estudo daquela sociedade de risco, a qual considera não estarem criadas as condições necessárias para o seu controlo eficaz.

DL/Lusa

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$20	54$20
ALEMANHA FED. (marco)	87$30	88$50
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$031	4$281
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$70	129$20
(notas de 5 a 1000)	127$20	129$70
DINAMARCA (coroa)	22$85	23$25
ESPANHA (peseta)	1$329	1$449
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$45	151$95
(notas de 5 a 1000)	148$95	152$45
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$95	26$65
HOLANDA (florim)	77$50	78$60
IRLANDA (libra)	234$90	238$90
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$898	$953
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	243$20	247$70
SUÉCIA (coroa)	24$20	24$70
SUÍÇA (franco)	98$70	100$20
VENEZUELA (bolívar)	2$695	3$495

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

INTERNACIONAL

Notícias não confirmadas indicam doze mortos e pelo menos 50 feridos. A superpopulação está na causa desta revolta prisional, já considerada a pior do século, em Inglaterra

Centenas de polícias cercam amotinados em prisão inglesa

Cerca de 250 dos 1600 prisioneiros da penitenciária de Strangeways, perto de Manchester, continuam a resistir ao cerco da polícia, após terem iniciado ontem de manhã aquele que é considerado o pior motim prisional do século, em Inglaterra. Há informações não oficais de que pelo menos doze detidos teriam sido mortos, embora até agora ainda não tenham sido encontrados cadáveres. Há mais de 50 feridos, alguns gravemente, entre presos e guardas e o interior da penitenciária, a que os amotinados lançaram fogo, está em ruínas. As origens do motim ainda não estão perfeitamente esclarecidas. Ao que parece teve início ao fim da manhã de ontem, durante uma missa a que assistiam 300 reclusos. No fim do ofício, eles atacaram os guardas, destruíram móveis de várias celas, incendiando-as de seguida utilizando os colchões.

Construída em 1869, por ordem da rainha Vitória, a penitenciária de Strangeways, destinava-se a albergar 970 prisioneiros e não os 1600 que actualmente lá se encontram. Foi esta superpopulação prisional, ajudada pelo forte calor dos últimos dias, a responsável pelo motim dos presos que através de um megafone se queixam contra as «brutalidades» dos guardas e de «serem tratados como animais e não seres humanos».

Lusa

Elementos da polícia transportam um colega gravemente ferido durante o motim na penitenciária de Strangeways

Após terem tomado nove das dez alas da penitenciária, os amotinados provocaram diversos incêndios, o mais grave dos quais no ginásio, que durou toda a noite, com várias corporações de bombeiros a terem de se juntar à polícia que imediatamente cercou o velho edifício.

Segundo diversas fontes, vários cadáveres teriam sido vistos na ala destinada aos presos por delitos sexuais, invadida pelos amotinados para «ajustamento de contas».

Logo no início do cerco policial, que envolveu centenas de agentes ajudados por helicópteros, cerca de 500 prisioneiros renderam-se. Hoje de manhã mais 700 reclusos entregaram-se sem resistência, restando agora entre 200 a 250 que ocupam cinco alas de Strangeways, estando a metade restante sob controlo da polícia. Não há notícia de nenhuma fuga nem da existência de reféns.

Responsabilidade do Governo

Na quinta-feira passada, o ministro britânico do Interior, David Waddington, anunciou o alargamento da velha penitenciária, tendo em vista aliviar a tensão provocada pela superpopulação. A Associação de Guardas Prisionais (com cerca de 25 mil membros) criticou fortemente a política do Governo conservador para o sector, avisando que os motins se multiplicariam, se as autoridades não tomassem medidas radicais para melhorar a falta de meios dos guardas, a superpopulação e a vetustez das penitenciárias.

Num relatório recente, o inspector-chefe das prisões, o jiíz Stephen Tumim, homenageou o governador e os guardas da penintenciária de Strangeways, pelos «progressos notáveis nas condições de detenção nestes últimos dois anos», em particular por ter dado aos reclusos meios com que se ocupar.

Redacção «DL»/AFP

Imposto de Thatcher «incendeia« Londres

Começam hoje a ser julgados 68 das 341 pessoas detidas devido aos violentos confrontos deste fim-de-semana, considerados já como dos piores do século ocorridos no centro de Londres, causando ferimentos em 331 polícias, 58 dos quais receberam tratamento hospitalar, e 130 civis. Os manifestantes tentaram atacar a residência oficial da primeiro-ministro e agrediram ontem a pontapé o ministro do Interior, David Waddington, quando examinava os estragos dos protestos do dia anterior contra a impopular taxa camarária que Thatcher quer impor.

A «Dama de Ferro», no entanto, não desiste do seu novo imposto, considerado, até por membros do Partido Conservador, como o principal responsável pela sua vertiginosa queda de popularidade. Thatcher responsabilizou os extremistas de esquerda -- viam-se muitas bandeiras negras dos anarquistas durante os distúrbios -- pela violência e ordenou rigoroso inquérito. A nova taxa, segundo ela, vai ser mantida e não tem qualquer intenção de demitir-se, disse, desmentindo assim rumores que circulavam em Londres mesmo antes dos incidentes do fim-de-semana.

Os distúrbios foram criticados por todas as forças políticas, incluindo o Partido Trabalhista e a própria entidade organizadora da manifestação, a Federação Britânica *Anti - Poll Tax* . Após uma concentração pacífica de cerca de 40 mil pessoas na Praça de Trafalgar, no centro da capital inglesa, os protestos contra a taxa camarária, que hoje entra em vigor, assumiram uma violência inesperada que levou ao saque de lojas, incêndio de viaturas e agressões a polícias.

Redacção «DL»/Lusa

Jovens italianos: novos «rebeldes sem causa»

Vodka, tequila, whisky, muita cerveja; dança, música só se for acima dos 140 decibeis; carro quase sempre próprio ou emprestado pelos pais; roletas russas e desafios nas autoestradas; viagens de dois ou trezentos quilómetros para a discoteca preferida, a emoção, a morte, muitas vezes: são estas a componentes que desencadearam a nova emergência jovem, na Itália.

Depois das expedições racistas em Florença, a droga e a violência nos estádios, a opinião pública italiana estremece agora sob os golpes de um novo mal que atinge os seus filhos: a febre do sábado à noite, tragicamente rebaptizada pelos jornais «os massacres do sábado à noite».

Não é a primeira vez que, na sequência do habitual telejornal da noite de sábado, a RAI acrescenta, pouco antes do boletim metereológico, as imagens dos monstruosos acidentes mortais, provocados por jovens embriagados de retorno de mais um sábado da praxe. Sábado, 24 de Março, é, porém, a emergência: em pouco mais de oito horas, registam-se cinco acidentes graves com dezassete mortos, todos com idade comprendida entre os 18 e os 30 anos. Imediatamente, é a polémica.

O Governo intervém, promete medidas restritivas, desencantam-se leis nunca aplicadas; psicólogos e sociólogos interpretam; o recém-formado movimento das «mães anti-rock» entra em guerra; descobrem-se vícios e manias, rituais, números de uma juventude aparentemente feliz mas, ao que parece, profundamente insatisfeita com o próprio bem-estar.

Roleta russa

A roleta russa do sábado à noite começa á saída das discotecas, já de madrugada e quando o depósito está cheio de álcool e *rock*. Nas estradas, é o jogo, os desafios. Quem tem coragem, por exemplo, senta-se ao volante e acelera com os farois apagados até chegar à margem do barranco.

Ganha quem consegue parar mais perto do último pedaço de rocha, antes do abismo, quem primeiro roça o *guarda rail* suspenso sobre o precipício. É apenas o ritual de abertura, depois, é o desafio de quem é capaz de atravessar (a pé e correndo) as faixas da autoestrada, quem consegue comer mais ovos cozidos, quem se atira à água depois de ter comido, quem consegue chegar ao fim da ginkana de moto em equilibrio na roda de trás.

São estes «os jogos da morte» do fim-de-semana que, segundo uma recente sondagem realizada por um semanario italiano, encerram as noites dançantes dos jovens da península. Os números também não se fazem esperar.

Nos pronto-socorros dos hospitais, continua a aumentar o número de jovens (muitas vezes com idade inferior aos 18 anos) internados em estado de embriaguês avançada, ou feridos na sequência de rixas ligadas ao consumo de álcool.

Os serviços antidroga denunciam o aumento das «polidependências» (uso de estupefacientes mais abuso de alcool) e os especialistas das estatísticas aproveitam a ocasião para disparar os cartuchos silenciados sob o estardalhaço quase quotidiano dos números da droga: 30 mil mortes ao ano, determinadas por patologias decorrentes do consumo de alcool; um quarto dos suicídios ligados ao alcoolismo, 25 por cento dos actos violentos; 50 por cento dos incestos ligados a estados de embriaguês e por fim 90 mil acidentes, com um total de 2500 mortos, provocados pelo alcool. Oitenta por cento destes acidentes de viação acontecem na noite de sábado e a maior parte dos mortos e dos feridos tem uma idade compreendida entre os 17 e os 20 anos.

Pais exigem providências

Agora, dados na mão e almas enflamadas, a Itália discute. Depois das mortes do dia 24 e daquelas que se repetiram este fim -desemana, o movimento da «mães anti-rock», uma associação de pais preocupados criada há pouco tempo, com uma petição de 40 mil assinaturas, pede a abertura e o encerramento anticipados das discotecas, a nível nacional (para não haver possibilidade de fuga para outras regiões), a limitação do consumo de bebidas alcoólicas e a prática do teste do balão, ainda desconhecida entre os automobilistas italianos, apesar de constar há dois anos nas alíneas da lei nº 111.

Os ministros da Saúde, dos Transportes e do Interior, reunidos extraordinariamente na quinta-feira, decidiram tomar as primeiras medidas: a entrada em vigor do teste do balão e uma campanha de prevenção contra o abuso da velocidade e do álcool, mas o movimento «anti-rock», também apelidado Koemenista, já se declarou insatisfeito, prometendo voltar a atacar esta semana.

Por outro lado, as associações dos empresários de discotecas já ameaçam com *lock out* nas férias da Páscoa, os grupos de solidariedade com os alcoólicos apontam o dedo para os publicitários do paraíso barato (o ramo proporciona, por exemplo, 15 por cento das receitas da empresa de publicidade de Berlusconi) e os sociólogos e psicólogos profetizam os riscos de uma campanha repressiva sobre estes novos «rebeldes sem causa», doentes e carentes, segundo os especialistas, de sensações fortes, emoções, protagonismo, agressividade desenfreada e um inconsciente desejo de autodestruição.

Alessandra Balsamo

Sociologia «descobre» realidade soviética

A sociologia era até há pouco uma ciência considerada antipatriótica na União Soviética. Brejnev mandou fechar escolas e centros de investigação alegando que a disciplina não era mais que um desvio capitalista da realidade dos problemas sociais. Hoje, o interesse que desperta é tanto que os jornais soviéticos competem entre si para publicar os últimos achados das novas organizações de pesquisa sociológica.

Uma explosão de cobertura jornalística a sondagens de opinião e pesquisas sociológicas mostra até que ponto os soviéticos têm apetência por este tipo de informação. Os sociólogos, a classe científica mais desprezada e ignorada do país, subiram rapidamente à ribalta e não param de revelar surpresas. Por outro lado, o trabalho dos centros de pesquisa sociológica, mais ou menos deturpado durante o período que antecedeu a *perestroika*, é divulgado nos jornais que chegam a perseguir os sociólogos para obter a publicação da novidade seguinte.

«Esperámos anos por isto», diz o professor Boronev, de 52 anos e reitor da recém-criada Faculdade de Sociologia da Universidade de Leninegrado, «durante todo o período de Brejnev apelámos para que a sociologia fosse reconhecida como uma ciência com direito a uma existência independente».Muitas escolas de sociologia criadas durante o «descongelamento» de Nikita Kruschev, no final dos anos 50 e princípios de 60, foram reconvertidas noutras ou pura e simplesmente fechadas na década de 70. Os sociólogos foram destituídos das suas funções por «denegrirem e deturparem a realidade soviética».

O estudo de problemas sociais como suicídio, crime, alcoolismo, droga e poluição foram silenciados. Alguns eram entreges ao Governo que apresentava depois relatórios sobre a harmonia social e a isenção de problemas de fundo no país.

Imprensa margimal reabilita verdade

Os pontos de vista da Nomenklatura tomaram o lugar da opinião pública e os ideais comunistas eram sobrepostos à realidade. A sociologia foi posta de parte como anticientífica e um desvio capitalista da atenção a problemas mais reais.

Mas uma geração de sonhadores do ideal colectivo ia dando lugar a uma geração de realistas, à margem do aparelho e da propaganda governamental. A proliferação da imprensa marginal é um sinal claro deste facto, forçando dirigentes a escutar as ansiedades das pessoas.

Um centro para a opinião pública foi erguido por alguns sindicatos soviéticos e comités de trabalhadores para analisar e estudar os seus problemas sociais e económicos. É dirigido por Tatyana Zaslavskaya, membro do novo Parlamento soviético. Citando o mensário literário «Ogonyok», Zaslavskaya afirmou que «nas regras datecnocracia monolítica, valores humanos como a virtude, justiça e igualdade» são substituídos pelo «índice de produtividade». As pessoas são peças mecânicas da gigantesca máquina estatal.

Adesão a organismos internacionais

Peritos soviéticos admitem agora que durante os regimes de Estaline e Brejnev pouca atenção era dada à opinião pública. A discussão pública de projecto de lei e outras alterações, como a da constituição em 1977, durante o regime de Brejnev, não eram mais do que ilusórias jogadas para levar os soviéticos a advogar a guerra ideológica com o Ocidente.

Hoje, os jornais do país publicam frequentemente temáticas de cariz social. Uma recente pesquisa dos problemas laborais, abortos e mortalidade infantil colocam a URSS firmemente atrás da maioria dos países industrializados e, nalguns casos, do Terceiro Mundo.

O semanário «Argumenty i Fakty» publicou estudos numéricos sobre o desemprego, a habitação e delinquência juvenil todos eles fenómenos considerados, até há pouco, inexistentes no país.

«Argumenty i Fakty», um dos jornais mais lidos na URSS, com uma circulação de 32 milhões de leitores, publicou também uma sondagem sobre a popularidade dos deputados do povo mostrando que as figuras críticas do Governo, incluindo o físico nuclear e antigo dissidente Andrei Sakharov e o contestatário parlamentar radical do grupo dos inter-regionais Boris Ieltsin, são os políticos mais populares do país. Até o Kremlin achou tal facto inacreditável e mandou demitir o chefe de redacção. Mas a abertura soviética parece ser, apesar de tudo, imparável. Sinal disso é a possível união da Associação Sociológica Soviética com a Associação Sociológicca Internacional. Boronoev disse que a sua organização não vai surgir de mãos vazias. «O mundo exterior tem muito a aprender com a nossa larga tradição em pesquisa etnográfica», comenta.

«Além disso», diz Boronoev, «a União Soviética lidera o mundo no que diz respeito ao estudo dos problemas laborais».

Charles Quist Adade
Exclusivo Serviços Geminl/«DL»
Trad. M.T.

Uma associação de psicanálise acaba de ser oficialmente constituída na URSS. É a reabilitação de Freud, após a sua condenação pelo estalinismo

Freud regressa à URSS

Tem, apenas, algumas semanas, mas a sua criação representa, só por si, um acontecimento considerável: no passado dia 15 de Fevereiro, a primeira Associação de Psicanálise da URSS foi oficialmente reconhecida pelo Ministério do Interior. Meses depois da psiquiatria soviética ter sido readmitida no seio da respectiva associação mundial e enquanto é contestada na Imprensa nacional , a iniciativa gerou alvoroço entre os meios especializados ocidentais.

O regresso da psicanálise à URSS não foi fácil. A obra de Freud só voltou a ser publicada, em língua russa, o ano passado: uma primeira reedição de textos escolhidos (incluindo vários trabalhos fundamentais, como «A propósito do Sonho» e »Psicopatologia da Vida Quotidiana»), com uma tiragem de 100 mil exemplares, vendeu-se toda no primeiro dia. E outra obra de Freud «Recordação de infância de Leonardo da Vinci» , já tem a primeira tiragem esgotada, antes mesmo da sua publicação na URSS, prevista para breve.

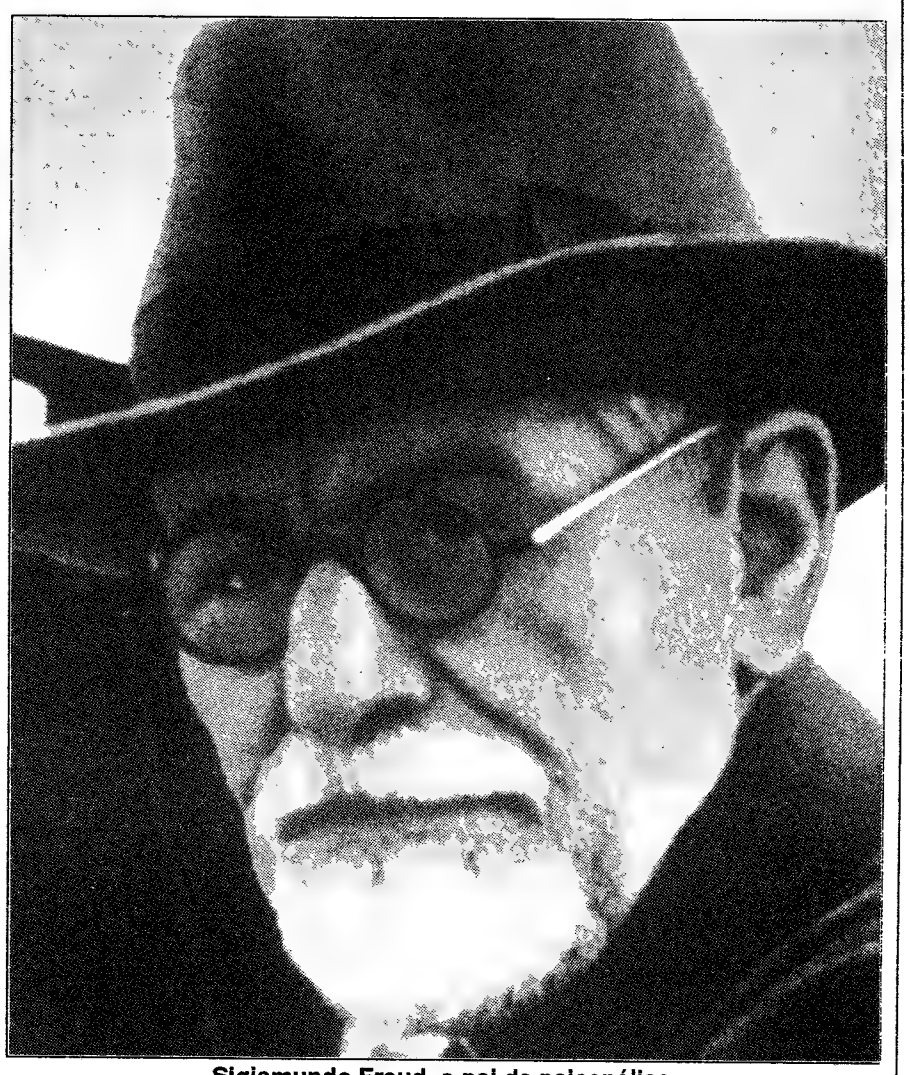
Neste contexto, não é de admirar que a nova Associação de Psicanálise e os duzentos membros que a compõem (na sua maioria, de formação médica), pouco mais tenham, como instrumentos de reflexão e de trabalho, do que a sua própria profissão de fé. E os três fundadores também só possuem da disciplina uma experiência limitada. Aaron Belkine, professor de psicoendocrinologia e director de um centro de psicoterapia em Moscovo, submeteu-se, nos anos 50, a uma análise clandestina no centro de saúde mental de Irkoutsk (Sibéria), onde exercia as funções de médico. Mas os seus dois associados, Lev Gertsik, psiquiatra, e Lev Tokareff, jornalista do semanário «Literatournaia Gazeta», não receberam qualquer formação «clássica».

«Idealista e anti - social»

Nos anos que se seguiram à Revolução de 1917, a psicanálise era, todavia, tida em grande consideração na URSS, e Freud usufruía de considerável popularidade, sendo quase todas as suas obras publicadas em russo. Em 1922, o Comissariado do Povo para a Educação chegou mesmo a criar, em Moscovo, um Instituto de Psicanálise, sob o estímulo de vários especialistas, entre os quais o professor Kannabich, um dos mais célebres psiquiatras soviéticos. Mas o instituto foi fechado logo no começo do estalinismo, e os seus arquivos confiscados pelo NKVD (antecessor do actual KGB).

Iniciou-se, então, uma vasta campanha marxista contra o freudismo, considerado «idealista», «perigoso» e pecado supremo - de natureza «anti- social». No domínio das ciências humanas, o pavlovismo tornou-se a referência absoluta e, no princípio dos anos 30, a psicanálise desaparecera da URSS.

No entanto, a obra de Freud conseguiu, de certo modo, sobreviver. «Os burocratas de Estaline, Khruchev e Brejnev condenavam repetidamente a psicanálise, que já não era exercida, mas deixavam os livros de Freud nas bibliotecas, talvez por falta de censores suficientemente cultos para os reconhecerem e destruírem...» observa o psicanalista francês, Gérard Bayle, que se encontrou, recentemente, em Moscovo, com os fundadores da nova associação. Também o professor Belkine confirma que muito poucas obras do pai da psicanálise, consideradas como «pornográficas», foram retiradas das bibliotecas.



Sigismundo Freud, o pai da psicanálise

Por outro lado, nos anos 70, houve uma tímida tentativa para recuperar as pesquisas psicanalíticas. Numa iniciativa inédita, foi organizado, em Tbilissi, um colóquio subordinado ao tema do «inconsciente», que reuniu, pela primeira vez, em território soviético, especialistas internacionais. Mas, como seria de esperar em plena era de Brejnev, não houve quaisquer resultados teóricos ou práticos.

Sessenta anos de obscurantismo

Após sessenta anos de obscurantismo, a psicanálise está, pois, a dar os seus primeiros passos na URSS. Para além da falta crucial de textos «pós-freudianos», entre os quais os de Lacan, os especialistas lutam por impor a própria noção do inconsciente, pilar de qualquer teoria psicanalítica. Para os soviéticos, «o inconsciente continua a ser um obstáculo, o verdadeiro calcanhar de Aquiles de qualquer investigação relacionada com o freudismo» explica a psicanalista, Irina Manson.

Perante este fenómeno, considerado demasiado conflitual na sua relação com a «consciência» e o «social», os novos «psicanalistas» soviéticos procuram, hoje, uma solução de compromisso, debruçando-se, nomeadamente, sobre os efeitos que décadas de totalitarismo produzem no espírito humano.

O «homo sovieticus» - diz Irina Manson, «habituado, desde há mais de setenta anos, a considerar a unanimidade, em geral e a do pensamento, em particular - como uma virtude suprema, descobre com estupefacção que não sabe pensar ou, para sermos mais exactos, que não sabe pensar por si próprio».

«A ideologia tornou-se a psicologia de várias dezenas de milhões de operários, camponeses, agrónomos, professores, médicos e dirigentes» reconhecia, há pouco mais de um ano, Leonid Abalkine, director do Instituto Económico da Academia das Ciências, considerado próximo de Gorbachev.

É, pois, essencial que os especialistas, para além de uma colaboração activa com os seus colegas ocidentais, estudem, antes de mais, a situação específica em que se encontram, de modo a poderem adaptar o ressurgimento da psicanálise à sociedade soviética. «Como alcançar a *perestroika* da consciência, condição *sine qua non* para o êxito da própria *perestroika*?» - resume Irina Manson.

Será, por exemplo, necessário, segundo N. Mikhailov, doutorado em Filosofia, tomar em consideração aquilo a que chama a «síndroma do pai», e que surge sempre que se trata de Estaline. «Os adultos sabem tudo sobre a tragédia da época do culto, mas sabem-no na sua cabeça, enquanto que o coração rejeita esse conhecimento, não quer aceitá-lo, recusa-se a acreditá-lo: culpado ou não, era meu pai, e, se era culpado, talvez eu também o seja. É essa a síndroma do pai. Está connosco como os vestígios de uma poderosa vacina, sabiamente preparada e injectada na primeira infância.» O que significa que, tal como sublinha o próprio professor Belkine, a reabilitação de Freud na URSS será «em primeiro lugar, um acto político, e só depois científico».

Catherine Vincent
Exclusivo «Le Monde»/«DL»
(Tradução e adaptação de Isabel Joyce)

Presidente Landsbergis diz que rejeição é um convite ao diálogo

Lituânia volta a dizer «não» às imposições de Gorbachev

O Presidente da Lituânia, Vytautas Landsbergis, que lidera um importante debate parlamentar, voltou hoje a rejeitar as exigências soviéticas de abdicar da declaração de independência de 11 de Março.

"Não podemos fazê-lo porque não temos um mandato para isso», declarou por telefone à rádio israelita.

No sábado, numa demonstração de flexibilidade, Landsbergis afirmou considerar um aviso de «graves consequências» do Presidente Mikhail Gorbachev, como uma abertura ao diálogo com Moscovo.

«É um aviso e... também uma proposta para o diálogo», declarou hoje o líder da Lituânia à emissora israelita.

O Parlamento lituano deverá debater hoje em Vilna o apelo de Gorbachev, enquanto veículos de transporte de tropas e tanques patrulham desde ontem a república báltica rebelde.

«Estas manobras das tropas e tanques soviéticos não são normais, mas nada podemos fazer», afirmou Landsbergis, acrescentando que a Lituânia há muito se manifestara aberta ao diálogo.

Landsbergis dissera anteriormente que o aviso de Gorbachev - o mais duro formulado durante as três semanas de disputas verbais - demonstrava que o líder do Kremlin estava a ignorar os apelos ocidentais para iniciar conversações com o Governo da República.

No seu apelo, Gorbachev afirmava: «Se a voz da razão não for ouvida agora, os acontecimentos podem vir a ter graves consequências para todos».

Um representante legislativo lituano afirmou que quando o Parlamento retomasse o seu funcionamento poderia então ser proposto um acordo.

Novo apelo de Bush

Este fim-de-semana, o Presidente norte-americano, George Bush, voltou a apelar ao seu homólogo soviético, Mikhail Gorbachev, para que procure solucionar pacificamente a crise na Lituânia, segundo a Casa Branca.

Bush, esclareceu a porta-voz presidencial, Marlin Fitzwater, enviou uma carta a Gorbachev, no que constituiu o seu primeiro contacto directo com o líder soviético desde a eclosão da crise.

Na carta, disse Fitzwater, Bush «exprime claramente o seu apoio pessoal e o apoio norte-americano às aspirações do povo lituano à autodeterminação».

«Exprimimos a nossa convicção de que a resolução deste conflito reside no diálogo pacífico», acrescentou, frisando que a mensagem de Bush "simplesmente reafirma» a posição de Washington, várias vezes tornada pública.

Uma mulher idosa ergue uma pequena bandeira imperial russa, enquanto o marido tira algumas fotografias, em Moscovo, durante um comício pró-democracia e pró-independentista da Lituânia

A agência Tass noticiou que a carta foi entregue pelo encarregado de negócios norte-americano, John Joyce, ao ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze.

Fitzwater recusou-se a divulgar pormenores da mensagem.

«O Presidente sentiu ser este o momento para enviar uma mensagem pessoal, com palavras suas e que o Presidente Gorbachev soubesse que partia directamente dele», limitou-se a dizer.

Redacção DL/Lusa/AFP

B R E V E S

Troika da CEE na África do Sul

Chegam hoje à África do Sul os representantes de uma *troika* comunitária, composta pela Irlanda, França e Itália, para analisar juntamente com as autoridades de Pretória a situação interna no país, decorrente da libertação de Nelson Mandela. As questões ligadas à África Austral, nomeadamente os conflitos em Angola e Moçambique, bem como a cooperação com os países da SADCC, vão estar em discussão. Entretanto Mandela e De Klerk encontram-se na próxima quinta-feira, segundo foi hoje anunciado oficialmente em Durban. Por outro lado, o encontro que estava marcado para hoje entre Mandela e o líder zulu, Buthelezi, foi adiado devido ao recrudescimento dos confrontos tribais na província do Natal.

Confrontos em Beirute

Pelo menos cinco pessoas morreram e oito ficaram feridas durante os confrontos de ontem entre as milicias cristãs rivais, no Líbano. Ainda durante o dia de ontem, as tropas do General Michel Aoun e as milicias cristãs das Froças Libanesas, de Samir Geagea, acordaram um cessar-fogo depois de duas horas de violentos confrontos . Este cessar-fogo é o 15º verificado durante os dois meses de combates entre as milicias cristãs libanesas.

Manifestação no centro de Bucareste

Milhares de manifestantes gritando «abaixo o cumunismo» marcharam ontem pelo centro de Bucareste pedindo a demissão do presidente interino, Ion Iliesco. Antes de se dirigir para o palácio do governo, os manifestantes ajoelharam-se e rezaram na Praça da Universidade, onde morreram muitos romenos durante os confrontos de Dezembro.

Inicia-se hoje cimeira centro-americana

Os cinco presidentes da América central iniciam hoje, em Manágua, a sua sétima cimeira, durante a qual vão analisar a desmobilização dos Contra e o recomeço do diálogo em El Salvador. A cimeira decorre dias depois dos rebeldes nicaraguenses terem aceite a sua desmobilização, ao mesmo tempo que em Oslo, na Noruega, se chegava a um entendimento entre a guerrilha e o Governo salvadorenho de Alfredo Cristiani.

Após eleições no Zimbabué

Robert Mugabe vai instaurar partido único

O presidente zimbabueano Robert Mugabe considerou que o resultado das eleições gerais no país como «um claro mandato» para o início dos projectos do seu partido, ZANU, nomeadamente «a instauração de um sistema de partido único.»

«Se pedissemos para a população se pronunciar sobre a instauração do partido único, ela votaria favoravelmente» - afirmou ontem Mugabe, durante uma conferência de Imprensa, num comentário às eleições que o reelegeram para a presidência do país, com 78,3 por cento dos sufrágios.

Interrogado sobre o futuro dos partidos da oposição e dos seus dirigentes, contra os quais Mugabe dirigiu várias ameças durante a campanha eleitoral, Mugabe respondeu que seriam autorizadas a prosseguir a suas actividades no quandro do sistema político actual, até à creação do partido único.

Para além do partido no poder, a ZANU, quatro outros pequenos partido concorreram às eleições, dos quais dois obtiveram lugares no Parlamento: o Movimento de Unidade do Zimbabué (ZUM), com dois lugares, e a ZANU-Sithole, com um lugar. Apesar da fraca afluência às urnas ter sido considerada pelos observadores como um sinal do desinteresse das populações face ao partido no poder, Mugabe justificou-as devido a erros nas listas dos eleitores,..

A. F. P

Parlamento Europeu ocupa-se da questão alemã

Kohl diz que Alemanha unida deverá manter-se na NATO

O chanceler alemão federal, Helmut Kohl, afirmou que a Alemanha unida deve fazer parte da NATO, a qualquer preço, porque se se mantivesse neutral constituiria um «ghetto» isolado na Europa.

"Não há preço que justifique não fazer parte da NATO», declarou ao jornal «Financial Times», numa entrevista hoje publicada e dada na semana passada em Londres, onde se encontrou com a primeira-ministra, Margaret Thatcher, para conversações sobre a unidade europeia.

Kohl pronunciou-se favoravelmente a que Berlim se torne na capital de uma Alemanha unida, embora admitisse que tal fosse alvo de alguma oposição.

Disse também considerar a criação de um banco central europeu comum, talvez sediado em Frankfurt, embora este assunto «fosse dos últimos a tratar» pela Comunidade Europeia.

Relativamente ao banco, Kohl adiantou quatro princípios prioritários: estabilidade monetária, independência total do Governo, soberania sobre questões de política monetária e obrigação relativamente à convergência de política económica entre Estados membros.

Kohl afirmou ainda pensar que as eleições para um Parlamento alemão unido poderão realizar-se no segundo semestre de 1991.

Uma sondagem entretanto divulgada em Bona revela que a unificação ocorrerá mais cedo do que gostaria a maioria dos alemães ocidentais.

Dois terços dos inquiridos gostariam que o processo de unificação fosse abrandado, ao mesmo tempo que defendem um referendo pangermânico sobre a questão.

O outro terço concorda com as teses de Kohl de que a unificação deve ser alcançada rapidamente e apenas pela declaração de Alemanha oriental de quer unir-se à Alemanha ocidental - tal como prevê a Cosntituição alemã-federal.

Apenas 11 por cento pensa que a Alemanha Federal deve estar pronta a acolher os cidadãos da Alemanha oriental. Uma sondagem efectuada no final de Fevereiro mostrou que 22 por cento aceitavam a vinda dos seus irmãos de Leste.

A unificação alemã e as suas consequências para a CEE é o grande tema da sessão plenária de Abril do Parlamento Europeu, que esta tarde se inicia em Estrasburgo.

A menos de um mês da cimeira extraordinária de Dublin, que será dominada pela questão alemã, o Parlamento Europeu vai pronunciar-se, pela primeira vez, sobre o impacto na CEE da unificação das duas Alemanhas. Na quarta-feira, em plenário, a comissão parlamentar «ad-hoc» encarregada de analisar a unificação da Alemanha colocará diversas questões à Comissão Europeia e ao conselho de ministros sobre o alargamento da CEE ao território da RDA.

Actualmente, é um dado adquirido que o alargamento da comunidade se fará pela via de uma extensão do território da RFA, não sendo por isso necessária uma revisão dos tratados.

O relatório final da comissão «ad-hoc» será submetido ao plenário na sessão de Dezembro e nele será dada prioridade, segundo fonte parlamentar, «ao estudo do impacto da adesão da RDA sobre a agricultura, os fundos estruturais, o ambiente, a estrutura industrial, a situação social e a segurança».

Redacção DL/Lusa/AFP

QUOTIDIANO

PJ prende suspeitos de assaltos a bancos

A Polícia Judiciária do Porto capturou, na Senhora da Hora, Matosinhos, três indivídos suspeitos da autoria de 12 assaltos a dependências bancárias ocorriodos este ano, nomeadamente os perpretados na passada quinta-feira, em duas dependências da Caixa Geral dos Depósitos (em São Mamede de Infesta e Foz do Douro), anunciou a instituição policial.

Os três detidos têm já antecedentes por assaltos à mão armada e a sua captura resultou de uma operação que envolveu 60 agentes policiais.

Cerca de cinco mil contos, uma pistola de nove milímetros, um revólver 38, munições, intercomunicadores, uma sirene, máquinas fotográficas, diversos documentos e outros objectos foram encontrados no automóvel dos três indivíduos e numa das suas bases de actuação, situada em Espinho.

Nos doze assaltos, que se lhes atribuem, foram roubados perto de 55 mil contos, não sendo conhecido o destino dado ao restante dinheiro ou o local onde se encontra escondido.

Um português e dois franceses

Os presos são Alberto Freitas, de 27 anos, que residia em França desde os sete anos, e dois indivíduos de 25 anos, franceses, de apelidos Gardes e Bernard. Gardes evadiu-se em Dezembro de 1989 de uma prisão francesa de alta segurança.

A série de assaltos iniciou-se a 19 de Janeiro do corrente ano, em Algés, na Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, e terminou na última quinta-feira nas dependências da Caixa Geral de Depósitos.

Os detidos foram já presentes ao Tribunal de Instrução Criminal que confirmou e manteve as prisões.

Cobrança de taxas da TV sofre limitações

Um acórdão do Tribunal Constitucional, publicado na edição de hoje, do Diário da República, declara inconstitucional a cobrança coerciva realizada por tribunais comuns das taxas e sobretaxas de televisão.

A decisão anula a norma constante do artigo 25º do decreto-lei 401 de 21 de Setembro de 1979 que considerava «os tribunais comuns da comarca do domícílio ou sede dos infractores» competentes «para a cobrança coerciva das taxas e sobretaxas em dívida, bem como para a aplicação de multas, quando não pagas voluntariamente».

Viveram-se momentos de ansiedade na Ilha de Faro onde as medidas de prevenção impediram o pior. Macário Correia divulgou, esta manhã, um documento que vai dar que falar

Faltou pouco

Um documento do gabinete do secretário de Estado do Ambiente e Defesa do Consumidor, distribuído à imprensa, defende hoje pela primeira vez, em termos oficiais, a total reconversão da Ilha de Faro - atingida por violentos temporais nos últimos tempos - e sustenta que a única solução para o problema é transformar a zona numa região de turísmo, transferindo para outro local as habitações e serviços que nela ainda estão instalados.

«Não se podem alimentar ilusões quando ao futuro, as dunas e praias que restam não têm condições para que sobre elas se edifique um espaço urbano organizado; sempre o dissemos e agora, reafirmamo-lo», pode ler-se na nota governamental.

Macário Correia questiona se valerá a pena «investir muitos milhões de contos em paredões, molhes e diques empedrando as praias para ilusoriamente tentar proteger umas poucas centenas de construções incorrecta e quase sempre ilegalmente assentes em sistemas de areias instáveis».

O documento da Secretaria de Estado, que de algum modo responde à onda de protestos que se gerou na chamada Ilha de Faro contra o poder central, tal a gravidade da situação que alí se viveu nos últimos dias, admite, inclusive, que se possa vir a realizar um debate público sobre o caso.

Entretanto, as mais de três mil toneladas de pedra colocadas frente ao mar conseguiram evitar que as águas dividissem a Ilha de Faro, como se chegou a temer, no passado fim de semana. Muito embora a situação ainda seja considerada «precária», pelos responsáveis da autarquia, que entendem ser agora necessário o equacionamento de medidas de fundo, a calma parece ter voltado ao local.

Rui Vasco

Foram colocadas três mil toneladas de pedra junto ao mar para proteger a ilha

Apesar deste esforço, o mar quebrou, durante a noite, mais cerca de 60 metros do muro de protecção da ilha que se encontra agora destruído numa extensão de cerca de duzentos metros. Outrora praia, esta zona é agora um amontoado de pedras banhadas pelo mar, constituindo uma ameaça permanente para dezenas de habitações existentes a menos de uma dezena de metros.

Embora a melhoria do tempo seja notória, as barras do Algarve foram encerradas ao tráfego marítimo, esta manhã. Segundo um responsável da Armada, a decisão das autoridades navais de fechar os portos de Faro, Tavira, Olhão e Vila Real de Santo António é mais uma medida de segurança do que propriamente consequência do mau tempo, pois «o mar já não se encontra muito picado».

Dez mil contos de prejuízos

A Câmara de Faro estima em mais de dez mil contos o custo da operação de salvamento, não contando com o que é suportado pela engenharia militar.

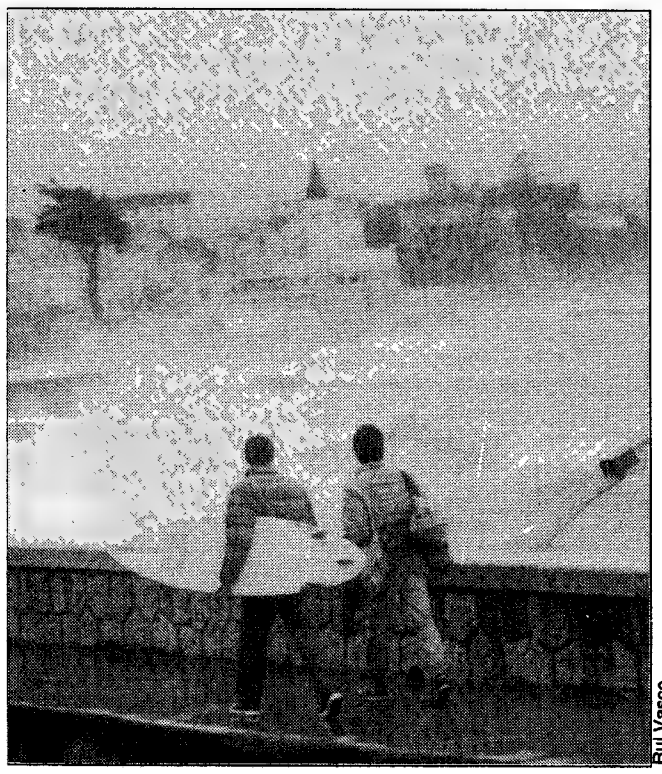
Para além dos danos causados no muro de protecção e na própria estrada da ilha, foram destruídas parcialmente quatro casas.

Os proprietários dos restaurantes da zona, por seu turno, calculam em cerca de mil contos o custo da paralisação da actividade em cada unidade.

Depois de três dias de mar de sueste, com ondulação de cerca de três metros, a rebentação virou, ontem, para sul, diminuindo o risco de perigo e começando a repôr alguma da areia que levou nos últimos dias.

O destacamento de engenharia militar que tem apoiado os trabalhos de protecção da ilha e que estava pronto para partir de regresso à sua base, em Tancos, voltou a pôr todo o equipamento na água, reiniciando o transporte dos camiões de grande tonelagem carregados de pedra.

A ponte de acesso à ilha viu o seu estado de degradação agravado nos últimos dias devido à passagem de pequenos camiões que, apesar de não ultrapassarem as oito toneladas, excedem em muito o peso aconselhado para a estrutura, que é 1,5 toneladas.



Rui Vasco

Susto na linha do Estoril O mau tempo que se fez sentir sábado, ao fim da tarde, sobre Lisboa e periferia, tomou aspectos mais impressiomantes nas zonas do Estoril e de Cascais, onde o vento, soprando em rajadas no período da preia-mar, levou as vagas a galgar as muralhas e a pôr em risco a circulação rodoviária

Mentiras agradáveis assinalaram o 1 de Abril

A abolição da portagem na Ponte 25 de Abril foi a mentira pregada ontem pela RTP, em comemoração do tradicional Dia das Mentiras. Os jornais aproveitaram também para pregar umas mentirinhas. O «Jornal de Notícias», por exemplo, assinalou o 1 de Abril com a notícia da devolução do dinheiro do IRS aos contribuintes, na sequência de um erro de cálculo efectuado pelas Finanças.

Menos simpático foi «O Comércio do Porto», que anunciava a demolição do tabuleiro da nova ponte ferroviária sobre o rio Douro, por este estar desnivelado. Mas para não dar só notícias más, aquele jornal portuense resolveu também anunciar a volta do jogador Paulo Futre às Antas.

O «Jornal de O Dia» optou pela tradicional fuga de um leão do Jardim Zoológico, enquanto o «Público» resolveu transferir todos os ministérios para a Praça do Comércio. Tal implicaria um aumento dos prédios daquela artéria e a construção de um parque de estacionamento subterrâneo com sete pisos. Finalmente, «A Bola» anunciou a transferência do jogador Valdo para o A. C. Milão.

Imprensa internacional também mentiu

A imprensa internacional também comemorou o Dia das Mentiras. O jornal francês «Nord-Eclair», por exemplo, resolveu criar a primeira província da Europa, através da abolição das fronteiras entre treze cidades francesas e belgas, enquanto o «Dernières Nouvelles d'Alsace» optou pelas mutações climáticas: a região renana está a caminhar para um clima mediterrânico.

O canal 5 da televisão francesa anunciou a decisão comunitária de mudar os feriados europeus.

O jornal romeno «Adevarul» propôs que o dia nacional daquele país passasse a comemorar-se a 1 de Abril, justificando a proposta com as numerosas mentiras que têm surgido acerca da situação romena.

Os britânicos optaram por pregar mentiras no mundo das artes. «A Gioconda vai ser novamente restaurada e o sorriso enigmático de Mona Lisa transformado em trejeito amuado», noticiava «The Independant on Sunday», ao mesmo tempo que «The Sunday Telegraph» dava conta da febre arquitectónica do Principe de Gales, que o levariam a transformar a fachada do Palácio de Buckingham. «The People» revelava, em primeira mão, a vida dupla de Margret Thatcher: depois de terminar as suas tarefas oficiais, a primeira-ministra britânica trabalha como empregada de um café, onde ganha 50 libras por semana.

Na União Soviética, o «Komsomolskaia Pravda», o jornal da juventude comunista, foi o mais brincalhão. Segundo este periódico, as conversações com vista ao resgate de partes da Muralha da China falharam, mas pedaços do Muro de Berlim serão vendidos em estabelecimentos especializados. Finalmente, o «Mossoviet», jornal da autarquia moscovita, decidiu que o acesso às manifestações passaria a ser pago.

Em Portugal, o combate à toxicodependência ainda vive muito do mito da desintoxicação por internamento. As comunidades terapêuticas estão, no entanto, a dar os seus frutos

Especialistas franceses valorizam terapia de grupo

A desintoxicação por internamento, em clínicas ou em hospitais, foi durante muito tempo a terapia mais utilizada na prevenção da toxicodependência. Na década de 80, a droga começa a ser considerada pelos especialistas como um problema social e não de saúde. A psicoterapia e a socioterapia aparecem assim como forças importantes no processo de prevenção desta doença.

O conceito de comunidade terapêutica - um espaço reservado à vivência em grupo, ao crescimento, à redescoberta das capacidades individuais, do prazer de comunicar e de partilhar sentimentos e projectos- instalou-se em Portugal como realidade preventiva. E, em 1986, um pouco inspirada em modelos franceses, é criada em Mação a comunidade Ares do Pinhal. A segunda deste tipo no nosso país já que em Coimbra funcionava desde 1978 o Centro Arco Íris.

Foi para falarem das suas experiências que membros destas comunidades e dos centros de Beuvais e Rennes (franceses) se reuniram durante o fim-de-semana em Mação, no IIº Seminário sobre Toxicodependência. Mais um dos encontros que se insere no ciclo de jornadas que o Centro das Taipas, juntamente com o Secretariado Nacional de Reabilitação, têm vindo a organizar desde Novembro de 1989.

Alertar a autarquia e as forças vivas da comunidade para um papel mais activo e interveniente na prevenção da droga foi outro dos objectivos que esteve subjacente a este encontro. «São sempre experiências extraordinàriamente enriquecedoras. Por razões históricas estamos muito ligados a França. Visitámos vários centros quando foi da abertura das Taipas e interessa-nos sempre perceber como funciona a rede social de apoio à toxicodependência» - disse ao DL um dos elementos da organização do seminário, o psiquiatra Rodrigo Coutinho.

A funcionarem há cerca de dez anos os centros de Beuvais e Rennes apostam numa acção global e envolvimento das forças do meio exterior para a prevenção da droga e reinserção social do toxicodependente.

Neste espaços terapêuticos prevalece a reflexão colectiva, cujo objectivo é levar o sujeito a assumir perante o mundo exterior a sua realidade interna sem recorrer ao «produto». Para isso, há a necessidade de afastar o toxicodependente, durante uma fase, do mundo exterior que lhe é hostil, de forma a poder desenvolver-se todo um trabalho interior, de crescimento e maturação. A escolha dos locais para as comunidades recai quase sempre em zonas rurais.

A opção de criar Ares do Pinhal no meio rural surgiu precisamente pela necessidade de afastar do tempo e do espaço envolvente da droga os doentes necessitados de comunidades terapêuticas. Aqueles que estando dispostos a parar com o consumo não o conseguiam de forma prolongada devido às solicitações e pressões do ambiente.

Para os coordenadores, a escolha do meio rural «teve a ver com a insuficiência de meios técnicos, mas, à partida sabia-se que poderíamos contar com o apoio da população que, em trabalho conjunto connosco, nos permitiria um ambiente sócio-terapêutico» - disseram-nos.

Os primeiros passos para a criação de Ares do Pinhal começaram a ser dados em 1983, num momento em que um grupo de psiquiatras do Hospital de Santa Maria, da equipa de consultas para toxicodependentes, começa a sentir cada vez mais a necessidade de um processo terapêutico que pressupõe um movimento pré e pós comunidade que termina com a ressocialização do toxicodependente.

Em 1984, a ideia amadurece e fazem-se os primeiros trabalhos de campo. Cria-se um modelo teórico, baseado na *token economy*, mas não se conseguem os apoios logísticos necessários.

No final de 1985, o modelo teórico é reformulado e Ares do Pinhal arranca. «Foi com dinheiro nosso.

Só dois anos depois, com a criação do Centro das Taipas, é que começámos a ser subsidiados» - disse-nos Rodrigo Coutinho.

A aldeia Vale da Abelha era o local indicado. A comunidade nunca tinha sentido a problemática da toxicodependência. Reforçou-se a confiança dos habitantes e a 16 de Fevereiro de 1986 a «vivenda» de Ares de Pinhal abre as suas portas aos primeiros jovens oriundos de Lisboa.

O dr. Nuno Miguel, que chefiava a equipa de consultas em Santa Maria, apoiou desde o início o projecto. O dr. Rodrigo Coutinho e a drª Emília Leitão dinamizaram-no e hoje Ares do Pinhal, coordenado pelo engenheiro Jorge Silva, professor do liceu de Mação, que vivia na região, tem oito monitores e 20 residentes.

Trata-se de um projecto que dispõe de duas casas, uma delas em Aldeia Velha, onde se procura que o sujeito desenvolva todo um trabalho interior individual. Ao fim de três meses, a passagem para Vale da Abelha confronta-os com a vivência em grupo e com o meio exterior. Neste momento, a comunidade de Ares do Pinhal possui já um apartamento urbano, em Oeiras, que procura fazer a ligação do residente ao mundo exterior através do trabalho e da vida social.

A.M.I

Casa do Minho assaltada por glutões

A Casa do Minho foi ontem assaltada por centena e meia de glutões que ali foram fazer as honras a um arroz de lampreia confeccionado à moda de Monção. Para que tudo estivesse a preceito só faltou a água de origem, conforme recordou o ministro das Obras Públicas e Transportes, dr. Oliveira Martins, que presidiu ao ágape. Segundo aquele membro do Governo, que é de origem minhota, uma cozinheira como a célebre Tininha de Monção só consentia em vir a Lisboa confeccionar lampreia desde que lhe garantissem que podia trazer água da sua terrá. Com o líquido da EPAL recusava-se pura e simplesmente a cozinhar.

A verdade, porém, é que mesmo sem água de Monção cresceu água na boca a quantos deglutiram, ontem, a lampreia que a Casa do Minho serviu, deixando a chorar por mais os apetites que reclamavam repetição da serventia. Completaram a ementa uma entrada de presunto e chouriço, canja, doce regional, fruta e café, merecendo realce o vinho verde (branco e tinto) da Cooperativa de Monção.

Este almoço de lampreia foi o 32.º realizado, no decurso dos últimos 31 anos, pela Casa do Minho, na sequência de uma iniciativa do jornalista Artur Maciel, autor da divisa: «uma boa gastronomia para uma boa política regional». Fazendo jus a este preceito, a presidente da direcção e o presidente da assembleia geral da Casa do Minho, respectivamente D. Fernanda de Castro e dr. Nuno Lima de Carvalho, usaram da palavra para alertar os convidados de honra para os problemas e aspirações da colectividade, cujo objectivo número um é, presentemente, obter terreno para a construção da futura sede.

O eng.º Leiria Pinto, adjunto do presidente da câmara, e ali presente em sua representação, garantiu o interesse do município em solucionar a questão. Por seu turno, o ministro das Obras Públicas assegurou que, resolvido o problema do terreno pela Câmara, contribuiria na medida das suas possibilidades para ajudar a Casa do Minho a ter uma sede condigna.

No decorrer da sua intervenção, D. Fernanda de Castro deu conta das próximas actividades da Casa do Minho, a saber: dia 15 de Abril, missa seguida de visita pascal à sede; dia 28, baile comemorativo do 67.º aniversário da actual sede, com a eleição de Miss Minho; dia 29, missa pelo aniversário da sede e almoço de confraternização; dia 1 de Maio, prova de vinhos verdes.

A estas iniciativas, o dr. Nuno Lima de Carvalho sugeriu que fossem acrescentadas mais duas: a realização de um jantar camiliano, semelhante ao que a Casa do Minho fez há 32 anos, no âmbito das comemorações do centenário da morte do grande escritor que viveu em Famalicão os últimos 27 anos de vida; e a participação da Casa do Minho na homenagem que se prepara à memória do grande minhoto que foi o republicano dr. Nuno Simões.

No final do almoço actuou, com agrado geral, o Rancho Folclórico da Casa do Minho.

Ausação de burla em Montechoro

Emigrantes impedidos de entrar nas casas que compraram

Um grupo de emigrantes portugueses em França, vítimas de alegada burla na compra de apartamentos turísticos em Montechoro, no Algarve, foram ontem impedidos de entrar no edifício de que são proprietários por dois indivíduos que os ameaçaram.

«Quando tentámos entrar no prédio, em que se situam os 50 apartamentos de que somos proprietários, cerca das dez horas e meia, fomos impedidos por dois indivíduos que disseram serem ex-pára-quedistas e dispostos a causar sarilhos se teimássemos em entrar» afirmou um dos emigrantes, Manuel Subtil.

Acrescentou que o grupo de emigrantes chamou de imediato a GNR que tomou conta da ocorrência e solicitou a presença dos responsáveis da empresa que explora os apartamentos.

Segundo Manuel Subtil, os emigrantes estão dispostos a não abandonar a entrada do edifício enquanto não tiverem garantias de que serão entregues as chaves dos respectivos apartamentos.

Os proprietários dos apartamentos exigem ainda o pagamento dos cheques sem cobertura que, segundo afirmam, a empresa Nazaré e Bettencourt lhes passou, assim como o dinheiro que lhes deve é o pagamento das dívidas à EDP e CTT.

O grupo, que se encontra em Portugal desde sábado, desloca-se, amanhã, ao Ministério da Justiça, para pedir audiência ao ministro Laborinho Lúcio.

Segundo Roberto Carneiro

Prova Geral de Acesso é um modelo estabilizado

A Prova Geral de Acesso ao Ensino Superior (PGA) foi ontem considerada pelo ministro da Educação, Roberto Carneiro, como «um modelo estabilizado», não se prevendo, deste modo, alterações substanciais à sua metodologia. Em entrevista ao programa «Entre Nós», da Rádio Comercial, o responsável pela pasta da Educação prometeu que dentro de cinco anos o número de vagas nas universidades será idêntico ao número de candidatos, contribuindo para isso o aumento significativo do ingresso no ensino técnico-profissional.

Tal situação permitiria que Portugal atingisse a média normal europeia de estudantes no ensino superior, cerca de 20 por cento, quando actualmente ela se situa nos 14 por cento. Na verdade, só este ano inscreveram-se na PGA 95 mil alunos, que concorrem a apenas 40 mil vagas. Roberto Carneiro revelou também que vai ser apresentada na Assembleia da República uma proposta de lei no sentido de que, a partir do ano que vem, os estabelecimentos do ensino superior públicos e privados passem a ser avaliados na sua organização e eficácia educativa.

A Prova Geral Acesso, que hoje teve a sua segunda chamada, consistia num depoimento dado por Delfim Santos ao «Jornal de Artes e Letras» de 1961, sobre «os pensadores e artistas perante as bombas nucleares e o problema do desarmamento». Para além de várias perguntas específicas sobre o texto os alunos tiveram ainda que fazer uma composição sobre um de três temas à escolha.

Na generalidade, os portugueses compram e calam

QUOTIDIANO

Em matéria de defesa do consumidor, os portugueses estão à frente dos espanhóis na letra dos textos legislativos. No entanto, na prática, estes usam mais o direito que a lei lhes confere

Portugueses reclamam pouco

«Em Portugal os consumidores ainda não adquiriram o hábito de reclamar, em especial, nos pequenos centros populacionais.

Entre os espanhóis, o número de reclamações é bastante superior; esta é uma das grandes diferenças de base entre os dois países no que diz respeito à defesa do consumidor», referiu Maria Leal Monteiro, subdirectora do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC).

Aquela foi uma das conclusões a que se chegou nas Jornadas Luso-Espanholas sobre Descentralização do Apoio ao Consumidor, que se realizaram na passada sexta-feira, com a presença do secretário de Estado do Ambiente e da Defesa do Consumidor, Macário Correia e de uma delegação de 65 representantes das Associações de Consumidores e das Oficinas Municipais de Informação ao Consumidor (OMIC) espanholas.

As OMIC são organismos que dependem da administração local. As autarquias de maior expressão populacional e financeira estão divididas em comissões administrativas, como é o caso do município de Madrid (que tem 21) e cada uma delas possui a sua OMIC.

Todo o tipo de pequenas reclamações apresentadas pelos consumidores são resolvidas pelos funcionários das OMIC de distrito, já que se tratam de problemas que não exigem conhecimentos de legislação muito profundos e complexos. Começam por receber a reclamação do consumidor e estabelecer-se comunicação com a empresa eventualmente responsável pelo dano, propondo, primeiro que tudo, uma solução amistosa.

Apenas em 15 municípios

Se aquela solução não é aceite, o problema é entregue a um inspector de consumo que, depois de analisar a questão, pode enviá-la a uma junta arbitral (com algumas semelhanças com o nosso tribunal arbitral) composta por um representante da associação de consumidores, outro da associação de empresários e um árbitro que, em geral, é alguém licenciado em Direito (embora esta não seja condição necessária).

Os problemas mais complexos e que exigem conhecimentos mais aprofundados de legislação são, nos municípios que possuam capacidades financeiras para isso, entregues a especialistas. Para citar um exemplo: o representante da OMIC de Madrid, presente nestas jornadas, trata apenas de problemas relativos a gás e electricidade.

Tanto as OMIC como as associações de consumidores espanholas têm vindo a desenvolver a partir da Lei Geral de Defesa do Consumidor, datada de 1984.

Também Portugal possui a sua Lei de Bases de Defesa do Consumidor, datada de 1981, criada por imperativo constitucional.

A norma da Constituição que se lhe refere é considerada uma das mais evoluídas da Europa.

O que a nível formal e de conteúdo nos coloca, pelo menos, ao mesmo nível da Espanha; o mesmo já não acontecendo do ponto de vista prático. É que, em Portugal, para além do INDC (organismo pertencente à administração pública) e das poucas organizações de defesa dos direitos do consumidor, apenas existem centros de informação e apoio ao consumidor (ou postos municipais de informação ao consumidor) em cerca de 15 municípios - em mais de 300 existentes.

Política de consumo anda devagar

Acresce àquele problema um outro focado por Macário Correia: a política comunitária de defesa do consumidor está a andar mais devagar do que aquilo que se estava à espera. Para o secretário de Estado da Defesa do Consumidor, esse problema é ainda mais preocupante em mercados periféricos como os ibéricos, quando caminhamos para o mercado único europeu de 1992.

Por isso, «devíamos ter políticas mais dinâmicas para se atingirem os níveis que já se atingiram noutros países europeus», afirmou aquele governante.

A importância destas jornadas, para Macário Correia, reside no facto de «os problemas nelas focados dizerem respeito a mais de 50 milhões de pessoas».

Mário Rocha

MALHAS DA JUSTIÇA

Fiel amigo traiçoeiro

O juiz sorri e diz, de sua justiça, o quanto está fora de moda roubar pão. Rui Luís não tuge nem muge. Toda a sua história acaba de cair por terra perante tamanha evidência. Espera, sereno, a condenação.

O juiz conhece-o já de outras andanças. Não é a primeira, sequer a segunda vez que furta «víveres para casa, tudo para comer», afirma. É solteiro, vive com uma rapariga, os futuros sogros e, muito em breve, vai ser pai. Empregado de restaurante, agora no desemprego, Rui Luís não perdeu o gosto pela boa mesa e, sempre que pode, arranja os condimentos para um rico pitéu.

No ano passado, desviou dois queijos da serra e duas garrafas de *whisky* numa dependência do Pingo Doce. Agora, um pacote de amêndoas e três quilos de «fiel amigo» traíram-no. A empregada reconheceu-o de um outro estabelecimento onde tentara idênticas façanhas e, pouca sorte, deitaram-lhe logo a mão.

Ao ser questionado pelo juiz, Rui Luís confessa e pede uma outra oportunidade. A funcionária do Pingo Doce, fartinha de o topar e de depor em Tribunal por casos semelheantes, garante que «ele pede sempre o mesmo». O registo criminal comprova que não é novato e o juiz, soberano, decide: pena de prisão não inferior a três meses.

Rui Luís sai da sala. À sua espera, umas algemas, um carro da polícia e o estabelecimento prisional. Porque o arguido não tem mostrado merecer a pena suspensa que lhe foi aplicada há menos de dois anos. Sobretudo, porque queijo da serra, *whisky*, bacalhau ou amêndoas não são, decididamente, pão.

Emília Trindade

TINTAS GEORGET

A QUALIDADE AO SERVIÇO DAS ARTES GRÁFICAS

REPRESENTANTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL

PRINSET

PRINSET - TINTAS DE IMPRESSÃO, LDA.

MASSAMÁ – QUELUZ
TELEFONE – 4376976

TAP aluga aviões sem tripulantes

Sindicato teme desemprego

O aluguer pela TAP de um Lockeed e um Air-Bus da sua frota às companhias angolana, TAAG, e cabo-verdiana, TACV levantou um protesto enérgico num sindicato do sector. A medida foi considerada, em declarações ao «DL», como «uma actuação normal», por Isabel Palma, do Gabinete de Relações Públicas da empresa.

Para José Brás, presidente do Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil (SNPVAC), «o facto dos aviões serem cedidos sem tripulação provoca desemprego no sector». Este sindicalista acusa a transportadora aérea de «estar a criar condições para dentro de algum tempo despedir trabalhadores».

A direcção do referido sindicato concorda com o aluguer dos recursos materiais. «Sabemos das dificuldades financeiras da empresa. Aceitamos que esta é uma solução. Só não aceitamos que retirem a tripulação dos aviões, sobretudo quando são as outras companhias que pedem», critica José Brás.

Por seu turno, Isabel Palma estranha a atitude do Sindicato. «Não é a primeira vez que a TAP aluga os seus aviões, como, aliás, o fazem outras companhias na tentativa de optimização das suas frotas. Há que procurar a via da recuperação. Como temos relações muito estreitas com os PALOP, fizemos contratos de cooperação com as suas companhias de aviação.

Os acordos são pontuais e têm uma determinada durabilidade. Em relação à inclusão ou não de pessoal de cabina, isso está estipulado no contrato», salienta.

Tripulantes sem aviões

Para o SNPVAC a questão fundamental é que, neste momento, estão 310 tripulantes de cabina, assistentes de bordo e comissários de bordo - cerca de 25 por cento do total - «sem ferramentas de trabalho».

As contas que o Sindicato faz são as seguintes: «Cada avião têm de ter sete tripulações de 10 elementos cada. Ao alugar dois aviões ficaram disponíveis 140 tripulantes. Juntam-se a este número, as 35 pessoas que deixaram o avião entregue à companhia cabo-verdiana (até aqui cada tripulação era constituída por cinco portuguses e cinco cabo-verdianos) e os 35 tripulantes das Cabo Verde - Roma e Cabo-Verde - Boston, feitas com aviões da TAP.» O Sindicato tem, ainda, a informação de que a TAP vai alugar mais aparelho à TAAG.

«O que é que isto quer dizer?», pergunta José Brás, respondendo: «Que daqui a dois meses a empresa diz que tem tripulantes a mais e despede as pessoas. Os aviões alugados estão ao serviço da economia e do emprego dos outros países, mas a contribuir para o desemprego em Portugal. Estão a criar-se condições para nos retirarem capacidade negociável e a promover desemprego evidente. Por exemplo, há um mês que não faço voos.»

Em relação à retirada dos cinco tripulantes portugueses da TACV, Isabel Braga diz-nos que isso estava previsto no contrato. « O Verão é altura do ano em que aumentam o número de carreiras. E nós precisamos de todo o nosso pessoal», explica-nos.

Sobre o despedimento de trabalhadores, Isabel Braga, adianta que isso não tem qualquer fundamento. «Este ano vamos aumentar o pessoal de voo de cinco a nove por cento», informa-nos.

Mas o Sindicato continua preocupado com a situação. «Existe uma grande má vontade na área da Direcçã-Geral de Operações de Voo, contra os tripulantes de cabina. Sobretudo depois da nossa greve de Setembro de 1989. Na altura, conseguimos um aumento intercalar e obrigámos a TAP a meter nos quadros 130 contratados a prazo», refere-nos José Brás. A primeira forma de luta do Sindicato é a sensibilização da opinião pública.

O «Euromarché» abriu, cheio de pressa, que os negócios não podem esperar. Sem estarem prontos os acessos, a nova administração camarária alinhou na pressa. E não fora a Associação de Residentes de Telheiras o desastre seria muito maior do que não vai deixar de ser

Os hipers dentro da cidade

O «Euromarché», um gigantesco hipermercado, abriu junto à futura via rápida Norte-Sul, enquistado nas franjas da urbanização de Telheiras, apesar da contestação que o seu licenciamento por Abecasis já tinha levantado, apesar dos protestos dos residentes locais.

Os hipermercados e os grandes centros comerciais estão a entrar pela cidade, com todas as perturbações urbanísticas resultantes de uma plantação postiça, não prevista em qualquer plano e, por isso, decidida segundo critérios de ocupação dos locais de máximo rendimento, geralmente perto dos nós de transporte ou das futuras grandes vias de penetração em Lisboa. Em nenhuma grande cidade europeia os hipermercados, por razões óbvias do desarranjo urbanístico que provocam, se situam no interior da densa malha urbana.

Primeiro foi as «Amoreiras», depois o «Ibérico», agora o «Euromarché» e já vem aí o super «Colombo», no nó de transportes do Colégio Militar. Sinal da bondade da planificação, os três hipermercados ficam concentrados numa área para aí de um quilómetro de raio.

A vereação da Câmara Municipal de Lisboa apressou-se a autorizar a abertura do «Euromarché», sem cuidar de saber, ou sabendo, dado o atraso da construção da via rápida Norte-Sul, que não estavam asseguradas as vias de acesso a um equipamento que vai ser utilizado, nomeadamente em fins - de - semana, por dezenas de milhar de pessoas.

Quanto a esses acessos à 2ª Circular ou à via Norte-Sul, nem a Junta Autónoma nem a Direcção dos Transportes Terrestres sabem algo, o que releva do bom planeamento em que tudo isto se insere.

E como os acessos não estavam feitos, vá de utilizar um bairro residencial que não foi planeado para suportar este enxerto, vá de alterar toda a filosofia da urbanização de Telheiras, vá de despejar sobre o sossego daquela área residencial, onde se localizam duas escolas, todo este fluxo de tráfego. Para «facilitar», a empresa «Euromarché», sem pedir licença a ninguém, segundo nos garantiu um porta-voz da presidência da câmara, vai à 2ª Circular e abre um desvio em direcção ao interior de Telheiras, que atravessaria a zona das escolas, a zona comercial e tornaria intransitável a principal via de trânsito pelo bairro.

Para «facilitar», a câmara aceitou que a empresa concessionária custeasse o reforço dos pavimentos das principais ruas de Telheiras e a instalação de semáforos (que ainda lá não estão), de que os moradores não necessitavam. Esqueceu-se é que a empresa se comprometeu a construir os acessos à av. Padre Cruz e à 2ª Circular, não no local em que o fez.

A EPUL, responsável pela urbanização silenciou ,a Junta de Freguesia do Lumiar ignorava. E foi então que os moradores, tudo gente de classe média (abundam os professores, jornalistas, arquitectos, bancários), através da sua Associação de Residentes, protestaram e dirigiram-se à presidência da Câmara. Na informação distribuída à população, escrevia a ART:

«Não é admissível que a CML, ignorando completamente os interesses e os direitos dos moradores de Telheiras, tenha autorizado a abertura do «Euromarché» sem que, para tal, tenham sido concluídas as vias próprias de acesso.

«Não é necessário ser especialista de tráfego para se entender que a rede viária do bairro não foi dimensionada para suportar o fluxo de trânsito que o «Euromarché» vai inevitavelmete gerar.

«Por outro lado, é posto em questão um projecto urbanístico de uma zona residencial, com tudo o que isso implica: poluição atmosférica e sonora, «stress», dificuldades acrescidas dos residentes nas horas de ponta para sair e entrar no seu bairro, etc..»

E concluía a ART: «É de lamentar que os interesses de alguns se sobreponham ao interesse de muitos, o que contraria afirmações ainda há pouco tempo proclamadas pelos candidatos à governação da edilidade. Por Lisboa...ou contra Lisboa?.»

Só depois deste protesto (calcule-se o que acontecerá a bairros que não tenham associações de defesa), a Câmara acordou para actos de técnicos que a vereação desconhecia. Promoveu uma reunião com os moradores, o «Euromarché», a EPUL, a Junta de Freguesia. Aí não se resolveu o problema, mas acordaram-se alguns paleativos, de modo a tornar menos danosos os efeitos. Foi mandado encerrar o desvio da 2ª Circular, por não estar autorizado, foi desviado o trânsito de algumas das ruas principais do bairro, plantar alguns semáforos (aberração num bairro residencial), policiar (sistema original este de resolver com polícia erros urbanísticos) as vias de acesso às escolas.

Já depois da inauguração, na passada sexta-feira, o vereador Machado Rodrigues, deslocou-se ao bairro e verificou que aquelas providências não tinham sido cumpridas e zangou-se com os técnicos da Câmara...

A ART vai insistir. Vai dirigir uma exposição a Jorge Sampaio, intervir junto do Provedor de Justiça e, em última instância, por um processo em tribunal. E a propósito de tribunais e de leis, é curioso lembrar que o Governo publicou em Junho passado uma lei que fazia depender a construção de grandes superfícies de mercados da autorização prévia da Direcção- Geral do Comércio Interno, após audições de várias entidades. Não consta que este requisito tenha sido cumprido.

O episódio que se segue chama-se hipermercado «Colombo», é da SONAE, e a sua construção já está a ser preparada, junto à estação do metro do Colégio Militar e de uma futura central de camionagem.

A.C.

Rui Vasco

O bairro residencial não foi planeado para suportar o enxerto dum hipermercado

Foto Rui Vasco

Nestas ruas, sábado e domingo, das 15 às 18 horas, o trânsito bloqueou, os moradores de Telheiras ficaram sitiados

À MARGEM

Por Lisboa?

Mais três ou quatro como esta e a coligação «Por Lisboa» perderá rapidamente o capital e eleitoral arrecadado em Dezembro. Pior, fará perder a esperança dos que apaixonadamente lhe deram o aval para mudar esta desgraçada cidade. A esperança de viver em Lisboa com qualidade, tranquilidade e aquela porção de felicidade que depende de estarmos de bem com o espaço que habitamos.

A este caso do hipermercado se aplica o que disse o irreverente Ribeiro Telles da gestão do espaço do eng. Abecasis: «isto acontece por a Câmara não ter política urbanística ou, melhor dizendo,ter uma que é o máximo de lucro no mínimo de espaço e de tempo.»

Eu sei que o«Euromarché» constitui uma das numerosas dívidas legadas pela pesada herança do eng. Abecasis, mas os herdeiros prometeram geri-las de forma a evitar, tanto quanto possível, o efeito de nefastos efeitos. «Por Lisboa», por nós. Augurava-se o mal menor, não o pior.

Eu sei que o hiper já lá estava. Mas nada obrigava a que fosse autorizada a sua abertura, nos prazos impostos pelo comerciante, sem que estivessem criadas condições aceitáveis de acesso viário a muitos milhares de viaturas/dia, a dezenas de milhares de consumidores que o maior hiper do País vai chamar, quais mosquitos atraídos pelo «neon» da grande feira. E desse modo se sacrificasse um projecto de vida que já lá estava, um projecto de milhares de pessoas, que assinaram um contrato precisamente com uma empresa cama-rária, a EPUL, que prometia um bairro residencial sossegado, com espaços veredes etc.. «Por Lisboa», por eles.

Se um esquema viário coerente planeado não estava previsto ou não estva pronto, se não havia condições para a inauguração, nada obrigava a vereação actual a sujeitar-se a prazos estrangeiros, a ser tão presta, com o administrador arealçar que tudo tinha sido possível, graças à boa vontade do sr. presidente, padrinho da cerimónia.

Prometeram-nos outro leme urbanístico, não guiado predominantemente pela rota dos negócios. Aos timoneiros pede-se que não comecem, desde já, a desviar a rota.

Adelino Cardoso

CULTURA

Eunice é hoje homenageada, pela Cooperativa Árvore, do Porto, com um livro que lhe é dedicado. O livro (dado o preço: 40 contos) é um tanto inacessível; a actriz (felizmente) não. Apesar de se reformar já para o ano, antes disso revê-la-emos em "Zerlina", no Nacional; e, depois, talvez, no teatro independente

Eunice Muñoz: uma actriz em forma de poema

É artista principal mas o ordenado não está equiparado ao de director-geral

Eunice Muñoz, a «musactriz», vai ser, hoje, mais uma vez, homenageada. No Porto, na Casa do Infante, onde José Cruz Santos e um punhado de bons amigos, numa iniciativa da Cooperativa Árvore, se reunirão para lhe dedicarem um livro especialíssimo, pintado de poemas e ilustrações. António Ramos Rosa, David Mourão Ferreira, Eduarda Chiote, Fernando Guimarães, Mário Cláudio, Vasco Graça Moura, José Bento, Ângelo de Sousa, Armando Alves, Jorge Pinheiro, José Rodrigues, Júlio Resende, Henrique Silva e Rosa Ramos são os artistas que escreveram e pintaram, em inéditos, *Eunice*, um livro, da colecção «Moinho de Vento», com introdução de Óscar Lopes, numa tiragem reduzida de duzentos exemplares, que se poderão adquirir a quarenta mil escudos por unidade.

Na passada terça-feira, no Dia Mundial do Teatro, fora-lhe atribuída, pela Secretaria de Estado da Cultura, a medalha de Mérito Cultural, pela sua carreira como actriz. Em 1986, foi a *Mãe Coragem*, inesquecível, e foi também Prémio Garrett. Inúmeros são os galardões, os prémios da crítica, da imprensa, quase tantos quantas as peças, os filmes, as intervenções numa arte que todos lhe reconhecem, onde cada pisar de palco tem sido um contínuo aplauso.

Mas a cerimónia de hoje à noite é diferente, não tem nada a ver com as distinções oficiais, como a do Teatro Nacional. Como diz Eunice, esta homenagem «é, efectivamente, carinho, amizade e amor». São surpresas que os amigos lhe quiseram fazer e que ela confirma. «Sei que se vai prestar homenagem à amiga, que sou eu, e penso que estarão presentes, para minha grande alegria, alguns artistas do Porto». Lá estarão o escultor José Rodrigues, presidente da «Árvore», Luís Francisco Rebelo, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, e Manuela Melo, vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Porto. Lá se fará a apresentação da «maior actriz portuguesa da actualidade», pelo especialista Dinis Jacinto, e se lerão poemas na presença de Eunice.

À actriz já foi oferecido o primeiro número de treze exemplares do livro, mais especialíssimos ainda, para além dos outros duzentos, uma edição de luxo, no valor de 170 mil escudos, contendo, em cada um, um original do pintor Ângelo de Sousa. No livro de Eunice, o traço é o de uma gaivota, um pássaro, asas... O primeiro poema foi escrito pelo seu terceiro e último marido. Um gesto de sensibilidade. «Uma profunda delicadeza da parte de quem organizou o livro, José Cruz Santos, que teve o cuidado e a atenção de o abrir com um poema do poeta António Barahona, meu grande amigo e pai da minha filha mais nova, Bara». São «objectos», diz Eunice, para quem o único preço é a ternura, que ela insistentemente repete.

Quanto às homenagens, são talvez «o reconhecimento da qualidade que possa ter». Gosta delas, alegra-se com as demonstrações de apreço mas preocupa-se sempre em fazer com que as homenagens não lhe pesem. «Eu continuo o meu caminho e elas ficam. Por uma questão de natureza e sem fazer grande esforço, nunca me sentei a descansar sobre estas coisas».

O peso da família

Eunice Muñoz é actriz desde que se conhece. Do casamento da trupe Carmo, grupo de teatro ambulante, de onde proveio a mãe, com o circo Cardinalli, onde o pai cantava (ainda é prima dos Cardinalli dos circos), resultaram as representações, que deram continuação à trupe, nas sociedades de recreio, na deambulação de terra em terra dos teatros de lona, nos pequenos papéis em espectáculos de variedades, na periferia de Lisboa. «À força de ser, à força de tantos anos, o ser actriz, em mim, funciona quase como uma fatalidade. Já não sei destrinçar a actriz da mulher e a mulher da actriz, o peso da família era tal que seria difícil não ter seguido este caminho».

Joana d'Arc, *L'Alouette*, de Jean Anouilh, foi o salto. Um papel que faz parte do seu «inesquecível», quando se sentiu, pela primeira vez, actriz a sério. Estávamos em 1955. Retomava os palcos em boa hora, depois de quatro anos de paragem, por opção própria. Era a adultez. «Significou muito na minha vida, foi a certeza definitiva de que era aqui, nesta estrada, que eu devia andar».

Antes, quando foi Joana d'Arc, aos 27 anos, ou Helen Keller, aos 35, as personagens viviam mais tempo nela. Hoje, a maturidade leva-a a rejeitar as identificações apressadas: «O actor é sempre actor». Diziam que Eunice era a encarnação de Joana, a guerreira. «Isso são fantasias», apressa-se a dizer, e ri-se, ri-se muito, a espaços largos do que se diz dela. Da *Mãe Coragem*, «talvez, talvez sim». Ela é uma mãe corajosa (com seis filhos), mas «para além disso, não, nada mais».

E explica os riscos. «Porque a nossa ambição é interpretar, e temos que nos esquecer de nós o mais possível, se não torna-se muito arriscado, criamos receitas, facilidades... os gestos passam a ser os mesmos, as respirações as mesmas, a expressão física, os vícios... porque, depois, tudo são vícios».

Tudo se tornaria mais fácil, submetendo a sua longa experiência ao bel-prazer e ao instinto. Mas não, a actriz recusa pisar esse palco: «Para mim é cada vez mais difícil representar, para quem queira fazer mais e melhor é cada vez mais difícil, porque quanto maior é o nome, maior é a posição e o prestígio, maior é a responsabilidade, maior é o medo e...» A obrigação? «Não, nunca!», diz sem hesitar. «Eu não posso falar em obrigação, porque a minha profissão é demasiado rica e demasiado bela. Não há obrigações numa actividade que nos dá um profundo prazer. Mas só agora começo a perceber tudo isto».

A actriz quase sem fracassos

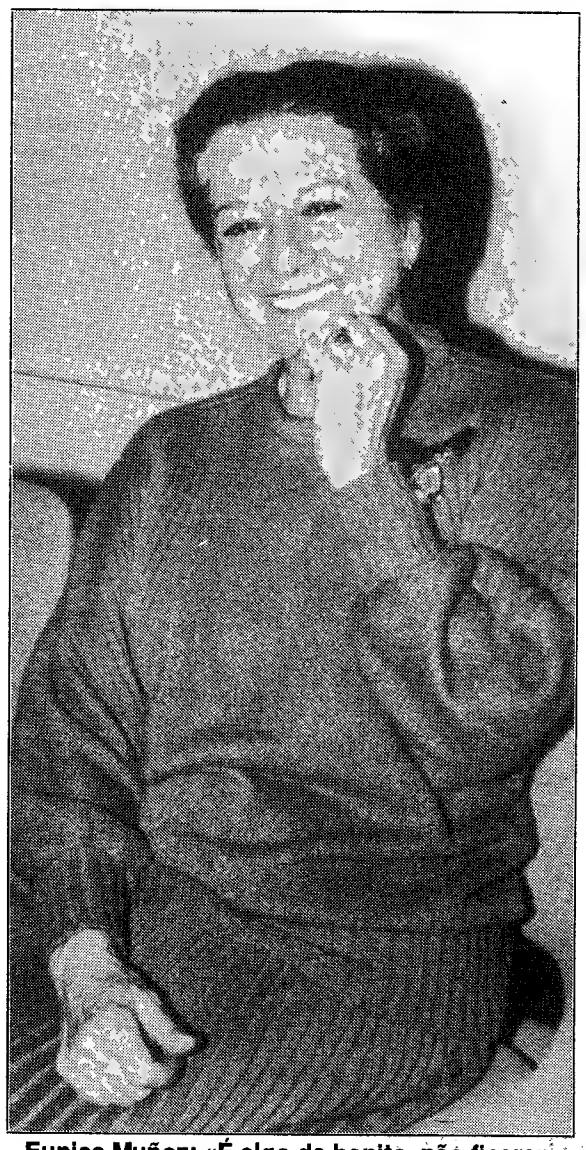
E tudo se modifica. Numa vida tão cheia, por onde passou quase tudo, desde a comédia, a revista, ao drama, à tragédia. Ela foi a *Fedra*, de Racine, *A Mãe*, de Witkiewicz. Fez *As Criadas*, de Genet, *A Oração*, de Arrabal. Deu corpo a personagens de Shakespeare, Cocteau, Becket, Saul Bellow, Tennessee Williams, Bernardo Santareno, Lorca, Botho Strauss, Brecht, para não falarmos da *Zerlina*, de Herman Broch, ou ainda a sua última representação, no Teatro da Politécnica, *D. João e a Máscara*, de António Patrício.

Mas o subir ao palco é afinal um receio, sempre foi. Desde as fitas de miúda, para não representar. Sim, a «musactriz» tem medo. «Só que o medo vai mudando, vai-se apresentando de forma diferente. Agora seca-se-me mais a boca e fico muito trémula... mas o domínio é também maior e tudo isso passa».

Quando se fala em fracassos a actriz consente e até lhe parece normal que os haja. «Às vezes rio-me», diz rindo-se, «como certos colegas meus podem pretender que, pelo facto de terem alcançado uma determinada posição, o público esteja sempre disposto a comprar o bilhete na bilheteira». E recorda-se de *As Quatro Estações*, «um completo e total fracasso», que apenas conseguiu estar doze dias em cena. «Há peças que não tiveram público». E a actriz? O público rebusca na memória uma Eunice menos feliz, um dia em que a tenha visto, desgostada. Não é assim tão fácil. Mas ela insiste, «sou capaz de ter tido fracassos, concerteza!»

Pedem-se, então, explicações desse contínuo aplauso, desse deslumbramento. «Deve ser produto de uma grande entrega e de qualquer coisa que me escapa, que nasceu comigo, que não se aprende em lado nenhum, que é a capacidade de comunicar. Deve ser isso que toca as pessoas». Todavia, a profissão leva-lhe tudo. Recusa a palavra sacrifício, mas sublinha a dádiva: «Quando estou no palco, estou a dar o melhor de mim própria. É uma profissão muito dura, muito cruel».

Fala-se então dos percursos difíceis, das reposições, que é como quem faz tudo desde o princípio, mas que também é «muito bonito, um mistério... o papel começa a surgir, as palavras... assim como quem aprendeu a andar de bicicleta».



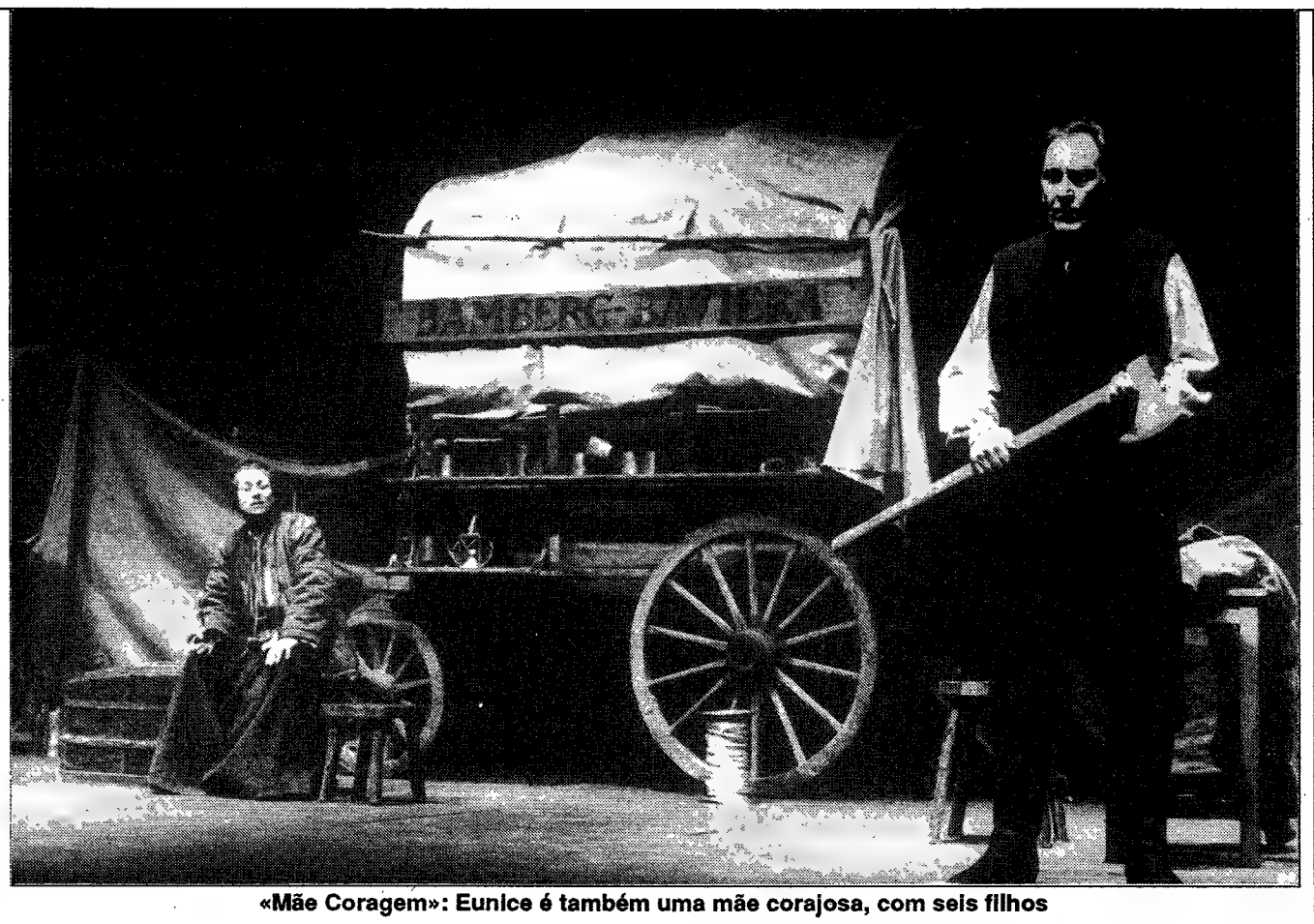
Eunice Muñoz: «É algo de bonito, não ficarem à espera que eu morresse para me fazerem homenagens»

Cinema: estrada que não quis

E há também outros percursos, menos falados, o cinema, uma paixão sem seduções. Mas é preciso não esquecer que, apesar da presença reduzida, com 18 anos, ganhava o Prémio SNI, em 1946, com o filme *Camões*, de Leitão de Barros. Já mais recentemente, em 1988, *Tempos Difíceis*, de João Botelho, subiu ao palco, no Festival Internacional de Veneza. Refere a sua experiência com dois realizadores, João Botelho e Lauro António (com quem filmou *Manhã Submersa*), e afirma-se satisfeita. Mas não é essa a estrada. «O meu caminho é mesmo o palco».

Quanto à televisão, pensa que «tem servido muito mal o teatro» e «bem faria melhor em não dar nada», porque o que tem servido tem sido «de péssima qualidade». No entanto, acredita que as coisas podem mudar, têm de mudar.

O actor é o fio condutor que retoma a conversa. Na arte fria que encenam as câmaras de filmar ou nos ateliers e secretárias que suportam os artistas, nada se lhe compara à arte do palco. «É uma profissão ainda mais dura que qualquer outra», acentua, «porque o actor está exposto completamente». Expõe-se mesmo na impossibilidade de se esconder na personagem. «Ah, mas é ele que lá está, é o seu corpo, a sua voz, os seus olhos, o seu sangue... é a entrega». Quando se fala do público é peremptória. São já muitos anos e não se deixa arrastar por emoções vãs, de



«Mãe Coragem»: Eunice é também uma mãe corajosa, com seis filhos

amadores. Há, contudo, uma ligação. «Eu sei quando ele está comigo ou quando se afasta, quando está preso ou quando está distraído e, se isso acontece, é porque algo falhou.» Fora dos palcos, rejeita o seu papel, irrita-se. «Fico pior que...! Representar é algo que se faz no espaço próprio. Cá fora faço como os modelos, quando finalmente podem não pôr nada na cara e não ir ao cabeleireiro, ficam felizes da vida.»

Memórias: o vento e o pudor

As memórias surgem aos poucos, momentos capitais de uma vida. «Lembro-me andar de noite com toda a família, quando mudávamos de terra, naqueles carros de cavalos, quando ia ao colo das minhas tias e da minha mãe. Tudo isto está na minha memória, o problema do vento... o vento como grande inimigo nos panos.» «E depois são as minhas lembranças do teatro, onde entrei pela primeira vez, e logo o primeiro teatro do País, o Nacional, é inesquecível. O medo que eu tinha, o pudor, a timidez terrível que eu tinha de enfrentar os grandes actores. Nessa altura estavam nas primeiras filas... e eu entrava a correr e punha-me logo a um canto, para ninguém dar por mim, que era para não vir a altura de poder entrar em cena.» «Ah, a minha mãe, a comprar-me uma saia e uma camisola... para eu ficar mais bem posta... laços na cabeça, soquetes... (tinha uma pernas muito magras, sempre tive, parecia um aranhiço).» Não pára de se rir. Cala-se por momentos e começa a recordar outras personagens, de carne e osso, que lhe deixaram mais marcas que as outras, de papel. «A minha mestra, Amélia Rey Colaço, sempre com uma grande ternura por mim, nunca mais me poderei esquecer dela.»

E vêm as saudades, as recordações tristes dos colegas, que se vão perdendo. Envelhecer é difícil? «Envelhecer não é agradável para ninguém e muito menos para uma mulher, quando olha para o espelho e percebe que está velha e tem rugas.» Mas, mais do que isso, é triste começarem a desaparecer os amigos. «Começamos a ficar cada vez mais isolados, se ficamos por cá muito tempo, ficamos muito sós.» Assim, ao seu lado desapareceram várias pessoas com quem trabalhara desde menina. Assistiu à doença de Maria Matos, com quem contracenou na última peça, depois foi Alves da Cunha, com uma angina de peito. Também com Maria de Lalande, «uma grande actriz, de talento singular», contracenou pela última vez.

O medo de envelhecer

A Eunice tem medo? «Sim, é fatal. Mas não pode deixar de acontecer. Por isso tenho tido sempre a preocupação de me afastar a tempo, para não dar esse espectáculo, tristíssimo, a toda a gente.»

Eunice Muñoz, a «musactriz» tem 61 anos. Fará 62 no próximo dia 30 de Julho. Anuncia: «Estou a pensar reformar-me para o ano. Posso reformar-me aos 63 anos.» A reforma acontecerá, então, no Outono de 91, mas não significa o afastamento dos palcos. «Enquanto estiver bem, enquanto a memória funcionar, farei uma peça por ano.» Sofre a doença no corpo, artrite, que não a ajuda muito, mas as vidas, no teatro ou na vida, o que é a mesma coisa, nega-as alguma vez vazias. «Tenho as minhas leituras de poesia, os recitais, que me dão muita satisfação. E, depois, tenho, felizmente, uma grande família, seis filhos, cinco netos, genros, noras...»

A actriz estreou-se no Teatro Nacional, aos 13 anos. Fez então um pequeno papel na peça *Vendaval*, de Virgínia Victorino. Aos 15 anos era a apoteose, no papel de Maria, no *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett. Depois de afastamentos vários, o regresso definitivo ao Nacional acontece em 1978. Em 1991 celebrar-se-ão os 50 anos da sua carreira.

Ordenado de general?

Por enquanto, na ordem do dia, no D. Maria II, está o discurso do primeiro ministro, Cavaco Silva, no Dia Mundial do Teatro. Eunice Muñoz diz-se uma mulher de esperança. Diz que, finalmente, os homens do poder começam a olhar para os actores e a sentir que o seu trabalho pode ser muito importante. Quanto à anunciada valorização salarial dos artistas do Nacional, equiparando o lugar de actor principal ao topo da carreira da função pública, ou seja, ao cargo de director-geral, nem tudo está claro. Esta é uma guerra que Eunice pretende não ver exposta nas suas minudências, mas apontou algumas confusões. «Penso que sou servidora do Estado e não funcionária pública. Houve uma série de actores a quem foi dada uma determinada posição ao nível de director-geral. Eu não sei o que isso significa, porque não usufruimos das vantagens do funcionalismo público, não temos letra... Terei de falar com o director do Teatro Nacional para que ele me esclareça.»

Mas Eunice Muñoz não foi equiparada a director geral. «Quer eu quer o Rui de Carvalho já éramos artistas principais, só que não com esse ordenado...» E cita Rui de Carvalho, que diz que «agora já são pagos como alferes, quando, até então, tinham sido pagos como sargentos... Mas para quando o ordenado dos generais?» «Efectivamente», conclui, «o ordenado do director -geral é o do general, portanto, ao falar-se em directores gerais!...» Não se lamenta, no entanto, da penúria com que se paga a arte em Portugal. Mas há quem pense que o actor vive bem, que o artista é rico. «Nesta profissão, como em todas as outras, há quem se venda e há quem não se venda. Quem não o faz, tem dificuldades.» Mas considera-se compensada, «com memórias, com carinho». «É algo de bonito, não ficaram à espera que eu morresse para me fazerem homenagens. É tão bom estar vivo!»

Recorda o amigo, Vítor Pavão dos Santos, na sua preocupação de ter um museu de arte de gente viva. Primeiro foi a exposição de Amélia Rey Colaço, depois Amália, e, revelou a actriz, «está a pensar fazer uma exposição comigo, por ocasião dos meus 50 anos de profissão, no Museu do Teatro».

Ambições, desde sempre declara-as «terra a terra». O sonho resume-se a «uma casa no campo». Já tem o terreno, falta o dinheiro para a casa. Projectos, resumem-se também à reposição de *Zerlina*, no Nacional, durante um mês, no próximo Outono. Depois, virá a «tournée» pela província. Só a personagem que contracena com Zerlina mudará. O actor Alexandre Melo será então substituído por um outro do Teatro Nacional. Quanto ao futuro, este o dirá. Eunice Muñoz não é mulher de grandes projectos. «De repente tudo pode levar uma volta, posso até não reaparecer no Nacional.» Hesita... «gosto muito de estar com os grupos, mudar de sítio, actualizar-me». A reforma é uma necessidade de respirar mais um pouco. Em 1991, a actriz estará mais cá por fora, pelos palcos do teatro independente. Eunice Muñoz prepara-se para sair. Na memória não deixarão de permanecer as palavras escritas no livro *Eunice*, na voz do poeta António Barahona: «O início és tu: magra e fecunda/deitada sobre as folhas do outono/o ritmo perfeito do amor/ao gesto esguio, na glíptica cabeça,/ te concede a qualidade de divina/ nua ascenderes dentro da noite».

Manuela Baptista

COMENTÁRIO

Eunice: principalmente actriz

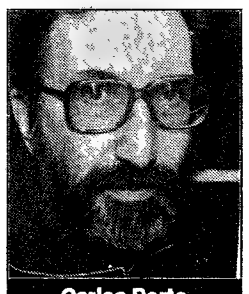
Na lista dos actores do Teatro Nacional D. Maria II que passam a ser considerados, pela SEC, como «artistas principais» para efeitos da sua equiparação ao «topo da carreira da função pública», não figura o nome de Eunice Muñoz. Sem que isso represente qualquer crítica em relação aos artistas escolhidos para esse privilégio, e desconhecendo os critérios a que obedeceu essa escolha, mesmo assim não podemos deixar de nos sentir perplexos perante essa lista na qual faltam, aliás, outros nomes. Porque, e nisto haverá um relativo consenso, se há em Portugal um intérprete de teatro *principal*, esse intérprete é Eunice Munõz. Podemos considerá-la uma actriz genial, na acepção comum de capacidades que ultrapassam as normas e se situam numa zona de criação de difícil apreensibilidade. Por isso a sua intervenção num espectáculo pode transformá-lo num instante de insuperável fascinação, como uma lâmpada invisível capaz de iluminar o Mundo.

Coloca-nos, no entanto, a situação desta artista, como de outros artistas nacionais, perante este dilema: em que medida o teatro e, portanto, a sociedade a que pertence, são dignos da sua prática artística. Em que medida outras condições, políticas, sociais e culturais, teriam permitido: 1 - Uma ainda maior capacidade de criação; 2 - Um aproveitamento mais eficaz dessa capacidade?

O percurso de Eunice Muñoz é, no teatro português, singular: descendente de uma família de artistas de teatro, Eunice, pode dizer-se, nasceu nas tábuas do palco e aí começou a trabalhar ao mesmo tempo em que aprendia a andar, a falar, a brincar, a sentir e a pensar. Aos 13 anos estreia-se profissionalmente na mais prestigiada das companhias portuguesas de então, a de Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, concessionária do Teatro Nacional D. Maria II. Dois anos depois interpretava uma das mais belas personagens da dramaturgia portuguesa, a Maria do *Frei Luís de Sousa*.

Frequentou e completou o curso de formação de actores do Conservatório Nacional, trabalhou em numerosas companhias, amou e foi amada, foi mãe. Ainda muito jovem, cansada de uma existência construída sobre os palcos, escolheu o outro lado da vida. Durante alguns anos deixou o teatro para a ele inevitavelmente voltar, com aquele que foi um dos seus grandes trabalhos, *Joana d'Arc*, de Jean Anouilh.

No entanto, ao longo da sua carreira, que possibilidades a sociedade lhe proporcionou para estudar seriamente o teatro? Como podia ela aprender as técnicas e as teorias de Stannislavski, que estão na base do trabalho do actor ocidental do século XX, de Gordon Craig, de Artaud, de Brecht? Que reportório foi ela obrigada a representar num teatro castrado pela censura política mas também pela censura económica, pela censura cultural e estética? Uma actriz como a Eunice foi obrigada a representar comédias de que ninguém se lembra mas não pôde representar um Ibsen, um Strindberg, um Tchekhov, um Shakespeare, os trágicos gregos, ou seja, as obras que a ajudariam a aperfeiçoar e a ampliar as suas qualidades, e às quais ela daria a vida que muitas vezes não tiveram. Salvo algumas oportunidades, a mais genial delas com *As Criadas*, de Genet, na encenação de Victor Garcia, Eunice só no País em liberdade pôde levantar as suas grandes criações, embora mesmo assim em número escasso: *A Casa de Bernarda Alba*, de Lorca, *O Anúncio Feito a Maria*, de Claudel (Teatro Nacional/1983); *Memórias de Sarah Bernhardt*, de J. Murrel (1984); *O Parque*, de Botho Strauss (Teatro da Cornucópia/1985); *Mãe Coragem e Seus Filhos*, de Brecht (Novo Grupo-Teatro Nacional/1986); *Zerlina*, de Hermann Broch (Teatro Nacional/1988); *D. João e a Máscara*, de António Patrício (Teatro da Politécnica/1989).

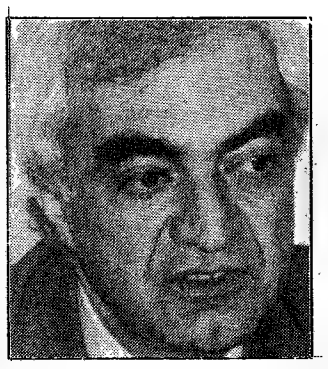


Carlos Porto

As reservas que se possam fazer à carreira de Eunice, pelas quais não podemos responsabilizá-la, em nada diminuem a admiração que o seu trabalho nos merece. Pelo contrário, tornam maior essa admiração.

GRUPO DE TRABALHO DL/SOBRE E

Relações luso-espa o perigo reside em



Mais do que a chamada agressividade espanhola, Portugal tem fundamentalmente que temer a falta de estratégias (financeira, industrial e comercial), bem como o facto da economia nacional ser demasiado aberta. Esta, em síntese, uma opinião comum aos intervenientes no «Grupo de Trabalho de Economia»: os economistas Manuela Morgado, António de Sousa e João Salgueiro. O debate, moderado pelo economista Luis Ribeiro, pretendeu cingir-se às relações económicas entre Portugal e Espanha, mas acabou por se alargar à análise da estrutura produtiva da indústria portuguesa, a qual condiciona a capacidade para competir com a espanhola. Esta situação acaba por se reflectir na balança comercial, que, pese embora a sua boa evolução, apresenta, em prejuízo de Portugal, mais aspectos quantitativos que qualitativos. Naturalmente que aqui põe-se o perigo de a indústria portuguesa se tornar em subcontratada da espanhola. No decorrer do debate foi considerado normal que a Espanha seja o principal fornecedor de Portugal e que, dentro de dois ou três anos seja o primeiro cliente, dado o facto de serem países vizinhos e o grau de integração das duas economias..

A necessidade da indústria portuguesa se reestruturar e de se modernizar rapidamente foi outra tónica comum aos intervenientes no debate. Na verdade, foi dito, para se participar num jogo aberto é necessário haver jogadores fortes. Torna-se portanto necessário criar estratégias que passam pela cooperação e pela negociação bilateral, sejam ao nível de Estados ou de empresas, sejam para a indústria, para os serviços ou para os investimentos. Na verdade, verifica-se, por um lado, que o investimento espanhol em Portugal é apenas suscitado pelos interesses do país vizinho, enquanto que as exportações portuguesas são as que interessam aos espanhóis (quer dizer, os portugueses não têm nem dominam redes de distribuição e comerciais em Espanha, ao contrário do que acontece com os espanhóis relativamente a Portugal).

Portanto, para além da certeza de uma evolução aparentemente positiva e natural das relações económicas luso-espanholas, muitas dúvidas se levantam. Um debate esclarecedor que pomos à consideração dos leitores.

Manuela Morgado considera que tem havido «uma boa evolução» nas trocas comerciais luso-espanholas. «Não só as exportações para Espanha cresceram mais depressa do que as exportações gerais portuguesas, como também cresceram a um ritmo bastante superior ao das importações originárias do país vizinho», afirma, reconhecendo mesmo que Portugal retirou mais vantagens quantitativas do que a Espanha. No entanto, afirma que «isto representa uma falsa ilusão do quantitativo», pois que, na verdade, a estrutura das exportações portuguesas é pobre quando comparada com a das importações que fazemos de Espanha. «Exportamos fundamentalmente produtos primários e de baixo conteúdo tecnológico, enquanto que importamos produtos mais laborados, como máquinas», diz ao defender que esta situação reflecte «uma fraca estrutura produtiva» no lado português, que desperdiça oportunidades de *up-grading* num mercado próximo e particularmente expansivo.

«Penso que o maior perigo para a indústria portuguesa está em poder tornar-se subcontratada perante uma indústria subcontratante que tem o domínio dos mercados»

António de Sousa

Estava dado o «mote» para o debate, salientado que foi por todos os intervenientes que, na parte industrial praticamente já não existem barreiras entre os dois países. E à preocupação de Manuela Morgado pelo aspecto qualitativo do comércio bilateral, **António de Sousa** responde: «Não estou a ver muitas empresas em risco por causa das suas congéneres industriais espanholas. O que pode haver, e quanto a mim há, é alguma desvantagem de alguns sectores portugueses que, por serem nacionalizados, não conseguem ter uma estratégia empresarial normal». Mas **Manuela Morgado** insiste: «E a maior entrada de máquinas espanholas em Portugal não prejudica o desenvolvimento do sector português de bens de equipamento?». **António de Sousa** responde: «Repare que elas anteriormente vinham da Alemanha ou de outro país. E agora até são mais baratas. Portanto diria que melhora a nossa situação». Aliás, acrescenta, «penso que para Portugal as relações com a Espanha têm sido boas, depois de um primeiro ano, após a adesão simultânea à CEE, em que houve algumas confusões».

João Salgueiro alinha pela mesma perspectiva e diz: «Acho que não é nada de espantar que a Espanha seja já o primeiro fornecedor de Portugal e que virá a ser rapidamente o primeiro mercado. Passámos de uma situação de pré-adesão em que o peso da balança comercial tinha uma taxa de quatro por cento, hoje estamos nos 12 por cento e é normal que atinjamos entre 30 e 45 por cento. Nos primeiros quatro anos triplicou e nos próximos anos vai triplicar novamente a importância relativa do comércio com a Espanha». Esta situação deve-se, acrescenta, ao facto de a Espanha ser o único vizinho de Portugal. «E isso acontece em todos os pequenos países em relação aos maiores vizinhos». Portanto, conclui, entrando no mote: «E daqui vai resultar um dos desafios principais para a completa modernização das actividades económicas portuguesas», pois que, defende, «sem essa mudança não se passa de uma estrutura de comércio como a que tínhamos para aquela que deveremos ter dentro de dois anos».

Manuela Morgado chama a atenção para o facto de a economia portuguesa ser muito aberta e, portanto, muito vulnerável, «levando-nos a dificuldades com a balança de pagamentos e ao uso dos instrumentos correctivos, como os cambiais, não selectivos das produções e exportações a promover». Por outro lado, diz, os sistemas de incentivos, «embora tenha havido algumas evoluções positivas, estão orientados para provocar reacções massivas, como é o caso do PCEDED e, em menor medida, do próprio PEDIP, embora este tenha introduzido algumas linhas de força de modernização, de tecnologia, de inovação e da qualidade». Em seu entender, esta situação tem levado a aprofundar a especialização em vez de favorecer uma alteração da estrutura. Por outro lado, acrescenta, «o facto de se procurar quantificar aspectos que são qualitativos cria artificialismos que não nos dão grande garantia de se estar a tirar a melhor rentabilidade dos incentivos que estão em vigor».

E mostra o seu pessimismo, tanto mais «quanto o problema não é específico das relações com a Espanha». Trata-se, como diz, de uma questão de estrutura produtiva, com raizes históricas e culturais no meio empresarial, enquanto «os incentivos se têm deixado ficar numa atitude expectante em vez de solicitar, directamente, de convidar os empresários para projectos concretos de investimento». E lembra que foi em 1982, antecipando a adesão, que os espanhóis começaram a investir em Portugal e não em 1985. «É nos primeiros anos de 80 que eles reconvertem doze sectores de actividade», afirma, considerando que os nossos vizinhos tiveram uma atitude de maior concretização das acções e estímulos relativamente aos problemas reais, «enquanto que os portugueses têm ficado numa certa abstracção».

António de Sousa considera, por seu turno, que o que está em causa é o problema de se saber como é que a indústria portuguesa se integra não só com a Espanha, mas com a economia europeia e até mundial. «Penso que o maior perigo para a nossa indústria está em poder tornar-se subcontratada perante uma indústria subcontratante que tem o domínio dos mercados», afirma, insistindo: «Esse é que é realmente o grande perigo». Para ele, é uma estratégia «extremamente arriscada» pensar-se em ser-se pura e simplesmente subcontratado numa base de eficiência em termos de preços, porque «se hoje em dia a competição é com empresas espanholas e da CEE, será depois com as dos países do Magreb e depois com outros». Está-se, portanto, a competir com o último que tem acesso à tecnologia produtiva e que está a competir com preços mais baratos. «É uma estratégia arriscada, que dá para cinco ou dez anos, mas não dá continuamente». Por outro lado, refere o facto de, até certa altura, ser muito fácil em Portugal ter-se o monopólio de um certo tipo de produtos, o que fez com que a empresa média tenha linhas de produtos demasiado grandes, que tentam abranger todos os segmentos de mercado em vez de tentar concentrar-se num ou dois segmentos e obter a individualização nesse domínio.

Aqui, **Manuela Morgado** pergunta: «Porque é que não tendemos para um tipo de especialização em unidades industriais que usassem predominantemente recursos naturais e continuámos a trabalhar com matérias-primas importadas? Para **António de Sousa** o problema das fileiras industriais «levar-nos-ia a considerar que os sectores industriais em Portugal com futuro são a fileira das madeiras, de alguns tipos de minerais, ou quanto muito a que tem a ver com as rochas ornamentais e com as cerâmicas, onde temos efectivamente alguma vantagem comparativa de aproveitamento de recursos, os quais, aliás, têm sido razoavelmente aproveitados». **João Salgueiro**, por seu turno, considera que as estratégias implicam uma exigente análise das vantagens comparativas, que antes do mais são os recursos naturais do país, mas também são alguma capacidade de aproveitar de forma inteligente a mão-de-obra de que dispomos. E afirma: «Não vai ser só à base de sectores com vantagens naturais que vamos criar empregos suficientes».

António de Sousa, voltando à questão dos incentivos levantada por Manuela Morgado, diz: «Eles não são concretos, porque tentam modelar estratégias empresariais e não sectoriais», afirma. E lembra que as reestruturações sectoriais noutros países se têm saldado por um fracasso. «Elas têm sido (e em Espanha foi-o claramente) a forma relativamente pacífica de acabar com um sector», acrescenta.

«É necessário que não se alimentem ilusões nem às autoridades nem aos próprios empresários, que podem fazer perder tempo e levar a enveredar por estratégias que não vão ser bem sucedidas»

João Salgueiro

Para **Manuela Morgado**, o quadro descrito «até pode ser uma boa estratégia». **António de Sousa** responde: «Penso que sim, mas para isso não são precisos incentivos». Segundo ele, a reestruturações sectoriais, tal como têm sido encaradas, colocam basicamente o problema social - há libertação de mão-de-obra que é preciso recolocar. Mas, diz, em Portugal este problema não tem muito sentido em presença da baixa taxa de desemprego, que impede a mobilidade dos trabalhadores para as zonas do país onde os empresários se queixam da falta de pessoal, especializado ou não. Por isso afirma que a reestruturação da indústria portuguesa pode-se fazer sem intervenção governamental, a qual se deve verificar, isso sim, para não deixar que certas situações continuem a existir, como é o caso das falências que não vão à falência. «Penso que o Estado, bem como o sistema financeiro ao não pedir a falência das empresas, são culpados de se manterem situações de concorrência desleal no mercado interno que afectam profundamente empresas que, sendo mais eficientes, não são suficientemente eficientes para ter uma vida despreocupada», afirma.

João Salgueiro mostra-se, por seu turno, «relativamente optimista» em relação à capacidade de reagir de uma grande parte das empresas portuguesas, mas acrescenta: «É necessário que não se alimentem ilusões nem às autoridades nem aos próprios empresários, que podem fazer perder tempo e levar a enveredar por estratégias que não vão ser bem sucedidas». Para ele, o desafio da modernização da indústria portuguesa, para além de levar a uma mudança radical de situações, comporta o desafio do novo quadro do comércio internacional, em que o proteccionismo da indústria ligeira europeia será menor. E explica: «Há que abrir os mercados europeus naqueles bens que são mais fáceis de produzir, que são os que resultam da indústria ligeira de consumo, e, por outro lado, o alargamento da integração europeia, de uma forma ou de outra, aos países do Leste vai criar novos concorrentes nos precisos segmentos em que Portugal tem alguma especialização, salvo raras excepções». Embora pensando que existe uma capacidade de adaptação das empresas portuguesas ao novo quadro, considera que é preciso ajudá-las, alertando-as a tempo para que possam progredir eficazmente.

João Salgueiro considera, por outro lado, que «não devemos ter excessivo optimismo em relação à taxa de cobertura com a Espanha, porque qualquer analista sabe que a economia espanhola está neste momento numa fase relativamente pouco concorrencial, estando a exportar menos e a importar mais do que é habitual». De facto, explica, a taxa de cobertura espanhola baixou drasticamente nos últimos três anos, a peseta está muito sobrevalorizada e há grandes afluxos de capital que estão a iludir os desequilíbrios da balança de transacções correntes. «Mais tarde ou mais cedo a Espanha vai ter de tornar-se mais competitiva na sua política cambial e comercial», afirma.

Quanto à estratégia, já anteriormente abordada pelos seus interlocutores, **João Salgueiro** considera que

BRE ECONOMIA

spanholas: em Portugal

Francisco Paraíso

A necessidade de modernização e reestruturação da indústria portuguesa foi tema dominante

para se participar num jogo aberto é preciso haver jogadores fortes. «Obviamente que a liberdade de comércio interessa a quem tem os jogadores mais fortes», diz, acrescentando que nas fases de arranque é preciso treino e encorajamento. «Não se vai meter uma equipa da terceira divisão a jogar na primeira, sem que primeiro tenha passado pela segunda», explica. Por isso afirma que Portugal assume muitas vezes uma posição de um liberalismo extremo, esquecendo-se de que estamos a recuperar de problemas antigos, por um lado, e que, por outro, somos objectivamente mais fracos que outros dos parceiros.

«Temos estado aqui a analisar a parte comercial (mercadorias), mas nos serviços eu gostava de ver quando é que a Espanha vai autorizar o que os portugueses estão a admitir em matéria de bancos», diz ao lembrar que, enquanto o Banco de Espanha tem de dar autorização para todas as transacções superiores a cinco por cento do capital de qualquer banco, em Portugal transacciona-se um banco sem intervenção das autoridades de controlo. Por outro lado, adianta, um banco português só pode abrir três balcões em Espanha.

De acordo com a fase transitória que negociou com a CEE, Portugal apenas é obrigado a autorizar uma sucursal suplementar no terceiro ano após a adesão e duas após o quinto ano. «Quando autorizamos mais do que esse número faêmo-lo por opção voluntária e antecipando-nos às exigências comunitárias», afirma.

«Não há pior injustiça do que tratar igualmente coisas que não são iguais, como é o caso das empresas portuguesas e das estrangeiras que estão a concorrer com elas», afirma **João Salgueiro**, adiantando, contudo, que não se trata de querer um proteccionismo para defender o passado, mas sim de liberalizar criando condições para as nossas actividades serem capazes de concorrer de igual para igual. «Que fique bem claro que não sou proteccionista. O que não devemos é ser ingénuos. É necessário criar condições para entrar em campo com mais igualdade de meios», esclarece.

Igualdade que não existe e que preocupa **Manuela Morgado**, quando diz que não está muito optimista se efectivamente não houver em Portugal uma maior atitude de concretização dos incentivos às opções estratégicas - seja inovação, modernização, investigação tecnológica, etc - dentro das realidades dos ramos de actividade e não à margem delas, abstractamente. «E podemos correr o risco de passarmos de uma situação de periferia da Europa para a periferia de Espanha, o que, se não interessa a Portugal, também não interessa aos espanhóis», acrescenta.

O facto, diz, é que os espanhóis implantaram em Portugal redes comerciais antes da adesão e nós ainda não conseguimos fazer o mesmo em Espanha, mercado em que a indústria portuguesa tem de pensar estrategicamente, porque é oito vezes e meia superior ao português. Para isso, defende, torna-se necessário procurar vias de cooperação entre empresas portuguesas, nomeadamente ao nível da

«O investimento espanhol não é um investimento solicitado e suscitado por Portugal, nem baseado em estratégias em que haja interesses portugueses»

Manuela Morgado

distribuição, que permitam, com marcas comuns, penetrar, com dimensão e qualidade nas grandes cadeias comerciais espanholas. Por outro lado, esta cooperação pode mesmo estender-se a associações com as linhas de distribuição espanholas para concorrer nos mercados comunitários. **João Salgueiro** pensa igualmente que seria possível alguns grupos industriais espanhóis fazerem acordos com grupos portugueses.

Manuela Morgado aponta outra via para apoiar a penetração nos mercados comunitários através da Espanha: os investimentos, por exemplo, em sectores em que Portugal detém mercado, mas que tecnologicamente estão com alguma degradação. Por conseguinte, trata-se de cativar o investimento espanhol pela via da tecnologia. Por outro lado, aproveita as suas anteriores palavras para considerar que há «uma desproporção muito grande entre o investimento espanhol em Portugal e português em Espanha». Contudo, adianta que não é esse facto que a assusta, mas manifesta um receio: «O investimento espanhol em Portugal é suscitado, naturalmente, por interesses espanhóis (que efectivamente invadem o nosso mercado) e não um investimento solicitado e suscitado por Portugal, nem baseado em estratégias em que haja interesses portugueses».

«É o drama de estarmos a vender o acesso ao mercado», afirma **António de Sousa**, que considera que os espanhóis foram muito mais eficientes que os portugueses em matéria de investimento estrangeiro. Por outro lado, diz que muito do investimento em Portugal que é classificado como espanhol, não o é. Esta situação, explica, tem a ver com o facto de a economia portuguesa ter estado demasiado tempo fechada ao investimento estrangeiro, desmotivando-o e fazendo com que as filiais das grandes multinacionais se tenham localizado primeiro em Espanha, investindo agora em Portugal através delas. «Este aspecto parece-me importante, porque algumas vezes a desproporção entre o investimento espanhol e português tem um pouco a ver com o facto de se saber de onde é que vem o investimento considerado espanhol», diz.

Segundo afirma, a questão do investimento estrangeiro é importante, porque, agora, ao falar-se no seu grande volume, esconde-se o facto de termos atrasado fortemente a internacionalização de economia portuguesa em termos de investimento estrangeiro. E acrescenta: «Embora o aumento verificado, continuamos a ter em Portugal a mais baixa taxa de investimento estrangeiro de todos os países de CEE, incluindo a Grécia».

João Salgueiro lembra que, se é verdade que a Espanha tem uma grande percentagem de investimento estrangeiro, não o é menos de que o tem em sectores que lhe interessa. Por isso, diz pensar que se tem de caminhar, também aqui, para um jogo aberto, mas com jogadores fortes. «E por isso é que se negociaram os períodos de transição», diz, acrescentando que se torna necessário explicar aos empresários portugueses que não estão protegidos eternamente e que é necessário aproveitar o gradual desmantelamento da protecção.

João Salgueiro considera a negociação bilateral mais importante que o proteccionismo. «Os espanhóis estão habituados a negociar bilateralmente e os portugueses não», diz para explicar o facto de «estarmos a entregar parcelas da nossa economia em troca de coisa nenhuma, apenas com uma preocupação financeira que, sendo necessária, não pode deixar de ser acompanhada de um *caderno de encargos* que fixe o que se quer em troca». E acrescenta: «Isto não é condicionar o investimento estrangeiro, porque nós temos neste momento uma arma extremamente poderosa para a negociação bilateral, que é constituída pelas privatizações. Não há alguma empresa, quanto mais um país, com uma estratégia de alienações que não tenha, simultaneamente, uma estratégia de negociação bilateral».

Ainda **João Salgueiro** a completar o seu pensamento: «Para além do problema das reestruturações e da negociação há ainda a questão dos grupos económicos. Mais do que acumular capital, basicamente a sua missão é acumular uma capacidade empresarial. Mas da maneira como se fala em grupos económicos parece que se trata apenas de adquirir mais recursos financeiros. Ao mesmo tempo, estão a passar ao lado estratégias tecnológicas e de mercado que poderiam ser a base de empresas sólidas para o futuro, que se trocam por mais alguns milhões de contos. Os recursos financeiros existem sempre para as empresas e projectos viáveis».

Numa última ronda, **Manuela Morgado** refere que a maioria dos grupos portugueses não têm estratégia definida relativamente a Espanha, como a não têm em relação a outros mercados. «O que me impressiona no investimento espanhol em Portugal é que mais de metade é de empresas comerciais e mais de 70 por cento são posições maioritárias, não se vislumbrando uma política de *joint ventures* com participações equilibradas para ambos os lados».

António de Sousa considera, por seu turno, que vai depender fundamentalmente dos empresários portugueses «o não sermos apenas subcontratantes das empresas espanholas». E fala de «uma gravíssima desvantagem comparativa» do empresário português no domínio financeiro: pior que a taxa de juro elevada, diz, é a política de empréstimos seguida pela banca, que promove os investimentos corpóreos, mas não outros que se afiguram bem mais importantes. Por exemplo, aponta, não empresta para uma campanha de publicidade, nem para o acesso às cadeias de distribuição, nem para processos de fusão ou concentração. «Os bancos, e isto é uma crítica maximalista, habituaram-se em Portugal a ver como é que determinada operação se enquadra na orientação do Banco de Portugal.

E isto não é fazer banca», afirma ao considerar que esta situação é um dos maiores óbices à constituição de grupos económicos em Portugal.

Por outro lado, diz, Portugal habituou-se a exportar e não a vender directamente nos mercados externos, modelo este que está a ser seguido para Espanha. «Exportamos cada vez mais aquilo que os espanhóis querem importar», afirma, sendo apoiado por **Manuela Morgado**, que remata: «Isso denota uma vez mais a falta de uma estratégia».

Falou-se da indústria e dos investimentos. Passou-se um pouco ao lado dos serviços e da agricultura. «Percebo pouco de agricultura, mas não vejo como é que Portugal poderá exportar nesta área para Espanha», diz **António de Sousa**, enquanto que **Manuela Morgado** considera que os fundos estruturais agrícolas deverão considerar, de modo integrado, as potencialidades portuguesas e espanholas e, nesse domínio, «mais vale concentrarmo-nos nas produções em que tenhamos nítidas vantagens comparativas». De acordo estão em que se torna necessário «empresariar» a actividade agrícola, para a modernizar e dar-lhe a produtividade e qualidade necessárias para poder competir nos mercados externos e até no interno.

A.M.A.
Auto Monumental de Areeiro S.A.
®
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

CULTURA E ESPECTÁCULOS

No concerto de Adelaide Ferreira, os Dalton que por lá passaram não roubaram o momento mais alto da noite. Conquistaram-no com trabalho, honestamente

Desesperadamente à procura de estilo

O concerto de sábado, no Cinema D. João V, na Damaia, anunciado como sendo de Adelaide (agora, sem Ferreira), foi praticamente de todos os participantes, menos seu. A *estória* poder-se-ia contar de duas maneiras: como um grupo quase desconhecido, escolhido para fazer uma primeira parte de um concerto de uma *veterana*, apresentando um trabalho de bom gosto e qualidade, sendo autor do momento mais importante e surpreendentemente agradável da noite; ou de como o fazer carreira (saltitando de *onda* em *onda*, numa busca patética do *que é que está a dar* para atingir o cifrão) se transforma numa palhaçada.

Mas como ambas as hipóteses de semelhante *estória* provocariam divagações longas e aborrecidas, fica aqui, simplesmente, o relato do acontecido.

Bons músicos ao serviço da mediocridade

É sempre doloroso terde dizer mal, há uma sensação de desconforto e medo quando eventualmente se pense haver qualquer tipo de ideia desfavorável pré-concebida. Não é o caso. Aliás, sempre considerei Adelaide Ferreira uma mulher corajosa, decidida a lutar por uma carreira e senhora de uma das melhores vozes femininas da música ligeira portuguesa. As primeiras mudanças de estilo musical da cantora, apesar de tão díspares umas das outras, foram entendidas, a princípio, como procura de um género com o qual a artista viesse a identificar-se. Posteriormente, passaram a sê-lo, essas mudanças, ao conhecimento de quão difícil se torna a sobrevivência para um artista em Portugal. Hoje, por muito que não se queira, cheira a oportunismo, ou, pelo menos, a uma excelente voz numa cabeça completamente confusa.

Os regressos, volta não volta, de Adelaide Ferreira ao *rock* já são antigos, só que este último é desastroso. Na Damaia, assistiu-se a uma má cópia de espectáculos e atitudes pertença de outras cantoras estrangeiras. O mau gosto de Adelaide é confrangedor. As várias tentativas, quase 90% da sua actuação, de um apelo ao erotismo, ou uma agresssão ao ainda existente tabu que envolve a sexualidade, resultaram em demonstrações gratuitas de uma pseudo - atitude despreconceituada. Nestes casos o óbvio tem que ser forçosamente um murro no estômago da hipocrisia, ou então não o é. O erotismo vive precisamente de subentendidos que provocam o prazer e libertam a sensualidade. O resto resulta ordinário. É a diferença entre o erótico e o pornográfico, que já fez correr tanta tinta. Isto sem qualquer tipo de moralismo. Na música moderna portuguesa temos belíssimos exemplos de como se denunciam, de forma sensual, conceitos erróneos sobre o sexo e o corpo.

As intervenções, entre temas, da artista, durante o concerto, não carecem de comentários. Se não vejamos: a propósito de um beijo dado a um jovem elemento do público « Beijei-o, a ele, porque é o mais fofinho»; sobre os seus músicos «Os fofos que me acompanham»; sobre o talento do seu companheiro e guitarrista - « Para isso (tocar bem) esteve fechado no quarto oito (?) meses. Eu é que o alimentava. O maior guitarrista de *rock* português, Luís Fernando.» De memória, e sem lhes alterar o sentido, estas foram algumas das *belíssimas* frases de Adelaide Ferreira.

Os fãs do grupo, muito jovens na sua maioria, a princípio timidamente, foram-se aproximando do palco, e ao contrário do habitual (e lógico) nos concertos, não ocuparam o espaço frente ao centro onde actuava a vocalista, mas sim um dos lados, onde se encontrava o seu ídolo o guitarrista, pouco se importando com as pernas e atitudes sexualmente provocantes de Adelaide. Era para ver e ouvir Luís Fernando que eles ali estavam. O que provocou, de repente, o delírio do público: e a sua aproximação massiva do palco deveu-se à execução, pela banda de Adelaide, de um tema instrumental, enquanto a cantora aproveitava para mudar de roupa. E, nesse momento, doeu ver músicos bons (para o nível da música moderna portuguesa, claro!) ligados a semelhante projecto. Todos demonstraram as suas potencialidades (nalguns casos conhecidas de outras bandas) - Rui Alves na bateria, Octávio nas teclas, Luís Moreno na guitarra, Sandra e Dora nos vocais. Evidenciando-se, um dos bons guitarristas de *rock*, Luís Fernando e Zé Manel no baixo, que o chegou quase a transformar num banjo durante um brilhante solo que empolgou o público. Este músico, que durante algum tempo acompanhou Dany Silva, não foi uma surpresa, já lhe conhecíamos o talento, mas provocou foi pena por estar ligado a um projecto tão medíocre como este. Mas, lá está, sobrevivência *oblige!* O concerto de Adelaide foi excelente quando a artista não esteve em palco...

Foto Maria Emília Prazeres

Foto Maria Emília Prazeres

Adelaide e Sofia: duas boas vozes, duas atitudes radicalmente opostas. Descubra as diferenças

Dalton - a não esquecer

Ao contrário do usual, o grupo que fez a primeira parte deste espectáculo, Dalton, tem mais qualidade e uma proposta e atitude a léguas de distância do nome grande da noite. Valeu a pena ir à Damaia para conhecer esta banda. Não se trata de pôr os músicos de um e outro grupo em comparação, mas sim de analisar as duas propostas musicais apresentadas. Apesar de terem uma existência ainda curta (na banda) sente-se que há muito trabalho desenvolvido, o que permite vê-los como um todo. Alguns dos seus integrantes já andam nisto da música há uns anitos. Quem, sendo apreciador de *rock*, não conhece o nome de Emanuel Ramalho? É um dos melhores, mais criativos e seguros bateristas da música moderna portuguesa. Com ele estão: nas teclas, o Pedro, antigo teclista de Dany Silva; no baixo, Baptista, aluno da Escola do Hot Clube de Portugal; e na guitarra, Ricardo, que fez parte dos Morituri e do grupo de Alexandre Soares. Quatro músicos, de talento latente, apresentando um projecto coeso a necessitar, urgentemente, de rodagem. Fazem uma *pop/rock* com alguma originalidade, mas, principalmente, com frescura, limpidez e dignidade. Os textos, simples e com interesse, são cantados pela Sofia. Tem uma boa voz, percebe-se razoavelmente o que canta e a sua atitude apetece... A mesma atitude, felizmente, de grande parte das vocalistas dos grupos *pop/rock* nacionais. Tem simplicidade, como a Xana dos Rádio Macau, a Bé dos Clandestinos, ou ainda, apesar de actuar numa área ligeiramente diferente, a Teresa Salgueiro dos Madredeus. A ausência de exibicionismo, sem esquecer o que é estar num palco, a dignidade e uma presença marcadamente feminina e sensível, tornam Sofia num aparecimento reconfortante. Os Dalton apresentaram um projecto novo, numa altura em que, na música moderna portuguesa, há dois ou três anos, as novidades ou já estão estafadas, gastas e sem pingo de originalidade, ou são inconsistentes. Esta poderá bem vir a ser uma das bandas, portuguesas, dos anos 90. Assim continuem a trabalhar, se mantenham juntos e desenvolvam o seu projecto. Sejam bem-vindos!

Maria José Belo Marques

John Zorn e os Naked City estiveram sexta-feira no Forum Picoas, foram irreverentes e arrogantes, esquizofrénicos e essencialistas. O público, dividido pelas famílias musicais que eles colam e misturam, aplaudiram à uma. Já não é mau

Uma utopia realizável

Era por de mais evidente que muito do público presente sexta-feira passada no concerto de John Zorn com a sua banda Naked City estava no Forum Picoas mais para descobrir do que para confirmar audições anteriores. Tanto assim que, se a curiosidade era irresistível, a desconfiança fazia-se sentir com o peso dos grandes momentos. Por causas muito simples, afinal: encontravam-se ali dois tipos de pessoas, as que partiam de um corpo de referências jazzístico e quiseram saber como está e o que é a cena *downtown* de Nova Iorque, e as que pretendiam testemunhar a faceta *rock* do saxofonista mais rápido do mundo, aquilatando-lhe uma fama já solidificada mas da qual andávamos um pouco afastados.

Aliviou-os, a uns e a outros, a constatação de que afinal John Zorn não é nem um músico de *jazz* nem um músico de *rock*, evitando-lhes tomar posições mais definitivas. Nem a rendição absoluta, nem a ruptura ou a indiferença. Gostar ou não gostar do saxofonista (caso excepcional), passa um bocado ao lado dessas coisas. Não pelas fidelidades, pelas convicções, mas por causas bem mais imediatistas e injustificáveis.

Resultava natural, assim, que os jovens a quem foi dado ouvir, por exemplo, uma interpretação do *jazz mainstream* dos anos 60, ficassem um tanto ou quanto impacientes. Ou que os indefectíveis da «grande música negra» se irritassem solenemente com os temas em que o grupo andou pelas áreas do *punk* e do *speed metal*. E os outros não esquecê-los nunca, os que lá se encontravam para se certificarem das sustentações «vanguardistas» e eruditas de Zorn, decifrando-lhe as influências de Boulez ou de Alban Berg, também não tiveram oportunidade para mais altos juízos, porque os cinco elementos do projecto Naked City, cinco instrumentistas do estrelato alternativo (e alternativo literalmente a tudo, até às alternativas que entretanto se instalaram!), foram claros na sua profissão de fé pela música popular.

Seja como for, sem dúvida alguma que a ala mais activa da assistência já ouvira Zorn e os seus pares, em conjunto ou individualmente: Bill Frisell, que já cá esteve num Jazz em Agosto da Gulbenkian, o lendário Fred Frith, Waine Horvitz, o tal dos The President, e Joey Baron, de quem se começa a falar neste lado do Atlântico. Ou fosse pelo disco amplamente citado na sessão, o recém-importado «Naked City», ou pelo que Zorn gravou ao lado de Tim Berne, dos Miniature, sobre música de Ornette Coleman, «Spy vs. Spy», ou os outros que dificilmente ainda se encontram no mercado português, «Spillane», com o guitarrista de blues Albert King e o pós-modernista Kronos Quartet, «The Big Gundown» (com os *movie-themes* de Ennio Morricone), «News for Lulu» e «Cobra», o interesse não foi espontâneo encontrava-se documentalmente sustentado. Mas mesmo esses não ficaram com ideias seguras até ao final do concerto.

É que é muito diferente ouvir John Zorn em disco e assistir a uma sua actuação ao vivo. Nesta entendem-se finalmente os seus truques e os tiques, as formulações operativas e os maneirismos que para o bem e para o mal o caracterizam. Sobretudo, averigua-se *in loco* que o relacionamento entre composição e improvisação é no novaiorquino bastante mais complexo do que à partida poderíamos julgar, crendo nos registos magnéticos.

Primeiro, não é tão transparente como isso onde acaba uma e começa a outra, depois a música de Zorn tem uma dimensão dir-se-ia orquestral, soma de componentes cujas disposições é fundamental que sejam exactas. Se na notação o saxofonista é particularmente meticuloso e determinista, nos espaços em que permite as derivações não deixa também de espalhar por todos os lados uma malha de apertado controlo. Sim, a sua música é feita de excessos, de sobras, de demasias, aproximando-se perigosamente da cacofonia e da explosão, mas nada, todavia, acontece nela por acaso.

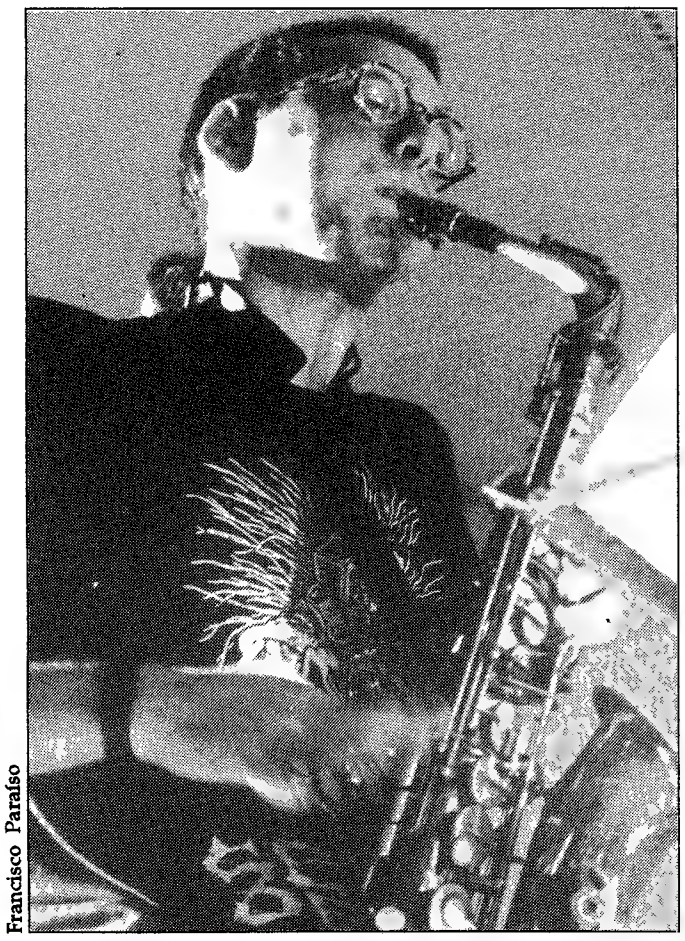
No concerto de sexta-feira, o primeiro de uma mini-digressão que fará pela Europa, Zorn e os Naked City apresentaram-se aos lisboetas de uma maneira equívoca. Quiseram por um lado dar o espectáculo do anti-espectáculo, fazer um concerto anti-concerto, dispensando os formalismos habituais, sendo irreverentes e cáusticos, recorrendo ao humor. Assumiram todas as falhas (o mais não seja porque qualquer relógio de precisão se avaria) e, com as «explicações» do líder da banda antes de cada tema, desmentiram aparências e derrubaram falsos conceitos.

Mas se por vezes parecia que estávamos a assistir a um ensaio, também entraram numa de «vejam lá o que nós conseguimos fazer», arrogantes, exibicionistas e hiperprofissionais. A Imprensa americana chamou-lhes «speed freaks», maníacos da velocidade, e eles demonstraram ao público que o são de facto e quanto é difícil. Quatro vezes, até acertarem, repetiram uma composição de 40 segundos em que os géneros musicais se sucediam vertiginosamente, com bruscas e inacreditáveis mudanças de tempo. Intitulava-se, precisamente, «Speed Freaks».

A desenvoltura, afinal, estava encenada, e se os dividendos não foram maiores do que os obtidos deveu-se tal ao lugar onde decorreu o concerto, o pior possível para um grupo como os Naked City: a partir da quinta fila não se conseguia ver o palco, correu-se o risco de os alarmes de incêndio do Forum Picoas dispararem com o fumo dos cigarros, o calor era mortal e de qualquer modo aquela sala nada tinha a ver com as ambiências que são mais próprias a John Zorn e seus pares.

Foi o bastante, enfim, para uma conclusão, a principal, talvez, a reter da vinda do quinteto a Lisboa se a colagem, a mistura, o jogo, entre as muitas famílias musicais da América contemporânea consiste num processo, num modo de fazer (um curiosíssimo fenómeno de esquizofrenização, aliás), o que define de facto a música de John Zorn é a atracção pela essencialidade. Ou seja: Zorn fascina-se com as essências das músicas que ouve, absorve-as e está convicto de que essas essências podem condensar-se na sua expressão mais íntima. Os Naked City tornam essa utopia realizável.

Rui Eduardo Paes



Francisco Paraíso

John Zorn

Santana Lopes reconhece validade das críticas ao IPPC

O Secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, reconheceu sexta-feira, que «as pessoas têm razão em se queixar do Instituto Português do Património Cultural, devido ao modo como ele tem vindo a funcionar».

Santana Lopes, que falava aos jornalistas à entrada da Sé Catedral bracarense, referiu que o IPPC sofreu modificações, desde a entrada do actual presidente, nomeadamente no que respeita às intervenções que devem ser conclusivas.

«Até aqui, quando os processos tinham de ir ao IPPC, normalmente não havia a preocupação de dizer o porquê da sua decisão, mas, a partir de agora, isso tem de ficar expresso e, se forem formuladas reservas, os técnicos do IPPC devem procurar encontrar-se com as partes envolvidas para resolver os processos que estejam pendentes».

olhar de mocho

Religião dos Óscares

Chamem-lhe relações públicas, *marketing*, publicidade ou outros insultos feios. Mas ninguém poderá negar-lhe a componente religiosa: espectáculo, liturgia, deuses e deusas, vestais (vestidas como as antigas vestais do templo de Delfos belas e insinuantes como convém a Apolo). O espectáculo da atribuição dos Óscares conseguiu impor-se como religião e tanto dá que acreditem ou não, os agnósticos e os fiéis devotos ficam irmanados como no Parnaso, os que subiam até ao templo queriam, antes de mais, aceder ao contacto com as musas.

Chamem-lhe o que quiserem, mas os americanos de Hollywood também têm o seu Parnaso e também criaram uma religião. E esta religião está tão sólida e firme como as demais: o materialismo do mundo moderno reforça, ainda mais, o materialismo desta religião dos filmes e da imortalidade.

Eu não me recordo de algum dia ter ido ao cinema **só** para ver um filme galardoado com Oscares. Também sou incapaz de referir se entre aquela dúzia de filmes que vi e me marcaram para toda a vida, algum ou alguns teriam sido assinalados com a cobiçada estatueta. Não é disso que se trata. O que importa é a religião americana, com o seu «Vaticano» na Academia de Hollywood, a afirmar o contacto com as musas. A arte conseguiu um lugar especial, pois vive numa economia de mercado e de livre concorrência, e o templo sagrado dessa religião, pode ser imitado, plagiado ou abrir outras sucursais. Mas ninguém lhe tira o lugar ímpar de moderno Parnaso da arte das imagens.

A religião dos Óscares está para a realidade americana como as outras Mecas para os seus adeptos. O filme americano é inseparável da realidade americana. E esta componente projectada em espectáculo *urbi et orbe* reforça o balanço crítico que se pretenda fazer. Em cinema existiram ondas ou modas que o cidadão comum também não ignora: o ciclo Bergman, os Fellinis, e depois as de baptismo nacional filme francês, filme português, alemão.

Mas quem fica, a sorrir de todos os que se procuram afirmar à margem dos «Papas» de Hollywood, é a realidade americana mais o produto do seu Parnaso, mais o culto da sua religião: pode haver cinema fora de Hollywood, mas ninguém destrona o cinema de Hollywood - a prova está na cerimónia dos Óscares.

Tivemos, pois, no sábado à noite, em diferido, o espectáculo da grande religião americana. E mais uma vez, a RTP não nos proporcionou uma transmissão directa para que os fiéis pudessem praticar o culto a que a sua fé os obriga. Mas a nossa religião é outra a do diferido, a do adiado, a do tradicionalmente atrasado.

José Sousa Monteiro

Sara Navarro

O diálogo com a pele

Um dos princípios de Sara Navarro é não se deixar desmoralizar pela aguerrida concorrência italiana. A sua atitute demonstra uma certa coragem porque está a competir numa área, onde os italianos são, tradicionalmente, considerados uns mestres quase imbatíveis. Trata-se de afirmar o nome na indústria da pele, de colocar-se na vanguarda do *design* de calçado. Os objectivos, a que se propunha, foram coroados de êxito, tanto mais que já alcançou vários prémios, e o volume dos negócios não pára de crescer. Para além de Madrid e Barcelona, abriu lojas nos centros nevrálgicos da moda europeia que são Paris, Londres e Milão. «O espírito da minha colecção de Primavera e Verão remete para uma ambiência cálida que eu interpreto recorrendo ao humor». Eis o que disse esta jovem criadora, numa entrevista, concedida ao "DL", durante os desfiles Cibeles.

Sara Navarro inspirou-se na atmosfera das praias mediterrânicas, ainda vazias, antes do calor se anunciar e dos banhistas as invadirem. Foi, sobretudo, tocada pela luz pálida do amanhecer e a suavidade lânguida do crepúsculo, quando a natureza perde a exuberância e se salientam os detalhes da paisagem. «Lembrei-me das festas que antecedem o Verão, da tonalidade da areia, depósito de conhas trazidas pelo mar, e do colorido dos sorvetes». Cabelos lisos e compridos, ar ingénuo de menina de colégio, ela dedica-se agora à produção de diversas peças em pele, material que maneja como se fosse seda. Mas não surge, sem mais nem nenos, neste sector que é um dos mais vitais da pujante indústria espanhola. Zona em que a sua família, fixada na zona de Alicante, detem, desde os anos 40, uma posição bastante sólida. «Possuímos uma empresa, chamada Kurhapies, que se especializou no fabrico de sapatos cómodos para pés delicados».

A sorte do seu lado

Não obstante manifestar, já na adolescência, uma inclinação para as artes, tendo recebido mesmo aulas de pintura e de bailado, Sara Navarro matriculou-se no curso de psicologia da Universidade de Valência. Concluída a licenciatura, resolveu incorporar-se na firma da família, à qual imprimiu uma nova dinâmica. Numa escola de Milão, aprofundou os seus rudimentares conhecimentos de gestão, desenho artístico e *marketing*. «Entretanto, voltei a Itália para fazer o mestrado de desenho de moda, incluída num grupo de investigação, sob a liderança de Gianfranco Ferré. Tive imensa sorte porque não se penetra naquele mundo com facilidade. Há apenas 25 lugares disponíveis e os candidatos, de todo o mundo, atingem as centenas. São extremamente rigorosos, exigem que se fale três idiomas e um curso universitário».

Partindo de uma base artesanal, no regresso a Elda, a terra onde nasceu, revolucionou Kurhapies com as inovações que introduziu no *design*. A seguir, decidiu lançar-se num percurso autónomo, achou que estava na hora de criar a marca Sara Navarro. Etiqueta que se desdobra numa linha clássica e de luxo, destinada à mulher mais conservadora, enquanto a outra, de características menos formais, se dirige a uma mulher, jovem e activa, que aprecia o conforto. Integrada no núcleo de estilistas espanhois, com expressão internacional, colabora, em particular, com os andaluzes Victorio & Lucchino e o galego Roberto Verino, fornecendo-lhes os acessórios

Rui Vasco

«Tenho o temperamento da mulher espanhola»

que valorizam as suas colecções, divulgadas no Salon Cibeles e, por consequência, nas revistas de moda. «Evoluímos muito nos últimos quatro anos, suponho que, num futuro breve, vamos usufruir de uma enorme projecção. Os resultados da nossa promoção, decorrentes do investimento económico em que se empenhou o governo, já se começam a evidenciar».

Não cair no lugar comum

Sara Navarro, à extravagância do desenho, no campo dos sapatos, opõe a funcionalidade. Ainda que não resista ao brilho dos efeitos ópticos, caso das incursões ao gótico e dos elementos decorativos que marcaram a sua colecção do último Inverno. Rasgos comedidos e ponderados, sublinha, «evitando o perigo de cair no lugar comum» Ao trabalhar com formas pouco vulgares, pretende desdramatizar o discurso, normalmente severo e contido, do quotidiano. «Contamino as minhas peças de uma certa carga irónica e também de felicidade. O meu diálogo com a pele funciona, em pleno, quando me sinto feliz e compensada a nível amoroso. Aliás, valorizo uma imagem de mulher alegre e mutante, capaz de ser outra no momento em que quiser. Não me parece nada louvável a coerência de imagem». Uma mulher à imagem de Sara Navarro que gosta do vestuário vistoso, «de acordo com o meu temperamento de espanhola». Assim se explica que use roupa de Moschino e de Martine Sitbon. Ou dos seus compatriotas Victorio & Lucchino, onde sobressai o influência das raízes árabes, componentes enérgicas da cultura andaluza.

Estes desenhadores, de inequívoca personalidade, foram incumbidos da missão de criar as roupas para a Exposição de Sevilha 92, tarefa em que participa Sara Navarro. A ela lhe compete conceber chapéus, toucados, sapatos e malas...tudo em pele. «Nós, os espanhóis, somos muito positivos, acreditamos nas nossas capacidades. Quanto a mim, a determinação é meio caminho andado para se obter êxito». Corta a direito, sem hesitar, fala a linguagem dos vencedores.

Rui Vasco

«Não valorizo uma imagem coerente»

Lourdes Féria

Bruno Bettelheim suicidou-se no dia 13 de Março, nos Estados Unidos, como noticiámos. Tinha 86 anos. Hoje recordamo-lo, numa série de textos do «Le Monde». Psiquiatra-psicanalista, de origem austríaca, Bettelheim era sobretudo conhecido pelos seus trabalhos sobre crianças autistas e, em Portugal, pela tradução do seu livro «Psicanálise dos Contos de Fadas»

A controvérsia em torno de quatro emissões televisivas

Em Outubro de 1974, a primeira cadeia de televisão francesa apresentava quatro emissões de Daniel Karlin dedicadas à Escola Ortogénica de Chicago de Bruno Bettelheim. Esta reportagem, que impressionou fortemente os telespectadores, provocou viva polémica nos meios médicos. O problema levantado pelos contraditores do psicanalista americano dizia respeito à interpretação do autismo. A nossa coleAboradora Claude Sarraute punha ela própria a questão na notícia que fez no dia a seguir à primeira emissão: «Sem querer fazer o papel de advogado do diabo e sem ousar afirmar, conjuntamente com os que atribuem o autismo a uma deficiência orgânica hereditária: 'É genético', será que devemos realmente atribuir a uma simples carência afectiva a responsabilidade por perturbações tão graves?»

Nas colunas do «Monde», o doutor Koupernik contestava as posições de Bettelheim e o professor Didier-Jean Duché censurava-o por culpabilizar injustamente os pais. Organizou-se um debate televisivo durante o qual o professor Debray-Ritzen atacava duramente Bettelheim, chamando-lhe «mercador de ilusões» e acusando-o de, sem fundamento, pretender ser capaz de curar crianças psicóticas. Falando ao «Figaro» precisava: «Ou Bettelheim nos está a enganar ou se está a enganar a si próprio... Nunca ninguém viu uma criança psicótica curar-se unicamente com psicoterapia.» Respondendo-lhe nas páginas do mesmo jornal, o psicanalista americano contentava-se em dizer: «Será que ele se recusa a acreditar no que viu com os seus próprios olhos?» Ao tomar no «Monde» a defesa das emissões, o doutor Tony Lainé julgava possível a abertura de um vasto debate sobre a questão da loucura e acrescentava: «Confinar um debate desta natureza às controvérsias clínicas sobre o autismo seria ignorar o real alcance do testemunho dos filmes de Daniel Karlin».

O texto dos debates foi publicado pela Stock no ano seguinte com o título «Um outro olhar sobre a loucura», com prefácio de Daniel Karlin seguido de um postfácio de Bruno Bettelheim, que concluía da seguinte forma: «Tudo o que nos resta dizer é 'obrigado, Daniel Karlin', por ter mostrado que mesmo a mais infeliz das crianças pode ser socorrida».

R. J.

Tradução de Maria Otília Moreira

Obras publicadas

«La Forteresse Vide: L'Autisme et la Naissance du Soi», Gallimard, 1969.

«Le Coeur Conscient», Laffont, 1971; Hachette-«Pluriel», 1981.

«Les Enfants du Rêve», Laffont, 1971.

«L'Amour ne Suffit Pas: Le Traitement des Troubles Affectifs chez L'Enfant», Fleurus, 1973.

«Évadés de la Vie», Fleurus, 1973; Hachette-«Pluriel», 1981.

«Dialogues avec les Mères», Laffont, 1973.

«Un Lieu où Renaître», Laffont, 1975; Hachette-«Pluriel», 1980.

«Psychanalyse des Contes de Fées», Laffont, 1976; Hachette-«Pluriel», 1979 (Psicanálise dos Contos de Fadas).

«Les Blessures Symboliques: Essai d'Interprétation des Rites d'Initiation», Gallimard, 1977.

«Survivre», Laffont, 1979.

«La Lecture et L'Enfant», avec Karen Zelan, Laffont, 1983.

«Un Autre Regard sur la Folie», avec Daniel Karlin, Hachette-«Pluriel», 1983.

«Freud et L'Âme Humaine», Laffont, 1984.

«Pour être des Parents Acceptables: une Psychanalyse du Jeu», Laffont, 1988.

Um outro olhar sobre a loucura

Bruno Bettelheim

Vienense, Bruno Bettelheim era-o tanto por nascimento como por estado de espírito. Nascido em 1903 no seio de uma família judia culta, foi educado no pressuposto de que nunca necessitaria de ganhar a vida. A primeira guerra mundial, a derrocada do império austro-húngaro, a inflação e a extrema miséria que se seguiu à guerra, varreram tanto os seus sonhos como a fortuna da família Bettelheim.

Ele hesita então entre duas formas de compromisso dificilmente compatíveis: a psicanálise e o socialismo. Finalmente opta pela psicanálise, persuadido de que «só o homem de bem pode criar uma boa sociedade, é preciso encontrar a forma de modificar o homem, a fim de que ele se torne capaz de criar uma sociedade à sua imagem e de a perpetuar». A esta luz, a psicanálise parece-lhe susceptível de «melhorar o homem concreto». O seu interesse pela psicologia da criança data deste período vienense: juntamente com sua mulher, acolhe em sua casa uma rapariguinha esquizofrénica, que a mãe trouxera dos Estados Unidos para a confiar a Freud.

Mas, a partir de Anschluss, Bruno Bettelheim está directamente ameaçado, quer como judeu quer como intelectual e membro de diversas organizações antinazis. É deportado, primeiro para Dachau e depois para Buchenwald. Libertado um ano depois, emigra para os Estados Unidos, onde escreve um estudo sobre a sua experiência nos campos de concentração, «Comportamento Individual e Comportamento de Massas», que o general Eisenhower dá a ler a todos os oficiais americanos que se batem na Europa.

Até à sua morte, Bettelheim nunca deixou de interrogar-se sobre a experiência vivida nos campos de concentração nazis. Num dos seus livros, «Coração Consciente», relatou a experiência, única em muitos aspectos, de um psicanalista confrontado com a degradação sistemática do homem e com as consequências que advieram para os que dela eram vítimas. Descreveu minuciosamente a estratégia seguida pela Gestapo nas sevícias, nas torturas e nas mais diversas humilhações que infligia aos detidos.

Segundo Bettelheim, não se tratava propriamente de manifestações de sadismo por parte das SS, mas sim de um vasto projecto que visava destruir a autonomia pessoal dos prisioneiros, reduzi-los a um puro «produto de consumo», a uma simples «mercadoria». O método mais eficaz consistia em impor aos detidos um comportamento infantil por regressão ao estado pré-genital: eram obrigados, não só a renunciar a todo e qualquer individualismo, para se fundirem num massa amorfa, como também a perder literalmente toda a identidade. Os mecanismos psíquicos habituais deixavam então de funcionar para dar lugar a toda a espécie de delírios, até mesmo a atitudes francamente suicidas.

A «fortaleza vazia»

Foi a partir desta experiência que Bettelheim criou o conceito de «situação extrema», que iria utilizar depois na sua aproximação às crianças autistas. Com efeito, se certas vítimas dos campos de concentração tinham perdido a sua condição humana como reacção a «situações extremas», não seria possível que certas crianças loucas, emparedadas nas suas angústias, se retirassem do mundo antes que a sua condição humana se desenvolvesse verdadeiramente? Não seria verosímil que, assaltados pelo terror de um «não-eu» de pesadelo, se fechassem numa armadura protectora, numa «fortaleza vazia», abandonando o seu corpo para habitar um outro, desta vez imaginário?

Por fim Bettelheim perguntou-se se não haveria uma ligação entre as duas espécies de inumanidade que conhecera: uma, infligida por razões políticas às vítimas de um sistema social, outra, um estado de desumanização resultante de experiências infantis precoces?

Desta observação, Bettelheim tirou uma conclusão fecunda: se experiências exteriores ao homem e más para ele o desumanizam e o tornam psicótico, talvez que condições favoráveis possam devolver ao psicótico a sua humanidade.

«Na maior parte das instituições psiquiátricas que tenho conhecido», escrevia ele, «a forma essencial de abordagem do doente e mesmo da criança psicótica consiste em encorajá-lo a ver o mundo tal e qual ele é na realidade, o que é precisamente o que ele não pode fazer. Parece-nos antes que a nossa tarefa é criar-lhe um mundo que seja inteiramente diferente daquele que ele abandonou por desespero e, além disso, um mundo em que ele possa imediatamente entrar tal qual como ele é.»

Bettelheim teve ocasião de aplicar este «envolvimento terapêutico total» e de aferir os seus efeitos positivos na escola ortogénica Sonia-Shankman da Universidade de Chicago, que ele dirigiu durante mais de trinta anos (1944-1975). Da mesma maneira que num campo de concentração tudo se faz para desumanizar os detidos, na Escola Ortogénica tudo concorria para a humanização dos pensionistas. Nenhum detalhe era deixado ao acaso: desde o tamanho dos quartos à decoração da sala de acolhimento, desde o presente da chegada ao presente da partida, desde a liberdade de entrar e sair que é dada ao paciente até à decoração e ao tamanho das casas de banho, cada elemento concorria para fazer nascer - ou renascer - no paciente este «respeito por si próprio», cuja restauração Bettelheim afirma ser o sinal da cura.

Para dizer a verdade, mesmo esta noção de «cura» era recusada por Bettelheim: ele insistia no facto de que tanto os seus colaboradores como ele próprio deviam renunciar à ingénua - mas tenaz - ilusão de «curar». Ele comparava antes o seu papel ao de um educador ou de uma parteira, papéis já atribuídos por Freud ao psicanalista, que não cria nada mas contribui para a eclosão de uma nova personalidade. Escrevia Bettelheim: «Devemos abandonar a imagem que temos de nós próprios de cavaleiro sem mácula que triunfa do dragão Loucura e admitir que não somos mais que humildes educadores. Talvez arranquemos algumas ervas daninhas e plantemos algumas flores, mas não conseguiremos criar o maravilhoso jardim de rosas imortais com que sonha o doente e talvez também os educadores.»

Nenhum epíteto lhe quadra melhor do que o de «humanista», a este psicanalista que lançava sobre a loucura um olhar «diferente» e cuja generosidade e humildade estiveram na origem de uma abordagem teórica e de uma experiência prática verdadeiramente revolucionárias em psiquiatria infantil

Roland Jaccard
Serviço Exclusivo «Le Monde»/DL

(Nascido em Viena a 28 de Agosto de 1903, Bruno Bettelheim estuda psicanálise com Freud. Em 1938 é preso pelos nazis e deportado, primeiro para Dachau e depois para Buchenwald. Libertado em 1934, vai para os Estados Unidos e em 1944 assume a direcção da Escola Ortogénica para crianças perturbadas de Chicago. Desempenha estas funções até 1973, ao mesmo tempo que ensina psicologia e psiquiatria na Universidade de Chicago).

Tradução de Maria Otília Moreira

O testemunho de Daniel Karlin

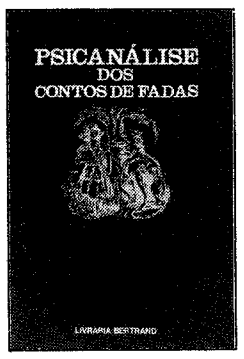
O homem da «mensagem silenciosa»

Pedimos a Daniel Karlin - o realizador de televisão que contribuiu para tornar conhecida do público francês a obra de Bettelheim - o seu testemunho sobre o psicanalista americano.

A primeira coisa que me veio à memória quando ouvi na rádio a notícia da morte de Bruno Bettleheim relacionava-se com o filme que rodámos juntos no ano passado. Tanto ele como eu sabíamos que era o nosso último encontro. O filme intitula-se «Último Encontro com Bruno Bettelheim». E sabíamos também que o filme só seria exibido após a sua morte. As nossas relações tinham-se estreitado de tal forma que me foi possível, neste filme, fazer-lhe as perguntas mais íntimas. Como ele me falasse de quão difícil a vida se tinha tornado para ele, sobretudo no plano físico, perguntei-lhe: «Mas então, doutor Bettelheim, porque não se suicida?» Ele desatou a rir e respondeu: «Up to now» (Até agora...).

Lembrei-me também de uma piada que ele me contou em 1973. É a história de dois judeus que se encontram em Berlim em 1934 e perguntam notícias de um terceiro. «Atirou-se da janela abaixo porque a Gestapo estava a chegar a casa dele.» E o outro responde: «Meu Deus, se ele tivesse arranjado maneira de melhorar a sua situação...»

- Voltando à série de emissões que dedicou a Bruno Bettelheim em 1974, o que é que ele achou da sua repercussão, principalmente em França?



- Ele viveu isso primeiro como uma espécie de reconhecimento, no sentido próprio do termo, da velha Europa. Ele sempre se tinha recusado a deixar filmar a Escola Ortogénica de Chicago. Quando fomos filmar estas emissões, ele explicou longamente às crianças que se tratava de uma televisão pública, que a emissão não seria interrimpida pela publicidade. Estava extremamente satisfeito por a França lhe dar um tal lugar na sua televisão estatal e contente também por a sua intervenção ter desencadeado um verdadeiro debate nacional.

«Quem era o louco?»

- E você, o que é que achou deste debate nacional?

- Psiquiatras do Hospital Psiquiátrico de Perray-Vaucluse, onde fui fazer um debate, queixaram-se dizendo que eu tinha criado esperanças ilusórias. Uma das suas jovens pacientes, que tinha visto os filmes, tinha-os apostrofado dizendo: «Estas adolescentes americanas são como eu, portanto vocês têm de me curar.»

Já não se sabia quem era o louco e quem era o são. Já não era uma interrogação sobre a psicanálise ou sobre a loucura, tratava-se antes da centelha de loucura que cada um traz em si. Não esperávamos provocar um debate com uma tal amplitude.

- Como se desenrolou o debate nos meios especializados?

- O debate opunha os psicanalistas aos defensores da psiquiatria ortodoxa, representada principalmente pelo professor Pierre Debray-Ritzen, que nessa altura regia a cadeira de pedopsiquiatria no Hospital Necker-Enfants-Malades. O debate opunha os partidários da quimioterapia e do internamento e os defensores da psicanálise freudiana, para quem a loucura era, antes de tudo o mais, uma questão social.

- Como avalia hoje a influência de Bettelheim nos meios psicanalíticos?

- Não tenho a certeza de que, do ponto de vista teórico, essa influência seja fundamental. É, primeiro que tudo, uma influência clínica. Parece-me que com «A Fortaleza Vazia», o seu livro mais importante, e com «Um Lugar para renascer», aquele em que relata a sua experiência na Escola Ortogénica de Chicago, Bettelheim é um especialista que reflectiu sobre a resposta a que no quotidiano se deve dar às crianças autistas, às crianças psicóticas, com o que ele chama «the silent message» («a mensagem silenciosa»), dizendo que, para a criança louca, para a criança psicótica, tudo se vive no plano do simbólico. Deve-se estar permanentemente a responder à questão que ela não põe sem verdadeiramente a pôr.

Numa instituição como a criada por Bettelheim, a criança tem um único imperativo, o de reflectir sobre ela própria. Ela pode fazer tudo o que quer. Se ela quer partir um vidro, substitui-se imediatamente o vidro. Mas o único trabalho que se lhe pede é que reflicta sobre a razão pela qual partiu o vidro.

- Esta mensagem de Bettelheim foi retomada por outros psicanalistas?

- De maneira um pouco difusa. Eu não lhe conheço nenhum sucessor. Muito pouco tempo depois de ele deixar a Escola Ortogénica, deixou-se de receber crianças autistas. Em contrapartida, nota-se a influência de Betteheim nas instituições a que poderíamos chamar «progressistas». Ele tinha uma espécie de bom senso psicanalítico que eu apenas encontrei em Françoise Dolto, pela qual, aliás, ele tinha uma enorme admiração. Tinha também grande admiração por Lacan, de quem dizia ser o mais importante dos psicanalistas europeus.

- Ele era um dos últimos que conheceram Freud. O que é que ele dizia de Freud?

- Vou-lhe contar uma história. Quando ele tinha vinte e três ou vinte e quatro anos conheceu um dos defensores do teste de Rorachach. Foram visitar Freud para lhe falar sobre isso e Freud não respondeu. Como eles insistissem, pois achavam o teste muito interessante, Freud, um pouco irritado, disse-lhes: «Eu creio que se se souber demasiado sobre o paciente antes de o ter visto corre-se o risco de destruir a relação de trabalho.» Foi a única coisa verdadeiramente pessoal que ele me contou sobre Freud, a quem, na verdade, mal conheceu. Efectivamente, o psicanalista que ele mais admirava era Wilhelm Reich.»

Entrevista de Franck Nouchi
Tradução de Maria Otília Moreira

CULTURA E ESPECTÁCULOS

O ciclo «Anos 60: Factores de Mudança» prossegue hoje com uma sessão dedicada às publicações de esquerda existentes em Portugal naquela década. Depõem, pelas 18 e 30 e como sempre na Fundação Gulbenkian, Rogério Fernandes, Mário Sottomayor Cardia, António Reis, Maria Antónia Palla e José Carlos de Vasconcelos. A organização da iniciativa cabe ao Centro Nacional de Cultura e à Sedes. O «Diário de Lisboa» antecipa-se e publica nesta edição os depoimentos de dois dos intervenientes, Rogério Fernandes e António Reis, sobre a «Seara Nova»

Mais do que uma revista

A «Seara Nova» era mais do que uma revista, era um grupo político que tinha larga intervenção nas actividades oposicionistas, tanto no plano legal como no clandestino, porque tudo o que ultrapassava os curtos períodos das campanhas-farsas eleitorais era «ilegal» e «clandestino» na óptica do regime e da Polícia. A «Seara» estava presente na maior parte das iniciativas, quer através de representantes «credenciados» quer através de acções individuais. Alguns dos «seareiros» tinham filiação partidária, outros eram pessoas sem partido. O grupo da «Seara» era bastante amplo.

Quando entrei para a «Seara», o director era Câmara Reys e o editor Julião Quintilha, que nunca vi em nenhuma reunião da redacção. Creio que se limitava a «dar o nome» e a uma ou outra colaboração esporádica. O Câmara Reys era um escritor de grande talento, um conferencista exímio, um democrata activíssimo e foi um dos meus grandes amigos. (...) Com ele o trabalho político era às vezes um tanto complicado, porque o Câmara Reys ganhara com muita dificuldade o hábito de não revelar certas coisas, era de outros tempos, custava-lhe às vezes aceitar um certo secretismo.

Já não sei quem me contou que um dia andou com o Câmara Reys pela província, a fim de angariarem fundos para uma iniciativa eleitoral da oposição e que se fartou de apanhar sustos porque ele saía das sucessivas visitas que faziam e, com a maior candura, pegava no telefone, ligava para Lisboa e contava a D. Ema Câmara Reys, sua mulher, tudo o que fizera e o que tencionava fazer, quem dera quanto e quem ia ser «visitado» com um pedido de contribuição, tudo isto pelo telefone para a sua casa da Rua Bernardo Lima, telefone que devia estar vigiadíssimo!

Quando entrei para a «Seara» pela mão de Alberto Ferreira, fui conhecer o António Lopes Cardoso, socialista de esquerda muito desafecto a tudo o que cheirasse a social-democracia, Veiga Pereira, José Hipólito dos Santos, Vasco Martins, o arquitecto Carlos Duarte, Mário Ruivo, Nikias Skapinakis, Ulpiano da Fonseca Nascimento e Carlos dos Prazeres Ferreira, creio que José Carlos Espada e um jovem médico, de nome Dores, actualmente nos Estados Unidos, faziam parte igualmente da redacção (...).

Depois, o grupo foi-se transformando e alargando, à medida que as vicissitudes o impuseram. Lopes Cardoso e Veiga Pereira, por exemplo, tiveram de exilar-se assim como Mário Ruivo. Outras pessoas entraram então para o corpo redactorial da «Seara» a fim de o reforçar, entre elas Augusto da Costa Dias, Mário Sottomayor Cardia, Jorge Sampaio, Fernando Brederode Santos, José Fernandes Fafe, Aquilino Ribeiro Machado, António Barros Machado, não sei se esqueço mais alguém.

Entretanto, o dr. Câmara Reys falecera e fora substituído na direcção pelo capitão Augusto Casimiro, passando eu, por votação dos meus companheiros, a director-adjunto da revista. A composição da redacção não podia ser mais pluralista no âmbito da esquerda. Se não estou enganado, o que nos unia a todos, sob o ponto de vista político, poderá definir-se por três direcções fundamentais: 1º recusa frontal do fascismo e do colonialismo, problema que começa a dividir a oposição a partir de 1961; 2º a recusa do republicanismo da Primeira República enquanto forma e ideal de organização da sociedade e do Estado, e também como «estilo» de intervenção na vida pública (embora não caíssemos na esparrela de repudiar a Primeira República para branquear o salazarismo éramos sensíveis, todos ou quase todos, às críticas de Sérgio e de Proença ao período entre 1910-1916; 3º a opção por um socialismo que, transformando revolucionariamente as estruturas sociais, no sentido da igualdade e da justiça, mantivesse todas as possibilidades de intervenção democrática.

Gente de esquerda

Este último traço do nosso ideário permitia-nos, em princípio, o entendimento com os últimos representantes do republicanismo, com os homens do Directório, ao passo que o primeiro nos possibilitava o diálogo, dentro e fora da «Seara», com os homens mais ligados ao Partido Comunista.

A revista era mensal. As dificuldades de publicação eram muitas devido à censura e a uma situação financeira que, devido ao cerco montado em torno da «Seara», se degradara muitíssimo. (...) O grupo da «Seara» era constituído, repito, por gente de esquerda, que se reclamava de um ideário democrático e socializante, no fundo o mesmo que sempre distinguiu a «Seara» do republicanismo desde o seu início. Criado em 1921, o grupo dos «seareiros» distanciava-se do republicanismo por uma aposta que continuava a ser forte na democracia formal representada pelo Parlamento mas sobretudo pela convicção, já nessa altura, de que a democracia só era real quando houvesse uma democracia no plano social e económico. A «Seara» teve diversas épocas mas ao que julgo manteve esse rumo ideológico.

Rogério Fernandes em 1973, pouco antes de a «Seara Nova» interromper a publicação

O renovo da «Seara» principia nos finais dos anos 50. Embora o dr. Câmara Reys fosse uma pessoa bastante activa, a revista escorregava velozmente por um plano inclinado. É então que ele decide apelar para os jovens e nessa altura entra um primeiro grupo para a «Seara», encontrando-se entre eles o Manuel Sertório. As contingências políticas provocam vários abandonos, pelo que a redacção continua a conhecer outras renovações e é nessa fase que venho a entrar na revista, de que já era colaborador, isto em 1960/61. Essa enorme mobilidade continuou a verificar-se ao longo de todo o período em que colaborei assiduamente na «Seara». (...)

Outras vezes dava-se o caso de serem presos certos elementos, como sucedeu na sequência do golpe de Beja, em que praticamente estava envolvido todo o grupo da «Seara», menos eu e outra pessoa, porque já nessa altura tínhamos responsabilidades especiais em relação à revista e os restantes elementos do grupo entendiam que não devíamos expor-nos a uma eventual repressão que, sendo pessoal, poderia contudo arrastar consigo a revista e a empresa. Tanto assim que tive conhecimento dos acontecimentos de Beja pelos noticiários da rádio e fiquei admiradíssimo de nada ter transpirado na revista, até que vim a saber que, pelo contrário, os planos gerais eram conhecidos. Pelas mesmas razões de precaução eu era levado a não assinar certos documentos de protesto e, disciplinadamente, acatava a decisão do grupo.

Tínhamos receio de que a Pide encontrasse um pretexto fácil para encerrar a empresa. A Pide, de resto, não tomava quaisquer precauções para esconder que nos vigiava. Nos dias de reunião havia sempre um pide de atalaia e em lugar bem visível. O correio e o telefone eram igualmente vigiados. Apesar disso, nos momentos cruciais, também decidimos correr certos riscos porque o silêncio ou o excesso de precaução poderiam ser condenáveis. Foi por exemplo o caso de reuniões que fizemos com pessoas alheias ao grupo para organizarmos acções de protesto aquando da destruição e proibição da Sociedade Portuguesa de Autores.

Uma certa saúde

A actividade editorial da «Seara» teve durante muitos anos como principal suporte a colecção «Textos Literários», organizada pelo prof. Rodrigues Lapa. Eram pequenas antologias de autores clássicos, apresentados e comentados por aquele distintíssimo especialista. A colecção, organizada com excepcional talento didáctico, tinha muito boa procura por parte dos estudantes dos liceus mas sofria com as contingências da empresa. Como não havia dinheiro não se faziam livros, como não se faziam livros não havia dinheiro.

A revista, só por si, não aguentava a empresa, apesar da «Seara» não ter uma finalidade lucrativa, não ser uma editora vulgar. (...) A «Seara» era sobretudo uma trincheira política, mas tratava-se de manter essa trincheira e, a páginas tantas, a situação era de completo estrangulamento. Foi então que começámos a procurar realizar outro tipo de edições.

Principiámos por editar uma colecção de actualidade política e social. Publicámos com grande êxito uma espécie de reportagem de um jornalista do *Le Monde*, de seu nome Pierre Marie de La Gorce, com o título de *História dos OAS na Argélia*, se bem estou lembrado. Pagámos direitos de autor, assinámos contrato, tudo como mandavam as regras e, uma vez traduzido, remetemos o volume aos assinantes, que nessa altura seriam aí uns 3 mil, um número elevado para o tempo (a «Seara» chegou a ter uma tiragem de 10 mil exemplares). A receptividade foi tudo o que havia de mais animador. Praticamente não houve devoluções e, pelo contrário, recebemos muitos pedidos de pessoas que não eram assinantes.

Outra obra que publicámos e obteve igualmente êxito assinalado foi uma introdução à economia política, da autoria do advogado e nosso amigo Luís Carvalho e Oliveira, que prescindiu dos direitos de autor a favor da «Seara» num belo gesto de solidariedade. Recordo ainda outro «best-seller», o livro de Josué de Castro *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, sobre os problemas sociais na América Latina. (...) Reeditámos, com prefácio de Manuel Mendes, um opúsculo de Raul Proença intitulado *Acerca do integralismo lusitano*, a propósito do qual houve uma polémica na «Seara» com um sujeito chamado António José de Brito, que a si próprio se intitulava adepto do nazismo e racista, uma espécie de avô dos *skinheads* de hoje.

Esta actividade editorial permitiu-nos pagar as dívidas da empresa, melhorar as condições de remuneração e de trabalho dos empregados, assegurar o equilíbrio financeiro e ganhar novo alento. (...) À medida que a revista foi ganhando renovada presença no meio cultural voltaram a escrever nela pessoas que há muitos anos não davam colaboração. Publicámos, por exemplo, um inédito de Aquilino; José Régio deu-nos um artigo sobre o autor de *Malhadinhas*; José Rodrigues Miguéis publicou na «Seara», em folhetins, até a censura começar a mutilar o texto, um dos seus romances, mais tarde dado à estampa em volume, *Idealista no mundo real*, além de

SEARA NOVA

alguns *tablóides*. A revista tinha uma componente literária e artística muito forte. Mantínhamos uma secção de crítica de livros, na qual colaborei razoavelmente, outra secção de crítica de teatro, outra de cinema, actualidade política, reflexão filosófica, crítica ideológica, política internacional.

A «Seara» reconquistou na década de 60 um prestígio de que andava bastante arredada. Apesar de todas as limitações impostas pela censura, pôde conquistar novos assinantes, saía com regularidade e através da difusão de edições pelo sistema de venda directa ao assinante (o que, para mais, permitia ousadias editoriais impossíveis de outro modo ou muito arriscadas) conseguíamos uma saúde financeira verdadeiramente invejável embora sem alcançarmos o completo desafogo.

A certa altura, esse canal de venda directa irritou a Pide. Tínhamos publicado *Vietname: segunda resistência*, de Burchett, e *Bombas sobre Hanói*, do mesmo excelente jornalista australiano e homem de progresso, bem conhecido pelas suas reportagens e livros. Creio que a Pide terá começado a pensar que íamos longe de mais. Deste modo assaltou-nos literalmente a redacção, vasculhou tudo, apreendeu livros, realizou uma grande operação de intimidação. A verdade é que não desistimos.

Um papel de ligação

Procurámos desempenhar um papel de ligação, de unidade até, entre os vários sectores de pensamento democrático e da oposição democrática, entre comunistas, socialistas e republicanos. Procurámos chamar à revista escritores e pensadores de esquerda, como Manuel Mendes, que era um moderado, ou como Vítor de Sá. Mas não ficámos por aqui. Abrimos a revista ao que havia de original nos sectores do pensamento progressista, dentro de uma concepção muito lata do progressismo. Publicámos, por exemplo, extractos da *Pacem in Terris*, com muito destaque e com uma fotografia do Papa na primeira página. A revista, inspirando-se embora numa grande tolerância, tinha o seu quê de anticlerical por força das posições adoptadas pela hierarquia católica e não por um estúpido «ódio aos padres». (...)

Vem a propósito recordar que, na altura em que publicámos esse número sobre a encíclica, celebravam-se os cinquenta anos de vida literária de Aquilino. Fomos visitá-lo, oferecemos-lhe uma edição encadernada dos dez primeiros números da «Seara», de que ele fora um dos fundadores, e levámos-lhe um número da revista recém-saído da tipografia, onde os excertos da *Pacem in Terris* estavam publicados. Recordo-me da expressão de bonomia que surgiu no rosto de Aquilino, ele, que tinha fama de anticlerical, mas que nos disse: «Fizésteis muito bem publicando estes extractos, este homem até parece um dos nossos!» (...)

Tanto nas campanhas-farsas eleitorais como nos períodos que as intervalavam, a «Seara» foi um posto de combate político permanente. A cultura e a arte não tinham para nós uma finalidade intrínseca. Eram formas específicas - esse traço não o esquecíamos, longe disso - de comprometimento para com os homens, para com os seus sofrimentos e os seus sonhos. «Engagement», sim, pois claro, na esteira de Marx e, porque não?, do existencialismo ateu, com tudo o que de unilateral e de simplista isso pode acarretar. Esse comprometimento exigia o realismo? Sim, claro, pensávamos, com Lukacs, que toda a grande arte é realista... Em todo o caso, em nome do «comprometimento» humanista podemos saudar, sem incoerência, o *Há mais mundos* de Régio ou o *Barranco de Cegos* de Redol. (...)

A intervenção da «Seara» não se esgotava, contudo, nas páginas da revista ou na acção especificamente política. Processava-se também através de colóquios a que íamos por essa província fora. A «Seara» também tinha uma intervenção activa junto dos seus leitores. Iam à revista estudantes e operários, alguns deles bastante jovens, e quem folheie a revista, sobretudo na década de 60, ficará espantado com a diversidade de nomes que lá aparecem. Uns ficaram esquecidos, outros pelo contrário, permanecem presentes na vida cultural portuguesa. (...)

Rogério Fernandes

As armas da crítica e a crítica das armas

Entrei na redacção da *Seara Nova* precisamente nos finais dos anos sessenta, na sequência da inovadora campanha eleitoral de 69, a primeira do recém-chegado «marcelismo» e na qual participara como candidato a deputado da CDE pelo círculo de Santarém, ao lado de Maria Barroso, Alexandre Cabral e Lino Neto, entre outros. Tinha 21 anos, a experiência de um ano académico fértil em agitação estudantil, uma breve passagem pelo *Tempo e o Modo* de João Bénard da Costa, a que a súbita invasão de insuportáveis maoístas rapidamente pusera cobro, e sobretudo uma enorme confiança na arma da crítica, à qual, menos de cinco anos depois, teria o privilégio de juntar a crítica das armas, na madrugada do 25 de Abril, em que participei como oficial miliciano.

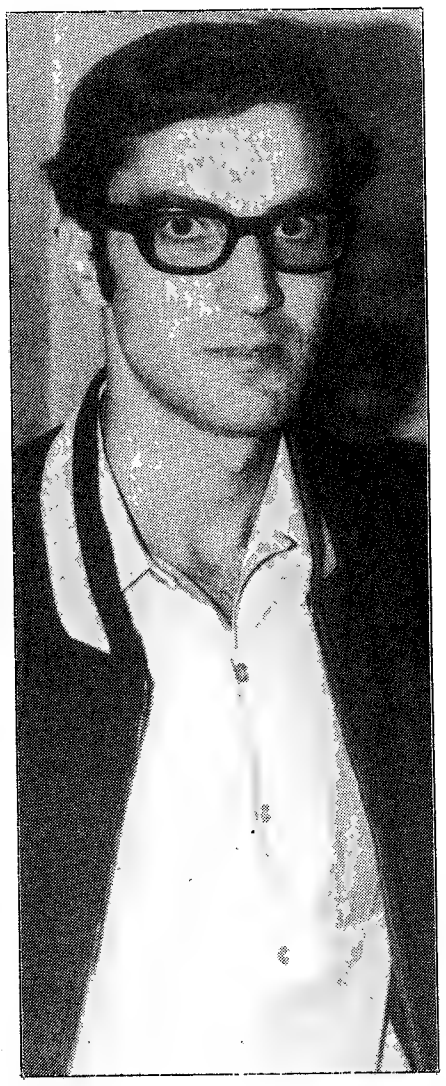
Entrar na *Seara Nova* nesta altura representava já uma escolha de campo nas hostes de quem se opunha activamente à ditadura e dentro da própria esquerda. Quando o fascínio das ideologias de extrema-esquerda alastrava no meio estudantil e conseguia penetrar no próprio *Tempo e o Modo*, ir para a *Seara* representava uma clara demarcação relativamente a tais ideologias e um alinhamento na estratégia clássica da unidade oposicionista na órbita de um Partido Comunista que se respeitava e admirava. A *Seara* permitia-me conjugar a vontade de intervenção política com a liberdade de pensamento no seio da esquerda, a proximidade do PCP com a distância crítica e a desconfiança dos sectarismos que já me levara a afastar-me do *Tempo e o Modo*, o diálogo entre as várias sensibilidades da esquerda não maoísta com a convivência com gente das artes e da cultura.

Ao mesmo tempo, experimentava a reconfortante sensação de me inserir numa tradição histórica progressista representada pelos quase cinquenta anos da revista, com os seus vultos prestigiados, cujo pensamento comecei a descobrir praticamente só a partir dessa altura. De certa maneira, a minha entrada para a «Seara» contribuiu decisivamente para estruturar o meu pensamento de esquerda numa linha socialista democrática, procurando combinar a radicalidade alternativa do marxismo com o respeito das liberdades, e para definir um método de intervenção baseado no diálogo e no anti-secretismo.

A *Seara Nova* era uma bandeira de esperança em tempos de ausência de oportunidades de luta aberta contra a ditadura. Dotada já então de uma base administrativa mínima, e apesar das crónicas dificuldades financeiras, a revista saía regularmente no princípio de cada mês e a partir de 1970 aumentou mesmo o número de páginas para 48. Jogava-se então no aproveitamento de todas as possibilidades de mini-abertura inicial do marcelismo, procurando explorar as suas contradições internas e tentando escrever sobre temas até então tabus, nomeadamente no próprio domínio da problemática ideológica do marxismo. Os debates na Assembleia Nacional entre salazaristas e liberais ou entre «africanos» e «europeus» alimentavam a nossa veia crítica e permitiam a necessária demarcação da alternativa que representávamos.

Os meus primeiros artigos foram fruto precisamente dessas tensões que pacientemente analisava com mais ou menos cortes de uma censura sempre imprevisível nos seus humores. As questões ideológicas não deixavam, porém, de marcar a sua presença e ainda hoje evoco com alguma nostalgia a polémica que mantive com o Vital Moreira a propósito de Marx e Marcuse. O novo ambiente político e algum sangue novo injectado na revista permitiram então que, na viragem dos anos sessenta para os anos setenta, a *Seara Nova* conhecesse uma notória melhoria qualitativa e significativos aumentos de tiragem e do número de assinantes. Em 1974 a revista tirava já trinta mil exemplares e tinha dezasseis mil assinantes, números impressionantes e nunca antes ou depois atingidos por qualquer revista do género! Creio que nesses cinco anos praticamente duplicámos a tiragem...

Assinar a *Seara Nova* era então uma espécie de acto de filiação na resistência à ditadura e de adesão a uma atitude de esquerda, independentemente dos seus



António Reis noutros tempos

cambiantes internos. Mas, às vezes tínhamos gratas surpresas, como quando tomámos conhecimento, creio que em meados de 72, que o general Spínola ou o Comando-Chefe das Forças Armadas na Guiné solicitava uma assinatura da revista! Sinais dos tempos que se viviam e dos tempos que viriam...

Ao mesmo tempo, o Departamento Editorial adquiria uma dimensão importante com a publicação de uma média de três novos livros por mês, com tiragens também significativas graças ao enorme corpo de assinantes. Creio que a *Antologia da Seara Nova* de 1921 a 1926, que o Sottomayor Cardia organizou e prefaciou por ocasião do cinquentenário da revista, atingiu os dez mil exemplares. A reedição das *Páginas de Política* de Raul Proença foi outro êxito. E os colóquios que entre 71 e 72 organizámos em todo o País com a exposição itinerante da história da *Seara* foram bastante concorridos, transformando-se frequentemente em minicomícios oposicionistas.

Pelo meio de tudo isto, sucediam-se com alguma regularidade ass visitas da Pide para apreender livros, nomeadamente um do Cardia que crucificava com ácida ironia o regime e defendia a alternativa de uma democracia anticapitalista. Felizmente já fora largamente destribuído, até para a Guiné, já que o então capitão Matos Gomes lá fora buscar cinquenta exemplares...

E dizer que toda esta actividade repousava sobre uma redacção profissionalizada de três pessoas a meio-tempo - o Cardia, o Fernando Correia e eu próprio -, dois ou três administradores que lá íam à saída dos respectivos empregos, um conselho de redacção que reunia às segundas-feiras, presidido primeiro pelo Abelaira e depois pelo professor Rodrigues Lapa e meia dúzia de funcionários administrativos!

Nesta época, porém, a *Seara* foi internamente percorrida pelas tensões que já se adivinhavam entre as duas grandes correntes da esquerda - a socialista democrática e a comunista -, apesar de a primeira só se ter afirmado a partidariamente a partir de 73. Foi um tempo de dissidências comunistas e de distanciações de «compagnons de route», de convergências com a tradição socialista da ASP no novo PS, de tentativa de coexistência de socialistas independentes como o Abelaira, o Nuno Brederode Santos, o Luís Salgado de Matos, com comunistas e socialistas do PS. Um dos sinais deste novo tempo foi a polémica travada entre Cardia e Pedro Ramos de Almeida (com o pseudónimo de M. J. A. Teixeira) a propósito de um livro de L. Gruppi, um comunista italiano, sobre o pensamento de Lenine (Ulianov para a censura...). Foi um terçar de armas entre a heterodoxia e a ortodoxia marxista...

Com o aproximar do 25 de Abril, as tensões entre comunistas e não comunistas foram-se agravando a partir do momento em que se tornou patente o plano dos primeiros para se apoderarem da maioria das acções da empresa. As consequências dessa tomada do poder viram-se depois do 25 de Abril. A revista, que se tornara um espaço de debate no seio da esquerda, sectarizou-se, perdeu a maior parte dos seus leitores e assinantes e morreu.

Apesar disso, a *Seara* dos anos sessenta e dos anos setenta, até à Revolução, ficará na história como um exemplo de criatividade, de combatividade, de diálogo e de pujança política e ideológica. Nela foi possível aliar o combate à ditadura à assunção das diferenças internas no seio da oposição e da esquerda. Por ela foi possível mostrar a muitos portugueses que a alternativa existia. A *Seara* acabou por ser um símbolo e uma senha. De tal forma que quando o nosso número de Setembro de 73 (por acaso o primeiro que tive de paginar sozinho) apareceu com uma fotografia do Templo de Diana na capa, logo houve quem aí visse sinais de uma cumplicidade com os capitães que a 9 desse mês se reuniam pela primeira vez nas proximidades de Évora (e no entanto fora uma simples coincidência, já que publicávamos um artigo sobre o subdesenvolvimento do interior do País).

E quando entrei para a tropa no mês seguinte, em breve era referenciado pela jovem oficialidade ligada ao Movimento dos Capitães como «o cadete da Seara». O que me veio a dar a feliz oportunidade de aliar às armas da crítica a crítica das armas...

António Reis

DESPORTO

Nacional de futebol da I Divisão

No tempo dos magros golos

O painel das nove colheitas que fica para o amanhã, arquivando a rodada 26 do campeonato de futebol desprendidamente classificado de 0quando toda a gente nota que a quota de intérpretes não lusitanos é preponderante, transporta para a ribalta um grande conquistador (Belenenses) e dois parceiros que conseguiram, também em viagem fora do reduto, regressar incólumes aos seus castelos: Estrela da Amadora e Tirsense.

O duelo da jornada viveu-se em Setúbal: novamente se recapitulou o duelo *taceiro,* outra vez o emblema da Cruz de Cristo ganhou dianteira no período de abertura, consolidando depois (com novo tento) a supremacia que não pode ser maculada, pois os sadinos, sem cortina defensiva a merecer aplauso, com um centro de operações periclitante e toda uma vanguarda que nunca calibrou o disparo último de mão beijada entregaram armas e bagagens aos competentes alunos de Moisés Andrade, realmente a léguas-luz do «team» resteliano que rasgou o torneio.

E vem depois a dupla de empates logrados pelos estrelinhas amadorenses e pelos tenazes mocetões de Santo Tirso nas conversações travadas no palco vimaranense como no reino de Penafiel. E fica ali uma ideia: de que estamos assistindo à brusca queda setubalense como dos alunos de Paulo Autuori, enquanto também se escreve no vento que o exército tirsense não se compadece com as agruras de companheiros de aventura, e, a tempo e horas, tenta salvar o barco de rudes tempestades. Em Guimarães, o sinal de competência firmado por João Alves foi inequívoco. No 25 de Abril o Tirsense deu um belo pulo em frente, ultrapassando um fosso salpicado de dificuldades. Se, juntarmos neste leque a proeza belenense, fica encontrado o ramalhete dos mais aplaudidos neste início de Abril que carrregou de núvens alguns horizontes mas (como nos alcatruzes da nora) carrilou para diferentes paragens o mais prometedor dos bons futuros.

Nesse aspecto das faces do prisma, o sucesso portimonense do neutral rectângulo barreirense (curiosamente na terra natal do seu mais recente timoneiro: Manuel de Oliveira) serviu para ultrapassagem a um Feirense que chegou a colocar em sentido o reino das Antas, mas a infelicidade minhota de cedo perder uma unidade (Moroni foi expulso) e logo mais ter de concluir a viagem com outra figura estendida em maca (Laureta) coloca o emblema do presidente Manuel João em possível posição de fuga aos dentes de quem não se compadece com erros cometidos a tempo inteiro, como foram contratações sem nexo ou exibições pálidas demais para se poderem entender como rubricadas por profissionais conscientes do exigível no seu trabalho.

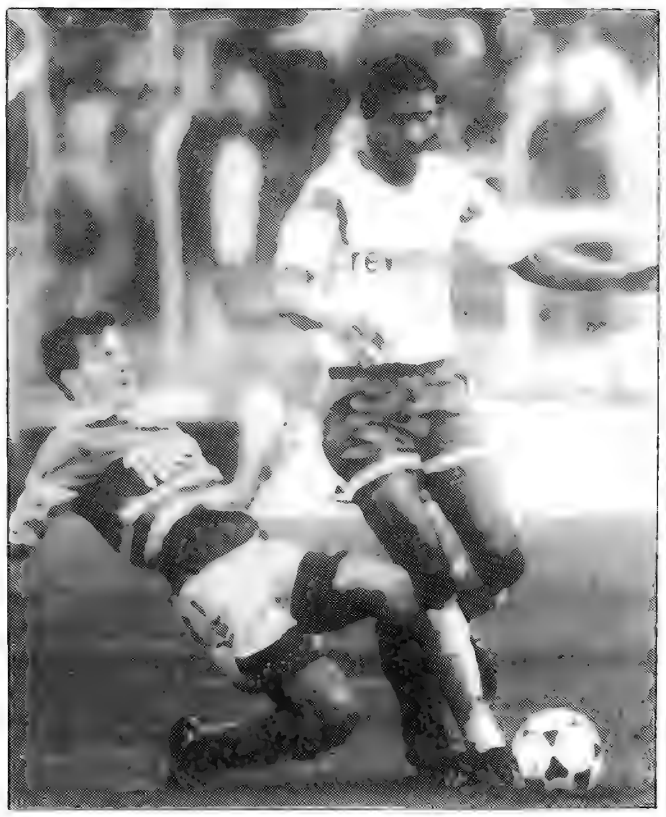
E, se é certo e estaria sugerido na bolsa de valores quem, com maior ou inferior dificuldade, tanto *dragões* como *águias* reuniam amplo favoritismo na ultrapassagem à directa concorrência, talvez não se imaginasse que (nas Antas) foi necessário ao argelino Madjer tirar da bolsa toda a hipnose que o liga ao golo, como, na Luz, o Benfica obrigar Mats Magnusson a comprovar os méritos europeus de atirador à casinha, perante flavienses de antes quebrar que alguma coisa torcerem. No parque *azul-branco,* o golo do Feirense Couto e, daí a pouco, uma grande penalidade que Vítor Baía corrigiu com defesa de alta qualidade, chegaram a perturbar a serenidade da arquibancada. Na Luz, foi obrigatório muito flagelar o Desportivo de Chaves, encostando-o ao paredão para a turma de Eriksson marchar até Marselha sem quebra de fôlego. Portistas e benfiquistas tiveram pelas barbas dois oponentes que venderam caro a marcação de passo.

Nas assembleias em que intervieram madeirenses, diferentes paladares ficaram no prato dos banquetes. Por Alvalade, o trivialíssimo: o Sporting, com dianteira que é quase vergonha para um passado de glória, necessitou de traiçoeiro e infortunado autogolo maritimista para conseguir os dois pontos equacionados na balança, pecúlio que arregimentou perante um conclave que já nem sabe se deve acabar por suspirar de alívio ou ficar nas covas em momento de eventual aplauso. Na bela Aveiro, na cidade do espectacular clã Nunes e do competente juiz José Macário, o Beira Mar desenvencilhou-se do União com outro simplório golo que valeu ouro.

Quanto à conversa nos Barreiros, registe-se a preciosa vitória do Nacional sobre um Boavista que parece em queda livre, despojado da imaginativa e da ambição que pareciam marcar o caminho inicial dentro do compêndio das 37 provas de aptidão, do longo estendal de amarguras e sorrisos que mesclam sempre um andamento para a ovação.

Marcaram-se apenas 14 golos: pobre de uma justa deste quilate, onde a percentagem de chutos certeiros dá larguíssima margem ao produto humano importado. Coisa como 317 golos de assinatura estranha tentando os nossos 180 dar um pequeno abanão. Depois disto, com toda a verdade: alguém é capaz de garantir que estamos vivendo um campeonato de Portugal?

Neves de Sousa



Porto cumpriu a obrigação diante do lanterna vermelha

O Boavista perdeu na Madeira e afundou-se na classificação

Sadinos vão de «borla» a Santa Maria da Feira

Hoje: sorteio da Taça

A Direcção do Vitória de Setúbal vai colocar autocarros à disposição dos associados para se deslocarem a Santa Maria da Feira, quando da repetição do encontro Feirense - Vitória de Setúbal.

Segundo um comunicado da direcção dos sadinos, lido através da instalação sonora do Estádio do Bonfim, «a direcção do Vitória de Setúbal considera o cúmulo do ridículo que o Conselho de Disciplina se tenha baseado no relatório da PSP para repetir o jogo».

Segundo o comunicado «é preciso cerrar fileiras pois forças estranhas ao clube querem prejudicar o Vitória de Setúbal».

O sorteio das meias-finais da Taça de Portugal realiza-se esta tarde (18 horas) no hotel Altis. Recorde-se que se encontram apurados o Vitória de Guimarães, Estrela da Amadora e Farense, restando o Vitória de Setúbal ou o Belenenses que aguarda veredicto do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol acerca do incidente (falta de energia eléctrica) ocorrido a 16 minutos do termo do encontro e quando o Belenenses vencia por 2-0.

As meias-finais estão marcadas para 10 de Maio e a final para o dia 17 do mesmo mês.

Estrela da Amadora brilhou em Guimarães

Vitória de Setúbal, 0-Belenenses, 2

Factura e recibo

Nem mais, nem menos: na 4.ª feira, naquela comediante ronda *taceira*, o Belenenses foi ao Bonfim e apresentou a factura a setubalenses que (decididamente) parecem em zona abúlica, depois do belo rompante inicial. Ontem, sem outra conversa, os restelianos bisaram escrupulosamente a receita anterior: um golo em cada meio tempo, 2-0 no termo do festim, recibo na mão e vitorianos saindo do palco num círculo de decepção e conformismo.

Pode dizer-se que, segurando tenazmente Jaime Pacheco, perseguindo-o em todo o plano, não deixando nunca o *capitão* sadino empunhar a batuta, o Belenenses aboliu imediatamente da cercania quem poderia dar a volta ao texto: metendo num colete de forças o esquematizador setubalense, os restelianos apenas passaram a preocupar-se com o lento (mas eficiente) lancetar da defesa contrária onde os *centrais*, acusando a ausência do lesionado Jorge Ferreira, foram doces bombons para o requintado paladar de Chiquinho, Saavedra e Gonçalves, especialmente do moçambicano e desse magnífico talento futebolístico que é o cascaense Fernando Moreira Gonçalves, tudo prometendo de bonito nos seus recentes 22 anos de idade.

De facto, se Chiquinho foi um verdadeiro diabrete, se o angolano Saavedra provou novamente a credencial que transporta desde quando Marcel de Almeida o apalavrara para o Benfica (em decisão depois amortizada por alguns dirigentes rubros) o certo é que, recapitulando o que já rubricara naquele mesmo relvado, Gonçalves foi o artífice perfeito da manobra defesa-ataque, libertando Juanico para a perseguição a Pacheco e proporcionando a Jaime o perfeito entendimento com um Galo que cantou no poleiro como outro dono da capoeira. A ligação Galo-Jaime voltou a dar cabo da cabeça a Figueiredo e, como o jovem Carlos Freitas (mal se escutou o apito de Soares Dias) entrou numa de despique pessoal com o manhoso e sabidão Zé Mário, a defesa vitoriana ficou apenas dependente de Crisanto (que flutuaria entre diferentes marés) e, em dose preponderante, de Jorge Martins que, perante a antiga entidade patronal tudo fez para retardar o fracasso das suas cores, ficando (até) como o melhor representante setubalense, assinando três, quatro ou cinco paradas de alta validade e privando o Belenenses de um mais rotundo êxito que (salvo o devido respeito) apenas escandalizaria quem não estivesse minimamente informado de que Moisés Andrade produziu uma reviravolta salutar num «team» que antes parecia entrar no rectângulo para cumprir um triste fadário e, de há semanas a esta parte, surge teimoso e cheio de ambição, de cabeça erguida e mangas arregaçadas para o que der e vier.

Gonçalves em acção defensiva

Ontem, com uma cortina a Mihaylov onde José António e Oliveira se grudaram a Galo na distinta apreciação, num castelo em que tanto Edmundo como Zé Mário não se preocuparam minimamente com o brilho individual mas (antes) prontamente acorrendo a qualquer *deixa* ou falência dos parceiros, com estes bons trunfos na mão, o Belenenses rapidamente enervou quantos dianteiros Manuel Fernandes ia soltando para a função. O Vitória começou com Mladenov (à porta dos 33 anos) e Makukula (quase 24, declarados pelo zairense): pelo tempo adiante, em completo desespero de causa, trocou o irrequieto Carlos Freitas por Aparício (31 primaveras) e o muito discreto Juvenal pelo búlgaro Edward que, como o trio de colegas, muito se esforçava mas nunca acertaria com a rede contrária, pelo conveniente caminho interior. E, com aquele simulacro de frente atiradora, que se poderia esperar de um Vitória que corria, corria, corria, mas não calibrava o toque final?

Espírito de grupo

Parece que, bem analisadas as coisas, ninguém poderá negar que o sucesso *azul* está plenamente justificado: o golo de Chiquinho (quando se caminhava além da meia hora) foi sábio e sereno aproveitamento de rotura entre Dito e Quim, depois (mal se retornara do balneário) foi Gonçalves que aproveitouu calmamente o raide de Paulo Monteiro e o prolongado estatismo de defesas que pareciam ter cimento nas botas.

O Belenenses não acusou as forçadas ausências de Chico Faria, Macaé e Teixeira. Setúbal andou hora e meia suspirando por Jorge Ferreira, talvez também pensando em Serra ou no ostracismo a que uma opção táctica de Manuel Fernandes votou Quinito. Nos lisboetas, foi visível o espírito de grupo, a coesão, o dinamismo, a aplicação à labuta, com Gonçalves e Galo, rapidamente contagiando os demais colegas de ofício e camisola. Por banda de Setúbal, saúde-se o correcto comportamento disciplinar e fique-se pensando nas agruras que podem mais bater na bolsa do presidente Fernando Oliveira, caso os seus artilheiros não vão à bruxa.

Neves de Sousa

Três belenenses protegem a bola

Carlos Ribeiro: em nove minutos cartões amarelo e vermelho

Com boa arbitragem do portuense Soares Dias (que esteve auxiliado por Carlos Vigário e Eduardo Gonçalves) alinharam:

Vitória de Setúbal: Jorge Martins; Crisanto, Dito, Quim, e Figueiredo; Carlos Freitas (Aparício aos 55 minutos), Juvenal (Edward, 31), Jaime Pacheco e Lufemba; Mladenov e Makula.

Belenenses: Mihaylov; José António; Galo, Edmundo, Oliveira, e Zé Mário; Jaime (Carlos Ribeiro, 78), Juanico, e Gonçales; Chiquinho e Saavedra (Paulo Monteiro, 60).

Golos: Chiquinho (310, e Gonçalves (47). Cartão amarelo e poucos momentos depois rectângulo vermelho para Carlos Ribeiro, que esteve apenas nove minutos em campo.

Benfica: inquérito a Chalana

A 120 dias de concluir o seu contrato com o Benfica, Fernando Chalana fica envolvido num inquérito que lhe é movido pela entidade patronal, após primeira análise a declarações prestadas pelo *pequeno genial* ao trisemanário «Gazeta dos Desportos», onde o *canhotinho* criticava asperamente os processos de acção de Eriksson e deixava também patente um duro ponto de vista em relação a determinados comportamentos de membros da directiva do clube da águia. Chalana não viaja para Marselha e continua treinando normalmente: a ausência, em França, de pedras directamente visadas nas suas palavras, retardam o andamento do inquérito, apenas se sabendo, de ciência exacta, que o jogador é dispensado pelo clube no dia 31 de Julho e, aos 31 anos, pensa continuar carreira em emblema da divisão principal.

Romão a caminho da Amadora

Acabaram-se as dúvidas: João Alves não continuará a liderar o futebol do Estrela da Amadora. «*Sim. Já decidi. Já fiz ver à direcção que não vou continuar e tenho muita pena.*

Foram dois anos a montar uma equipa jovem, uma equipa cheia de valor que vai comcerteza no próximo ano continuar este trabalhante caminhada.» Assim se exprimiu o (ainda) técnico do Estrela que muito provavelmente regressará ao Bessa para nova «experiência» ao leme do futebol boavisteiro.

Para suceder a João Alves, não faltam candidatos mas tudo indica que o eleito venha a ser José Pratas Romão que presentemente se encontra no comando do futebol do Desportivo de Chaves com um trabalho considerado positivo.

Entretanto, no domínio das «chicotadas» de fim de época, Joaquim Meirim, que recentemente saiu do Lusitano de Évora, é o novo timoneiro do Vianense onde rendeu Leopoldo Amorim.

Campeonatos nacionais de futebol

I Divisão: Guimarães a ceder

Nomes e números

Benfica-Chaves

Árbitro: Miranda de Sousa (Porto).

BENFICA: Silvino; José Carlos, Ricardo, Aldair e Veloso; Hernâni, Diamantino, Vítor Paneira e Pacheco (Abel, 76); Lima César Brito, 76) e Magnusson.

(EM**CHAVES:** Jesus; Vicente, Filgueira, Jorginho e Rogério; Gilberto, Manuel Correia (Rudez, 61), Diamantino e Miranda; David e Tanev (Jorge Silvério, 75).

Acção Disciplinar: cartão amarelo para Diamantino (35).

Golos de: Magnusson (49 e 69 m).

Portimonense-Braga

Árbitro: Vítor Pereira (Lisboa).

PORTIMONENSE: Figueiredo; Chico Zé (Kachmerov, 85), Bezinski, Aurélio e Major (Carvalho, 57); Vado, Floris, Guetov e José Pedro;' Skoda e Luciano.

SPORTING DE BRAGA: Hélder; Chico Silva, Laureta, Vítor Duarte e Moroni; João Mário, Quim II (Rui Manuel, 57), Maside e Vinícius; Fernando Pires e Vermelhinho (Quim II, 39).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Maside, Moroni, cartão vermelho para Moroni.

Golo de José Pedro (28 m).

Porto-Feirense

Árbitro: José Filipe (Faro).

FC PORTO: Vítor Baía; João Pinto (Abílio, 8, Nascimento, 53), Demol, Geraldão e Paulo Pereira; Bandeirinha, Jaime Magalhães, Semedo e Jorge Couto; Madjer e Águas.

FEIRENSE: Ricardo; Licínio (Quitó), Pinto, Costa e Marcelino; Couto, Rendeiro (Ribeiro, 75), Artur e Miguel; Pedro Martins e Mário Jorge.

Acção disciplinar; cartão amarelo para Pedro Martins e Costa.

Golos de Madjer (5, 48 e 72 m) e Miguel (62 m).

Nacional-Boavista

Árbitro: Fernando Correia (Lisboa).

NACIONAL: Gilmar; Heitor, Paulito, Leiz e Ladeira (Edu, 35); Toninho, Robertinho, Sylvannus e Dinis; Paulo Sérgio e Edmilson (Dino, 79).

BOAVISTA: Alfredo; Marcos António, Garrido (Forbs, 45), Valério e Barreto (Armando, 73); Waldir, Casaca, Jorge Andrade e Jaime; Isaías e Walker.

Acção disciplinar: cartão amarelo a Jorge Andrade (19) e Waldi (74).

Golos de Edmilsson (44 m), Sylvannus (50 m) e Isaías (67 de g.p.).

Guimarães-E. Amadora

Árbitro: Juvenal Silvestre (Setúbal).

GUIMARÃES: Sérgio; Cerqueira, Germano, William e Jorge (João Baptista, 60); Roldão, Carvalho, N'Dinga e Silvinho; Soeiro (Caio Júnior, 60) e Chiquinho.

ESTRELA DA AMADORA: Melo; Rui Neves, Duílio, Barny e Caetano; Basaúla (Baroti, 86), Paulo Bento, Rebelo (Chico Oliveira, 89) e Ricky; Elias e Paulo Jorge.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Carvalho.

Sporting-Marítimo

Árbitro: Fortunato Azevedo (Braga).

SPORTING: Ivkovic; Oceano, Paulo Torres, Venâncio e Luisinho; Ali Hassan, Litos (Gomes, 46 minutos), Douglas e Cadete; Marlon (Figo, 88) e Lima.

MARÍTIMO: Everton; Rui Vieira (Rui Aguiar, 64), Teixeirinha, João Luís e Andrade; Nunes, To Zé (Paulo Ricardo, 58), Esquerdinha e José Luís; Marquinho e Wawa.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Rui Vieira, Ivkovic e Esquerdinha.

Golo de João Luís (57 m de p.b.).

Penafiel-Tirsense

Árbitro: Xavier Oliveira (Porto).

PENAFIEL: Cerqueira; Vinhas, Xico Nikita, Vasco e Artur; China, Carlos Alberto, Rui Manuel e Delgado (Djão, aos 66 minutos); Coelho e Rebelo.

TIRSENSE: Lúcio; Bio, Vlamecir, Louro e Jorge; Sérgio, Eusébio, Quim e César (Vitinha, aos 78); Tueba e Rodolfo (Kipulo, aos 86).

Acção disciplinar: amarelo para Vlamecir e Eusébio Vasco.

Beira Mar-União

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal).

BEIRA MAR: Quim; Redondo, Petrov, Carvalhal e Ivan; Sousa (João Paulo, 69), Freire (Jarbas, 66), Bozinosky e Penteado; Ghany e Mário Jorge.

UNIÃO: Pimenta; Duarte, Ramos, Jorge Costa (Sérgio, 54) e Casimiro: Monteiro, Jairo, Marcovic e Ricardo Jorge; Edilson e Hajry (Renato, 66).

Golo de Penteado (46 m).

RESULTADOS

BENFICA	**2-0**	CHAVES
V. SETÚBAL	**0-2**	BELENENSES
SPORTING	**1-0**	MARÍTIMO
PORTO	**3-1**	FEIRENSE
V. GUIMARÃES	**0-0**	E. AMADORA
BEIRA MAR	**1-0**	U. MADEIRA
NACIONAL	**2-1**	BOAVISTA
PENAFIEL	**0-0**	TIRSENSE
PORTIMON.	**1-0**	BRAGA

Próxima jornada: Chaves - Vitória de Setúbal; Belenenses - Vitória de Guimarães; Estrela da Amadora - Beira Mar; União da Madeira - Nacional; Boavista - Penafiel; Tirsense - Porto; Feirense - Portimonense; Sporting de Braga - Sporting e Marítimo - Benfica.

RENAULT

FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

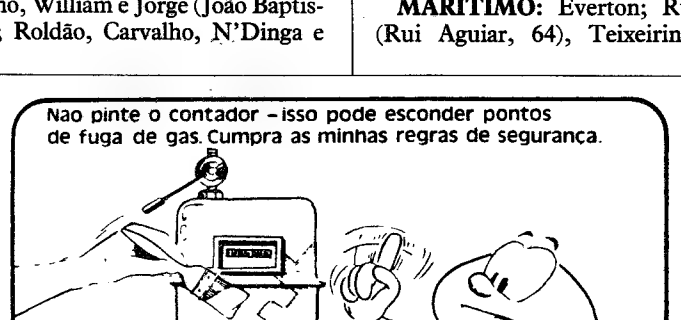
CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º **F.C. PORTO**	26	21	4	1	58-11	46
2.º Benfica	26	18	7	1	64-12	43
3.º V. Guimarães	26	14	9	3	36-16	37
4.º Sporting	26	14	8	4	31-17	36
5.º V. Setúbal	25	12	6	7	31-22	30
6.º Belenenses	26	12	4	10	24-27	28
7.º Chaves	26	8	10	8	27-34	26
8.º Beira Mar	26	9	6	11	17-28	24
9.º E. Amadora	26	8	8	10	28-23	24
10.º Tirsense	26	6	12	8	15-22	24
11.º Boavista	26	8	7	11	35-27	23
12.º Braga	26	7	8	11	23-29	22
13.º Marítimo	26	4	12	10	18-32	20
14.º U. Madeira	26	4	10	12	18-34	18
15.º Nacional	26	3	12	11	21-38	18
16.º Penafiel	26	6	6	14	19-41	18
17.º Portimon.	26	5	5	16	19-44	15
18.º Feirense	25	4	6	15	15-43	14

Madjer de pontaria afinada

O argelino Madjer, ao averbar os três golos do FC Porto frente ao Feirense, foi o «artilheiro» mais efeiciente da 26.ª jornada, logo seguido do benfiquista Mats Magnusson que rubricou os dois tentos com que o seu clube «brindou» a equipa flaviense.

O sueco Magnusson, ao somar 28 golos, apresenta-se como um sério candidato à bota de ouro com que o «France Football» e a «Adidas» distinguem anualmente o mais certeiro atirador ao golo. Por cá, ele segue destacadíssimo no topo da tabela, seguindo-se Rui Águas (14), Mladenov (12), Madjer, Guetov e Ricky (11).



II Divisão: Mirense «chumba» estudantes

Zona Norte

Joane - Freamunde, 2-0; Infesta - Rio Ave, 3-3; Gil Vicente - Maia, 2-0; Aves - Vianense, 4-3; Marco - Vizela, 2-1; Trofense - Fafe, 1-0; Leixões - Felgueiras, 2-0; Varzim - Famalicão, 1-0; e Paços de Ferreira - Bragança, 4-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º **FAMALICÃO**	24	13	7	4	41-17	33
2.º G. Vicente	23	14	4	5	35-21	32
3.º Maia	23	11	8	4	32-20	30
4.º Freamunde	24	11	8	5	31-22	30
5.º P. Ferreira	24	13	4	7	43-25	30
6.º D. Aves	24	12	4	8	33-24	28
7.º Varzim	24	11	5	8	33-24	27
8.º Leixões	24	10	5	9	35-34	25
9.º Ro Ave	24	8	9	7	32-31	25
10.º Bragança	24	10	4	10	30-37	24
11.º Fafe	24	8	6	10	23-20	22
12.º Infesta	24	7	8	9	36-37	22
13.º Joane	24	7	6	11	21-31	20
14.º Felgueiras	24	7	6	11	17-29	20
15.º Vizela	24	6	5	13	20-33	17
16.º Vianense	24	6	5	13	27-42	17
17.º Trofense	24	5	6	13	19-38	16
18.º Marco	24	3	6	15	15-38	12

Próxima jornada: Bragança - Joane; Freamunde - Infesta; Rio Ave - Gil Vicente; Maia - Aves; Vianense - Marco; Vizela - Trofense; Fafe - Leixões; Felgueiras - Varzim; e Famalicão - Paços de Ferreira.

Zona Centro

Académica - Mirense, 0-2; Guarda - Caldas, 2-1; Académico de Viseu - Salgueiros, 0-1; União de Lamas - Covilhã, 3-1; Oliveira do Bairro - Espinho, 0-3; Benfica e Castelo Branco - Mangualde, 1-0; Oliveirense - Marialvas, 2-1; Peniche - Lousanense, 1-3; e União de Leiria - Águeda, 0-2.

	J	V	E	D	G	P
1.º **ESPINHO**	24	18	1	5	47-15	37
2.º Salgueiros	24	15	5	4	53-17	35
3.º U. Leiria	24	14	6	4	47-13	34
4.º Académica	24	13	4	7	43-27	30
5.º A. Viseu	24	12	6	6	31-23	30
6.º Águeda	24	11	6	7	31-22	28
7.º Mirense	24	11	6	7	32-24	28
8.º U. Lamas	24	12	0	12	35-34	24
9.º Covilhã	24	11	1	12	29-34	23
10.º B.C. Branco	24	8	6	10	24-29	22
11.º Marialvas	24	7	7	10	16-27	21
12.º Caldas	24	10	1	13	20-36	21
13.º Mangualde	24	10	1	13	33-38	21
14.º Guarda	24	8	4	12	21-35	20
15.º Oliveir.	24	8	3	13	27-33	19
16.º Lousan.	24	5	5	14	23-44	15
17.º O. Bairro	24	2	10	12	19-48	14
18.º Peniche	24	3	4	17	13-45	10

Próxima jornada: Águeda - Académica; Mirense - Guarda; Caldas - Académico de Viseu; Salgueiros - União de Lamas; Covilhã - Oliveira do Bairro; Espinho - Benfica e Castelo Branco; Mangualde - Oliveirense; Marialvas - Peniche; e Lousanense - União de Leiria.

Zona Sul

Alverca - Atlético, 0-0; Olivais e Moscavide - Estoril, 0-1; Sintrense - Silves, 0-2; Portalegrense - Olhanense, 1-1; Juventude - Louletano, 2-1; Torreense - Lusitano, 5-1; Lusitano de Vila Real de Santo António - Samora Correia, 1-1; Farense - Barreirense, 2-0; e Seixal - «O Elvas», 0-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º **FARENSE**	24	18	5	1	57-14	41
2.º Louletano	24	13	7	4	38-16	33
3.º Torreense	24	13	6	5	42-18	32
4.º Estoril	24	11	10	3	26-16	32
5.º «O Elvas»	24	12	7	5	31-17	31
6.º Barreirense	24	14	3	7	40-21	31
7.º Juventude	24	10	8	6	28-29	28
8.º Alverca	24	11	6	7	34-32	28
9.º L.V. Real	24	8	11	5	26-18	27
10.º Olhanense	24	8	7	9	26-28	23
11.º Silves	24	7	9	8	24-20	23
12.º Lusitano	24	5	9	10	28-36	19
13.º Moscavide	24	5	6	13	21-37	16
14.º Seixal	24	5	6	13	18-40	16
15.º Sintrense	24	5	4	15	18-42	14
16.º Portalegr.	24	3	8	13	20-57	14
17.º Atlético	24	4	5	15	26-36	13
18.º Samora	24	1	9	14	17-43	11

Próxima jornada: Olivais e Moscavide - «O Elvas»; Sintrense - Silves; Portalegrense - Olhanense; Juventude - Louletano; Torreense - Lusitano; Lusitano de Vila Real de Santo António - Samora Correia; Farense - Barreirense; Alverca - Atlético; e Seixal - «O Elvas».

Campeonatos nacionais de futebol

III Divisão: Tomar: milagre terminou em Fátima

Série A

Maria da Fonte - Ribeirão, 0-0; Amares - Ponte da Barca, 1-2; Prado - Lanheses, 1-0; Vieira - Mirandela, 1-1; Valpaços - Caminha, 3-0; Macedo de Cavaleiros - Santa Maria, 1-1; Vila Pouca - Moreirense, 3-3; Valdevez - Esposende, 0-0; e Delães - Celoricense, 3-2.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º ESPOSENSE	26	13	11	2	38-17	37
2.º Moreirense	26	13	10	3	39-21	36
3.º Delães	26	13	5	8	37-35	31
4.º Mirandela	26	11	9	6	47-27	31
5.º Valpaços	27	11	7	9	34-27	29
6.º Caminha	26	10	8	8	28-20	28
7.º S. Maria	26	10	7	9	29-34	27
8.º Celouricense	26	10	7	9	36-26	27
9.º M. Cavaleiros	26	10	7	9	29-35	27
10.º M. Fonte	26	6	14	6	21-20	26
11.º Amares	26	8	9	9	25-25	25
12.º P. Barca	26	9	7	10	22-24	25
13.º Vieira	26	8	8	10	26-27	24
14.º Valdevez	26	4	14	8	21-24	22
15.º Prado	26	8	5	13	16-27	21
16.º Lanheses	27	7	7	13	25-33	21
17.º V. Pouca	26	6	6	14	22-38	18
18.º Ribeirão	26	3	9	14	16-51	15

Próxima jornada: Celouricense - Maria da Fonte; Ribeirão - Amares; Ponte da Barca - Prado; Lanheses - Vieira; Mirandela - Valpaços; Caminha - Macedo de Cavaleiros; Santa Maria - Vila Pouca; Moreirense - Valadares; e Esponsende - Delães.

Série B

Lixa - Amarante, 3-1; Rio Tinto - Cinfães, 3-0; Sanjoanense - Sandinenses, 2-1; Vila Real - Leça, 2-0; Santa Marta de Penaguião - Paredes, 2-2; Ermesinde - Pedrouços, 0-2; Valadares - Valonguense, 2-1; Paivense - Lusitânia, 5-2; e Lousada - Régua, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º LOUSADA	26	17	5	4	49-24	39
2.º Amarante	26	12	10	4	37-20	34
3.º Paredes	25	12	9	4	44-23	33
4.º V. Real	26	12	6	8	39-25	30
5.º Valonguense	26	11	8	7	31-23	30
6.º Lixa	26	11	7	8	31-22	29
7.º Lourosa	26	10	9	7	31-25	29
8.º Sanjoan.	26	11	6	9	36-31	28
9.º Leça	26	9	9	8	37-30	27
10.º Pedrouços	26	9	9	8	40-40	27
11.º Sandinenses	26	9	8	9	22-27	26
12.º Ermesinde	26	10	5	11	26-24	25
13.º Régua	26	8	8	10	26-28	24
14.º R. Tinto	26	7	5	14	27-44	19
15.º Cinfães	25	6	6	13	24-51	18
16.º S. Marta	26	5	7	14	25-40	17
17.º Valadares	26	3	11	12	20-45	17
18.º Paivense	26	3	8	15	20-43	14

Próxima jornada: Régua - Lixa; Amarante - Rio Tinto; Cinfães - Sanjoanense; Sandinenses - Vila Real; Leça - Santa Marta de Penaguião; Paredes - Ermesinde; Pedrouços - Valadares; Valonguense - Paivense; e Lusitânia - Lousada.

Série C

Tabuense - Anadia, 0-0; Santacombadense - Mealhada, 1-0; Argus - Gouveia, 1-2; Valonguenses - Valecambrense, 4-1; Oliveira do Hospital - Alba, 1-1; Ovarense - Oliveirinha, 3-0; Seia - Mortágua, 2-0; Luso - Sabugal, 3-1; e União de Coimbra - Estarreja, 3-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º SANTACOMB.	26	19	2	5	30- 9	40
2.º Anadia	26	17	4	5	42-19	38
3.º Ovarense	26	12	9	5	36-15	33
4.º Estarreja	26	12	6	8	36-22	30
5.º Valongense	26	11	8	7	34-28	30
6.º O. Hospital	26	10	9	7	30-25	29
7.º U. Coimbra	26	12	5	9	46-27	29
8.º Mealhada	26	11	7	8	31-27	29
9.º Gouveia	26	9	10	7	25-17	28
10.º Luso	26	9	10	7	25-19	28
11.º Argus	26	9	8	9	32-31	26
12.º Oliveirinha	26	8	9	9	26-29	25
13.º Alba	26	8	8	10	27-23	24
14.º Tabuense	25	7	6	12	21-29	20
15.º Seia	26	7	5	14	37-37	19
16.º Mortágua	26	5	8	13	18-37	18
17.º Sabugal	25	3	5	17	22-75	11
18.º Valecambr.	26	3	3	20	16-65	9

Próxima jornada: Estarreja - Tabuense; Anadia - Santacombadense; Mealhada - Argus; Gouveia - Valonguense; Vaiecambrense - Oliveira do Hospital; Alba - Ovarense; Oliveirinha - Seia; Mortágua - Luso; e Sabugal - União de Coimbra.

Série D

Torres Novas - Mirandense, 1-1; Castelo de Vide - Marrazes, 1-1; Alcobaça - Ferrel, 3-1; Naval 1.º de Maio - Marinhense, 4-0; Sertanense - Acains, 2-1; Bombarralense - Nazarenos, 1-0; Alfeizerense - Estrela de Portalegre, 3-2; Fátima - União de Tomar, 1-0; e Alcanenense - União de Santarém, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º U. TOMAR	26	16	9	1	36- 8	41
2.º Mirandense	26	16	6	4	43- 9	38
3.º Naval	26	15	7	4	50-22	37
4.º Fátima	26	12	10	4	47-19	34
5.º U. Santarém	26	14	6	6	37-16	34
6.º Sertanense	26	8	14	4	28-23	30
7.º Alcobaça	26	9	12	5	27-20	30
8.º T. Novas	26	11	8	7	39-32	30
9.º Alcanenense	26	6	14	6	29-21	26
10.º Marinhense	26	5	13	8	24-32	23
11.º E. Portalegre	26	6	9	11	22-40	21
12.º Bombarral.	25	3	14	8	15-26	20
13.º C. Vide	26	7	6	13	21-40	2-
14.º Alcains	26	5	9	12	29-37	19
15.º Marrazes	26	5	8	13	17-37	18
16.º Nazarenos	26	5	7	14	25-39	17
17.º Alfeizerense	26	4	8	14	22-45	16
18.º Ferrel	25	5	2	18	17-62	12

Próxima jornada: União de Santarém - Torres Novas; Mirandense - Castelo de Vide; Marrazes - Alcobaça; Ferrel - Naval; Marinhense - Sertanense; Alcains - Bombarralense; Nazarenos - Alfeizerense; Estrela de Portalegre - Fátima; e União de Tomar - Alcanenense.

Série E

Cartaxo - Odivelas, 3-0; Lusitânia - Futebol Benfica, 2-0; Oriental - Vilafranquense, 1-0; Sacavenense - Borbense, 1-0; Almeirim - Fanhões, 2-0; Campomaiorense - Portosantense, 4-1; Fronteirense - Praiense, 1-1; Santa Clara - Cacém, 3-0; e Câmara de Lobos - Loures, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º ORIENTAL	26	12	9	5	30-16	33
2.º S. Clara	26	12	9	5	35-25	33
3.º Sacavene.	26	11	10	5	29-15	32
4.º C. Maior	26	13	5	8	41-20	31
5.º F. Benfica	26	11	9	6	32-27	31
6.º U. Almeirim	26	12	6	8	44-23	30
7.º Portosant.	26	9	9	8	32-27	27
8.º Fanhões	26	9	8	9	23-25	26
9.º Vilafranq.	26	9	8	9	24-22	26
10.º Praiense	26	9	8	9	17-22	26
11.º Loures	26	7	11	8	29-33	25
12.º Lusitânia	26	9	7	10	23-22	25
13.º C. Lobos	26	6	12	8	19-22	24
14.º Odivelas	26	8	6	12	30-33	22
15.º Borbense	26	7	8	11	21-36	22
16.º Cartaxo	26	5	10	11	28-43	20
17.º Cacém	26	5	8	13	18-40	19
18.º Fronteir.	26	5	7	14	15-36	17

Próxima jornada: Loures - Cartaxo; Odivelas - Lusitânia; Futebol Benfica - Oriental; Vilafranquense - Borbense; Sacavenense - União de Almeirim; Fanhões - Campomaiorense; Portosantense - Fronteirense; Praiense - Santa Clara; e Cacém - Câmara de Lobos.

Série F

Quimigal - Estrela de Vendas Novas, 1-1; Beja - Amora, 4-3; Vasco da Gama - Imortal, 2-1; Trafaria - Esperança de Lagos, 1-0; Almancilense - Leões, 2-1; Quarteirense - Santiago do Cacém, 2-1; Sesimbra - Moura, 0-3; Montijo - Palmelense, 1-0; e União de Montenor - Pescadores, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º MONTIJO	26	17	7	2	53-18	41
2.º Quarteir.	26	13	9	4	58-26	35
3.º Amora	26	15	5	6	45-27	35
4.º Almancil.	26	13	7	6	30-21	33
5.º U. Santiago	26	11	9	6	47-29	31
6.º Moura	26	10	10	6	35-27	30
7.º U. Montemor	26	13	3	10	43-25	29
8.º V. Gama	26	12	5	9	31-34	29
9.º E. Lagos	26	10	8	8	40-30	28
10.º Palmel.	26	8	8	10	36-35	24
11.º Quimigal	26	6	12	8	22-27	24
12.º Imortal	26	7	9	10	36-39	23
13.º Leões	26	6	10	10	17-22	22
14.º Caparica	26	8	5	13	29-46	21
15.º Beja	26	7	6	13	23-43	20
16.º E.V. Novas	26	5	8	13	23-39	18
17.º Trafaria	26	2	11	13	24-66	15
18.º Sesimbra	26	3	4	19	17-55	10

Próxima jornada: Pescadores - Quimigal; Estrela de Vendas Novas - Beja; Amora - Vasco da Gama; Imortal - Trafaria; Esperança de Lagos - Almancilence; Leões de Tavira - Quarteirense; Santiago do Cacém - Sesimbra; Moura - Montijo; e Palmelense - União de Montemor.

Guerra na rádio por causa do Marselha-Benfica

A notícia foi divulgada pela própria Rádio Cidade: aquela emissora lisboeta, segundo a palavra do seu responsável (Rui Duarte) firmou um contrato com o Olympique de Marselha para a exclusiva transmissão do jogo de 4.ª feira, com o Benfica, para «todo o Portugal».

Rui Duarte, um português de S. Pedro do Sul que esteve longo tempo no Brasil, declara que, com esta atitude, quer *«firmar a audiência da Rádio Cidade e, no mínimo, fazer a única transmissão para a grande Lisboa, estando disposto a negociar com qualquer outra estação radiofónica que pretenda fazer o relato do encontro mas, sempre salvaguardando que, para a capital e cintura lisboeta, apenas a Rádio Cidade estará directamente no ar».*

O negócio de Rui Duarte envolveu 20 mil contos (em dólares) e o homem forte da Rádio Cidade (frequência de 107.2 em FM, quase totalidade do quadro de locutores entregue a brasileiros) apenas admite que as outras emissoras comparticipem da sua despesa mas *«sem qualquer sinal de transmissão para a zona que a estação da Amadora pode cobrir»*. Isso, «a priori», coloca em séria equação o trabalho dos relatores que (aparentemente não se importando com qualquer cerceamento ao seu trabalho e afirmando continuarem a depender exclusivamente do Olympique de Marselha) viajam hoje para França. Casos de Ribeiro Cristóvão (Rádio Renascença), Jorge Perestrelo (TSF), Fernando Emílio (Rádio Comercial), Costa Martins (Antena Um), Nova Antena (de Loures), Rádio Press e Rádio Norte, que estão dispostas a relatar o jogo.

Longe de pensarem entrar em qualquer entendimento com a Rádio Cidade estão a Renascença *(«faremos a transmissão do jogo, nem que seja da sala de Imprensa, porque temos em nosso poder um fax do Marselha confirmando a cedência de linhas telefónicas»*, dissenos Ribeiro Cristóvão) e a Antena Um que, *«logo durante toda a manhã de 4.ª feira fará o programa de Marselha, com João Paulo Dinis ao microfone»*.

Consultada a União Europeia de Radiodifusão (UER) esta entidade disse desconhecer completamente que o Marselha tenha vendido a transmissão do jogo sabendo que, de há largo tempo, diversas emissoras portuguesas tinham tratado da requisição de linhas e pedido assistência técnica, dentro do que está regulamentado internacionalmente. *«Apenas para finais do futebol europeu é que a UEFA estabelece preços para transmissão de jogos: nos encontros que se processam até aí, cada estação trata com o clube e depois a UER e, após receber luz verde* como sucedeu agora, pelo menos com quatro emissoras (Renascença, TSF, Comercial e Antena Um) *providencia para acertar os circuitos telefónicos com a sua programação, ficando apenas a RDP* (como estação oficial) *comprometida a retribuir o serviço técnico no jogo da 2.ª mão, em Portugal.»*

— A montanha pariu um rato: nós vamos transmitir o jogo — declarou-nos esta manhã David Borges, um dos responsáveis da TSF.

Directo na TV

Por seu lado, a RTP igualmente garante que a transmissão directa está assegurada e para o relato segue Rui Tovar para Marselha. Quanto às emissoras que não aceitam qualquer negociação com a Rádio Cidade, é firme o propósito comum: todas em França *«porque queremos ver qual é o real comportamento do Olympique neste caso»*. Um imbróglio que, provavelmente, apenas às 19 horas de 4.ª feira ficará esclarecido.

Juniores

Série A: Gil Vicente-Merelinense, 2-1; Vianense-Braga, 1-0; Vila Real-Famalicão, 1-2; Mãe D'Água-Chaves, 0-1; Ponte da Barca-Vitória de Guimarães, 1-1; Vizela-Taipas, 2-2. **Líder:** Vitória de Guimarães, 43 pontos.

Série B: Lamego-Águeda, 3-4; Salgueiros-Maia, 4-1; Beira Mar-Varzim, 0-0; Boavista-Espinho, 1-0; Leixões-Rio Ave, 4-0; FC Porto-Viseu e Benfica, 10-1. **Líder:** FC Porto, 43 pontos.

Série C: Académico de Viseu-União de Leiria, 1-1; União de Coimbra-Guarda, 7-3; Naval-Mangualde, 1-1; Nazarenos-União de Tomar, 2-2; Gouveia-Académica, 0-12; Marrazes-Estação, 0-3. **Líder:** Académica, 39 pontos.

Série D: Casa Pia-União de Santarém, 2-0; Pescadores-Bombarralense, 1-0; Estrela da Amadora-Sporting, 1-3; Estoril-Benfica, 0-3; Caldas-Almeirim, 3-1; Olivais e Moscavide-Belenenses, 3-7. **Líder:** Benfica, 40 pontos.

Série E: Zona Sul-Farense, 3-1; Olhanense-Amora, 2-1; Vitória de Setúbal-Estrela de Vendas Novas, 6-0; Quimigal-Lusitano de Évora, 2-1; Barreirense-Elvas, 5-1; Portimonense-Seixal, 1-0. **Líder:** Vitória de Setúbal, 38 pontos.

Juvenis

Disputou-se a primeira jornada da segunda fase, que ditou os seguintes resultados:

Académica-Vitória de Guimarães, 0-2; Boavista-Académico de Viseu, 5-0; FC Porto-Praiense, 14-0; Leixões-Braga, 0-1; Louletano-Sporting, 0-1; Marítimo-Olivais e Moscavide, 2-3; Estrela da Amadora-Vitória de Setúbal, 0-2; Benfica-Belenenses, 4-2; Varzim-Lourosa, 0-1; Benfica de Castelo Branco-Estrela de Vendas Novas, 6-3.

TOTOBOLA

A chave

Benfica - Chaves	1
Guimarães - E. Amadora	X
Sporting - Marítimo	1
Setúbal - Belenenses	X
Beira Mar - U. Madeira	1
Nacional - Boavista	1
Penafiel - Tirsense	1
Portimon. - Braga	1
Joane - Freamunde	1
Varzim - Famalicão	1
A. Viseu - Salgueiros	2
O. Bairro - Espinho	2
Juventude - Louletano	1

Concurso n.º 14/90
8 de Abril de 1990

Tirsense - Porto	2
Marítimo - Benfica	2
Belenenses - Guimarães	1
Chaves - Setúbal	X
E. Amadora - Beira Mar	1
U. Madeira - Nacional	2
Boavista - Penafiel	1
Feirense - Portimon.	1
Braga - Sporting	X
Rio Ave - G. Vicente	2
Águeda - Académica	1
Caldas - A. Viseu	1
Louletano - Torreense	X

TOTOLOTO

1 - 3 - 7 - 11 - 29 - 43 (20)

De acordo com os serviços do Departamento de Apostas Mútuas Desportivas da Santa Clara da Misericórdia de Lisboa, o primeiro prémio do Totobola vai contemplar 17 concorrentes cabendo a cada um mais de três mil contos. Com o 2.º prémio (12 resultados) acertaram 872 apostadores que irão receber cerca de 39 mil escudos e com o 3.º prémio (11 resultados) serão 9028 os concorrentes que terão direito a quatro mil escudos.

Quanto ao Totoloto as previsões são as seguintes: 1.º prémio (6 resultados), dois/três concorrentes (recebendo 27 ou 40 mil contos), 2.º, (5×1) 11/12 (1900 contos), 3.º (5) 700/750 (82900$00), 4.º (4) 45 000/48 400 (1290$00) e com o 5.º prémio (3 números certos) deverão ser detectados mais de 700 mil concorrentes que terão direito ao «bolo» de 136$00.

DESPORTO

Papin: três remates certeiros na vitória do Marselha

O adversário europeu do Benfica cada vez mais perto do primeiro lugar

Com três golos de Jean Pierre Papin e um do inglês Waddle, o Marselha venceu, no Stgade Velodrome, o Lille por 4-1, naquele que foi o derradeiro teste para o confronto de quarta-feira com o Benfica, para as meias-finais da Taça dos Campeões Europeus. Com este resultado, e porque o Bordéus empatou no recinto do Moulhouse (0-0), o clube de Mozer aproximou-se ainda mais do líder do campeonato, somando menos dois pontos do que o Bordéus faltando-lhe realizar um, com o Saint-Etienne.

Toni assistiu ao encontro, retirou as últimas indicações que hoje no final da tarde transmitirá ao «chefe» Eriksson e naturalmente que uma das tarefas dos futebolistas benfiquistas para o começo da noite de hoje será o visionamento do encontro dos marselheses com o Lille.

O treinador Gérard Gili apresentou a seguinte formação: Castañeda; Amorós, Mozer, Sauzée e Di Meco; Deschamps; Waddle, depois Diallo, Bercruysse e Germain; Papin, «cap.», e Francescoli.

Na segundo parte Waddle ressentiu-se de uma lesão (ele vai dizendo que não se encontra nas melhores condições físicas) e foi substituído por Diallo.

Em véspera de receber o Benfica, o Marselha bateu facilmente o Lille

Resultados da 31.ª jornada: Auxerre - Brest, 3-1; Lyon - Cannes, 0-1; Marselha - Lille, 4-1; Metz - Racing de Paris, 0-0; Montpellier - Sochaux, 2-0; Mulhouse - Bordéus, 0-0; Nice - Toulon, 1-2; Paris St. Germain - Caen, 3-1; Toulouse - St. Etienne, 1-1.

Classificação: 1.º Bordéus, 45; 2.º Marselha (menos um jogo), 43; 3.º Mónaco, 36.

Espanha

Resultados da 32.ª jornada: Celta - Tenerife, 1-0; Logroñes - Real Sociedad, 1-0; At. Madrid - Rayo Vallecano, 2-0; S. Gijon - Barcelona, 0-2; Valência - Maiorca, 1-0; Cádiz - Castellon, 1-0; Málaga - Oviedo, 1-0; Sevilha - Osasuna, 1-1; At. Bilbao - Valladolid, 2-2; Saragoça - Real Madrid, 0-1.

Classificação geral: 1.º Real Madrid, 53 pontos; 2.º Atlético Madrid e 3.º Valência, 44; 4.º Barcelona, 42; 5.º Real Sociedad, 38.

Holanda

Resultdaos da 28.ª jornada: Feyenoord - Ajax, 0-1; Vitesse - PSV, 0-2; RKC - MVV Maastricht, 1-1; Volendam - FC Twente, 2-1; FC Utrecht - Sparta, 2-1; Fortuna Sittard - Haia, 2-1; Haarlem - Nimega, 1-1; Den Bosch - Willem II, 1-1; Groningen - Roda JC, 1-1.

Classificação geral: 1.º PSV Eindhoven, 40; 2.º Ajax (menos um jogo), 38; 3.º Roda JC, 36.

Bélgica

Resultados da 28.ª jornada: Anderlecht - Malines, 0-3; Lokeren - Chent, 1-1; Racing - Malines - Ekeren, 1-1; Antuérpia - FC Bruges, 0-4; Waregem - Lierse, 2-1; FC Liège - Beveren, 3-2; St. Truiden - Standard, 1-1; SK Bruges - Kortrijk, 1-2; Beerschot - Charleroi, 2-0.

Classificação geral: 1.º FC Bruges, 46 pontos; 2.º Anderlecht, 44; 3.º Malines, 43.

Escócia

Resultados da 31.ª jornada: Dundee - Aberdeen; 1-1; Dunfermline - Dundee United, 0-1; Hibernian - Heart of Midlothian, 1-2; Saint-Mirren - Motherwell, 0-0.

Classificação: Glasgow Rangers, 41 pontos; Aberdeen e Heart of Midlothian, 37.

RFA

Resultados da 27.ª jornada: Werder Bremen - Hamburgo, 2-1; Nuremberga - Colónia, 1-1; Borussia Moenchengladbach - Karlsrhue, 0-0; Kaiserslautern - Bayer Uerdingen, 2-1; Bayer Munique - Estugarda, 3-1; Bayer Leverkusen - Bochum, 2-1; St. Pauli - Eintracht Frankfurt, 1-0; Borussia Dortmund - Waldhof Mannheim, 2-0.

Classificação: Bayern Munique, 39 pontos; Bayer Leverkussen, 36; Colónia, 34.

Inglaterra

Resultados da 32.ª jornada: Arsenal - Everton, 1-0; Charlton - Queen's Park Rangers, 1-0; Chelsea - Derby, 1-1; Liverpool - Southampton, 3-2; Manchester United - Coventry, 3-0; Millwall - Crystal Palace, 1-2; Norwich - Luton, 2-0; Nottingham Forest - Wimbledon, 0-1; Sheffield Wednesday - Tottenham, 2-4.

Classificação: 1.º Liverpool e Aston Villa, 59 pontos; 3.º Arsenal, 53.

Campeonato alemão: uma fase do Werder Bremen-Hamburgo

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem

VIATURAS USADAS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Renault 5 TX	1984
Renault 5 GTL 5P 1237 cc	1986
Renault 5 GTR 3P 1237 cc	1988
Renault 5 GTL 3P 1108 cc	1985
Seat Ibiza 1.2	1987
Renault 21 GTS	1988
Renault 9 GTS	1986
Renault 11 TSE	1986
Renault 25 GTS	1984

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças:ç R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

UEFA muito castigadora

Por cá, assinala-se a reabertura do processo do Famalicão

A UEFA (União Europeia de Futebol) anunciou a aplicação de multas no valor de 300 mil francos suíços (cerca de 30 mil contos) a vários clubes envolvidos nas competições europeias de futebol.

O Dniepr Dnepropetrovsk, adversário de Benfica nos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus, foi multado em 20 mil francos suíços (cerca de três mil contos), por agressão de um adepto ao fiscal de linha do encontro, que terminou com a vitória dos «encarnados» por 3-0.

O AC Milão é o clube mais penalizado, com uma multa de 150 mil francos suíços (cerca de 15 mil contos) que sanciona o lançamento de foguetes e o atraso verificado no jogo da segunda mão dos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus de Futebol, entre o clube italiano e o Malines da Bélgica, a 21 de Março.

Outros: Partizan de Belgrado (50 mil francos suíços), Sampdoria e Grasshoppers (20 mil), Juventus (10 mil), Juventus (10 mil). Quanto a jogadores, a UEFA puniu o italiano do Milão, Roberto Donadoni com três jogos de suspensão, Basile Boli (Malines) igualmente com três jogos, Giusepe Iachini, da Fiorentina com dois e Leo Clyster, do Malines com um jogo de castigo.

Famalicão: Volta a esperança

O Conselho de Justiça da FPF decidiu, pela terceira vez, reapreciar o processo «Famalicão», que levou em 1988 à despromoção daquele clube a terceira divisão nacional de futebol e a irradiação do seu presidente, Fernando Costa.

A decisão do Conselho de Justiça, anunciada pelo relator da fase instrutória do processo, Armando França, foi tomada por sete votos favoráveis a abertura do processo, contra cinco, após mais de duas horas de reunião.

O CJ decidiu aceitar o pedido de revisão apresentado pelo Famalicão, face à recente condenação do Tribunal de Famalicão de António Veiga, ex-presidente do Macedo de Cavaleiros, que acusara Fernando Costa de alegado «suborno».

António Veiga veio, no entanto, a retractar-se destas acusações em tribunal, o que levou o Famalicão a apresentar ao Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol um pedido de reapreciação do processo.

Benfica: Contas aprovadas

A assembleia geral do Benfica, reunida no Estádio da Luz, aprovou, por maioria, o relatório e contas referente ao ano de 1989.

Falando no decorrer da assembleia, presenciada por 270 sócios, o director financeiro do clube, Fonseca Santos, referiu que as dívidas do clube, no referido ano, ascenderam a cerca de 450 mil contos.

Segundo aquele responsável, o prejuízo acumulado resultou da soma dos défices do sector do futebol, cerca de 112 mil contos, das modalidades amadoras, 290 mil contos, de encargos financeiros decorrentes de diversos financiamentos, 75 mil contos, da redução das receitas do bingo do clube, menos 12 mil contos, e de dívidas do sector da imprensa, 5500 mil contos.

Na mesma assembleia, foi também aprovada a nomeação de uma comissão composta por quatro sócios e um membro do conselho fiscal, para examinar as contas do festival «rock» do Estádio da Luz, ocorrido há cerca de dois anos.

Dionísio Castro: um recorde inesperado

Contratado para «lebre», o sportinguista bateu o recorde mundial dos 20 quilómetros

DIONÍSIO CASTRO cometeu, em Fléche, região oeste de França, a notável proeza de bater o recorde mundial dos 20 quilómetros em pista, ao percorrer a distância em 57.18,4, retirando do trono o holandês Jos Hermans que em 1976, estabelecera o recorde em 57.24,2. Um feito que se saúda e que esteve próximo de ser acompanhado de outro «máximo» já que Dionísio (que inicialmente fora convidado para disputar a corrida na condição de «lebre») ficou a um metro do recorde da hora que continua a pertencer ao holandês Jos Hermans com 20,944 metros e que foi estabelecido em 1 de Maio de 1976.

Dionísio Castro que não é somente gémeo de Domingos mas igualmente um atleta de craveira internacional, inscreve o seu nome da lista dos recordistas mundiais, ao lado de Fernando Mamede (10 000 metros) quando em 1984, em Estocolmo, perfez a distância em 27.13,81 e de Carlos Lopes que, no ano imediato, em Roterdão, se apossou do melhor tempo mundial da maratona ao correr os 42,195 metros no tempo de duas horas, sete minutos e 12 segundos.

Recordo o que foi dito por Dionísio Castro no passado mês de Fevereiro à revista «Atletismo»: «*Conheço o meu valor e sei que, ao conseguir normalmente segundos lugares nas provas, isso acontece que à minha frente fica um atleta de categoria mundial que é o meu irmão. Reconheço que tenho uns certos complexos ao correr com ele, mas isso tem de acabar — nas provas terei de passar a encarar o Domingos como um adversário normal e não como meu irmão.*»

Dionísio «dixit». Está confirmado.

Rosa Mota já voltou

Rosa Mota e os dirigentes da Federação Portuguesa de Atletismo (com honra e mérito do ministro Roberto Carneiro) arrumaram, finalmente, as espingardas que durante cerca de 900 dias (a «guerra» começou no dia 22 de Novembro de 1987 quando Rosa Mota se recusou a participar no Mundial de Estrada) provocaram forte tiroteio com os estilhaços a atingirem as muralhas do bom-senso. Na tarde de sábado era anunciado o termo do conflito e restabelecido o relacionamento normal entre a atleta e a Federação que se passa a reger pelas seguintes cl ̈aausulas: 1) *a atleta inscreve-se na estrutura federativa;* 2) *A FPA como procedimento a instituir relativamente a todos os atletas medalhados em Jogos Olímpicos, Campeonatos do Mundo e da Europa, também à atleta Rosa Mota tomará na devida ponderação as provas em que seja conveniente a sua participação;* 3)*A participação da atleta em provas de âmbito da selecção nacional será objecto de prévio consenso entre a atleta, o seu técnico e a FPA. Nesta perspectiva, a FPA considera importante a sua participação nas seguintes provas do calendário do ano em curso: maratona dos Campeonato da Europa, Campeonato do Mundo de Estrada e a nível nacional uma prova de pista, estrada ou cortamato, à escolha da atleta;* 4) *A FPA manifesta idêntica consideração relativamente a épocas futuras, quanto às provas internacionais, designadamente, a maratona dos Campeonatos do Mundo e dos Jogos Olímpicos.*

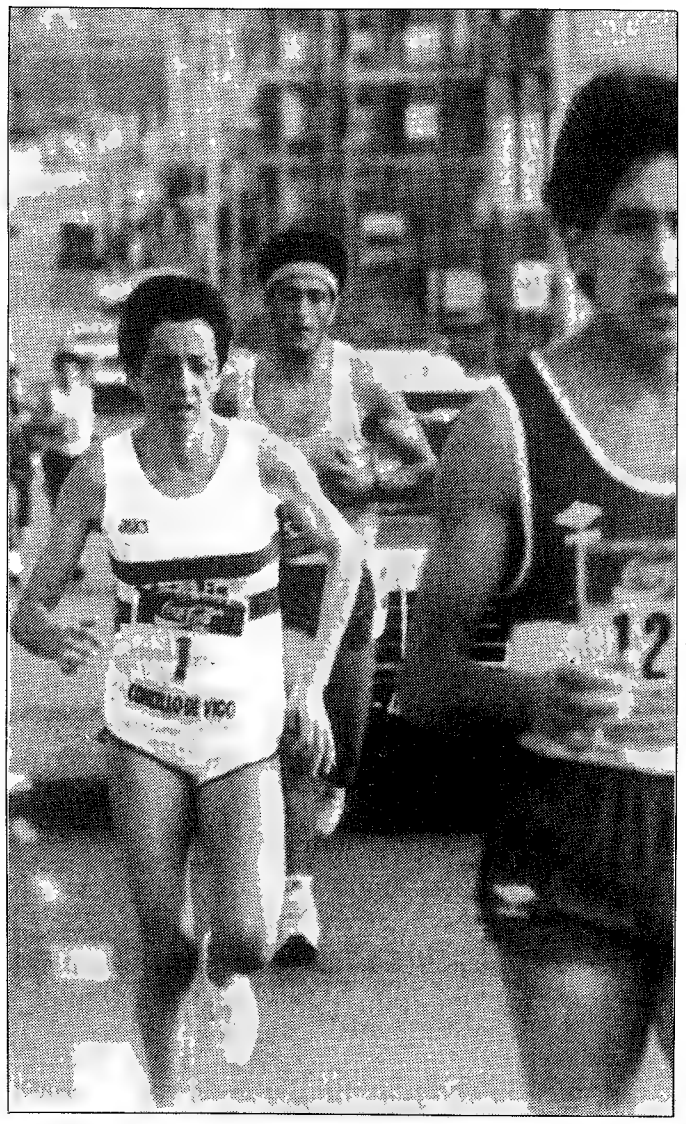
Temos a Rosinha connosco, obrigado senhor ministro!

Para já lá foi ela até Vigo e juntamente com Delfim Moreira dominou em absoluto a meia-maratona.

Em cheio

Para além do retunbante triunfo de Dionísio Castro em Le Fléche e das vitórias de Rosa Mota e Delfim Moreira em Vigo, outros atletas portugueses estiveram igualmente em evidência. Delfim Moreira venceu (tal como a Rosinha) a meia-maratona de Vigo; Domingos Castro foi 3.º no Crosse de Bailbau ficando a oito segundos do vencedor o queninano William Mutwol; Mónica Gama conseguiu o 2.º lugar nos mundiais de cortamato para atletas universitários disputados na Polónia; a boavisteira Albertina Dias continua a averbar êxitos e, desta vez, foi a Vanves vencer o crosse internacional; Mário Silva regressou de Palma de Maiorca com a medalha de prata da Milha Internacional que ali se disputou e, finalmente, Luís Américo Saraiva (atleta da GNR) triunfou nos 100 quilómetros do percurso com o tempo de seis horas, 48 minutos e 34 segundos.

Finalmente, destaque-se o facto do veterano Armando Aldegalega ter sido distinguido com a Medalha de Ouro da Cidade de Setúbal em cerimónia que decorreu nos Paços do Concelho do município setubalense.



Rosa Mota: regresso com vitória

Ténis: Estoril Open

Portugueses perdem no sorteio

O tetracampeão nacional João Cunha e Sillva vai defrontar pela segunda vez em quatro meses o norte-americano Jay Berger, número oito do Mundo e primeiro cabeça-de-série, na primeira eliminatória do Estoril Open, de acordo com o sorteio ontem efectuado.

Nuno Marques, o jogador português melhor classificado no ranking mundial, tem como adversário o melhor tenista italiano, Paolo Cane, que, em Fevereiro, foi o responsável pela eliminação da Suécia na Taça Davis.

O argentino Martin Jaite, segundo cabeça-de-série e número 11 do mundo, defronta o holandês Paul Haarhuis, que o ano passado afastou o norte-americano John McEnroe no Open dos Estados Unidos.

Jay Berger, 23 anos, é o tenista com o melhor ranking a participar no Estoril Open, um torneio de 250 mil dólares em prémios que inaugura o Circuito Europeuu de terra batida do World Series do ATP Tour-90, reunindo oito dos 30 melhores tenistas do Mundo.

Berger, que ao longo da sua carreira só ganhou três torneios do Grand Prix, ascendeu na passada quarta-feira ao oitavo posto da lista ATP, o seu melhor ranking de sempre, mercê da presença nas meias-finais do torneio de Key Biscayne, onde perdeu com o norte-americano Andre Agassi, que seria o vencedor do torneio.

Entretanto, no sorteio de pares, João Cunha e Silva faz dupla com Jean Philippe Fleurian e vai defrontar os segundos cabeças-de-série do torneio, Javier Sanchez e Andres Gomez.

Nuno Marques vai jogar pares ao lado de um jogador que o eliminou no ano passaado no Open de França ao fim de cinco sets, o espanhol Sergi Bruguera, número 30 do Mundo, tendo como adversários os terceiros cabeças-de-série, Tomas Carbonell e Karel Novacek.

Hóquei em patins

Título patina para as Antas

Quando restam seis jornadas (ao Benfica e o Óquei de Barcelos apenas cinco) para o termo do campeonato nacional, a questão do título, que desde há várias jornadas se mantém ao alcance dos minhotos, dragões e águias, continua em aberto. Em virtude da sua participação na Taça CERS, Benfica e Barcelos acordaram em antecipar, para ontem, o encontro entre ambos e correspondente à 21.ª jornada e o triunfo dos benfiquistas veio ainda animar mais a ponta final da competiçãao, ficando ambos em igualdade pontual e o FC Porto no 3.º posto com menos dois pontos que os seus opositores mas com um jogo a menos e, considerando que o seu calendário é o mais fácil, dificilmente os «dragões» deixarão de manter o título nas Antas.

No jogo de ontem, na Luz, o Benfica superou o seu valoroso adversário, averbando um triunfo por 4-2 que evidencia o seu inconformismo na corrida para o título e dá garantias para o próximo confronto internacional a contar para a Taça CERS.

Quanto à jornada .º 20 os resultados foram os seguintes: Sanjoanense - Sporting, 4-3; Paço de Arcos - Benfica, 2-6; OC Barcelos - Sp. Tomar, 13-2; Oliveirense - FC Porto, 1-4; Grundig - Parede, 4-3 e Turquel - Quimigal, 4-6.

Após estes jogos, a classificação ficou assim ordenada: 1.º Óquei de Barcelos e Benfica, 58 pontos (ambos com mais um jogo); 3.º FC Porto, 56.

Andebol

Supertaça brilha na Luz

E pronto! À terceira foi mesmo de vez, com o Benfica a arracadar a Supertaça «Vasco Vasconcelos» na finalíssima que se disputou na tarde de ontem no Pavilhão da Ajuda. Depois de duas autênticas finais disputadas pelos velhos rivais, em Loures, que redundaram em dois nulos (21-21 e 19-19), em fins de Janeiro, a partida de ontem não chegou a entusiasmar o pouco público presente, tal a superioridade manisfestada pela turma orientada pelo romeno Eugen Troffin.

Apresentando-se sem os atletas que se encontram na Finlândia, ambas as formações deram mostras de estado de espírito diferentes desde o início. À lentidão e pouco entusiasmo por banda dos leões, responderam os encarnados com determinação e querer, o que os levou a comandarem o marcador durante todo o encontro.

Portugal acumula derrotas

A contar para o campeonato mundial (grupo «C»), que no passado sábado começou a disputar-se na Finlândia, a selecção lusa perdeu os dois encontros iniciais, baqueando no jogo inaugural frente à Bulgária, por 19-24 e perdendo no encontro de ontem com a Holanda por 17-24.

Hoje é dia de descanso e amanhã o nosso opositor será a Finlândia.

Basquetebol

Benfica dominou a fase inicial

O Benfica atingiu o termo da fase final do campeonato nacional de basquetebol com total ascendente sobre os seus competidores, cedendo apenas na jornada inaugural (frente ao Beira Mar) e não fora a desatenção dos seus dirigentes também não perderia o ponto com o Estrelas da Avenida correspondente a uma falta de comparência por ter alinhado com três estrangeiros. Um caso que, no entanto está longe de se considerar «arquivado» porque o Beira Mar (terceiro no processo, mas que se julga prejudicado) e o Benfica, vão protestar decisão federativa. Ao que se consta os fundamentos dos protestos ficam-se na convicção de que o atleta Greg Chambers se encontra qualificado de acordo com os regulamentos e ainda que tenha jogado irregularmente, o protesto teria que ser apresentado no final do encontro e não depois, como se verificou.

Quanto à jornada n.º 22, eis os resultados: Ovarense-Estrelas, 85-78; Ginásio-Benfica, 83-95; Beira Mar-Guifões, 92-89; FC Porto-Esgueira, 119-73; Sporting-Imortal, 94-87 e Barreirense-Illiabum, 99-75.

Quanto ao «play-off» e no caso dos protestos do Benfica e do Beira Mar serem julgados improcedentes terão os seguintes confrontos na priemira eliminatória: Benfica-Imortal, Porto-Esgueira, Estrelas da Avenida-Sporting e Beira Mar-Ovarense. O apuramento será feito «à melhor de cinco». O «acasalamento» para a fuga à descida, coloca frente a frente Barreirense-Guifões e Illiabum-Ginásio Figueirense.

De salientar que o Estrelas da Avenida conquistou a Taça de Portugal no sector feminino ao vencer, na final o Clube Independente do Porto pela contundente marca de 79-55.

A. Nobre

I Série N.º 77
Dia 2 de Abril
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministérios do Planeamento e da Administração do Território e da Indústria e Energia

Portaria n.º 237/90:
Cria uma nova comissão coordenadora de investigação no domínio das tecnologias da produção industrial.

Ministério da Justiça

Portaria n.º 238/90:
Eleva de classes as Conservatórias dos Registos Predial e Comercial de Bragança e de Vila Real, autonomiza cartórios da Secretaria Notarial de Guimarães e alarga os quadros de oficiais de vários serviços dos registos.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público ter o Governo da República da Guiné Equatorial depositado, a 16 de Janeiro de 1989, em Moscovo, o instrumento de adesão à Convenção sobre a Proibição do Desenvolvimento, da Produção e do Armazenamento das Armas Bacteriológicas (Biológicas) ou Tóxicas e sobre a sua Destruição.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 239/90:
Actualiza os parâmetros fixados na Portaria n.º 582/88, de 23 de Agosto, para o ano de 1990. [Regulamenta o Decreto-Lei n.º 141/88, de 22 de Abril (alienação de fogos de habitação social propriedade do Estado)].

Região Autónoma da Madeira
Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 5/90/M:
Define as entidades competentes para, na Região Autónoma da Madeira, executarem o disposto no Decreto-Lei n.º 336/89, de 4 de Outubro, que estabelece o novo regime jurídico para as sociedades de agricultura de grupo.

Tribunal Constitucional

Acórdão n.º 72/90:
Declara a inconstitucionalidade, com força obrigatória geral, por violação do artigo 167.º, alínea *j)*, da Constituição da República (versão 1976), da norma constante do artigo 25.º do Decreto-Lei n.º 401/79, de 21 de Setembro.

N.º 76
Dia 31 de Março

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 235/90:
Altera o quadro geral do pessoal da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público ter Portugal depositado, junto do Secretário-Geral do Conselho da Europa, os instrumentos de ratificação da Convenção Europeia de Extradição, aberta à assinatura em Paris a 13 de Dezembro de 1957, do Protocolo Adicional, aberto à assinatura em Estrasburgo a 15 de Outubro de 1975, e do Segundo Protocolo Adicional, aberto à assinatura em Estrasburgo a 17 de Março de 1978.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 236/90:
Regula a elaboração de pareceres por peritos veterinários no âmbito das trocas intracomunitárias de animais, de carne ou de produtos à base de carne.

Nota - Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 54, de 6 de Março de 1990, inserindo o seguinte:

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 172-A/90:
Actualiza as taxas de licenciamento e certificação técnica de empresas de transporte aéreo não regular...

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado e aguaceiros, em especial durante a manhã.

Regiões do Centro: - Aguaceiros durante a manhã, tornando-se o céu pouco nublado a partir da tarde e vento fraco a moderado de Oeste.

Regiões do Sul: - Céu pouco nublado ou limpo e vento fraco a moderado de Oeste.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e com ondulação Sueste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

Amanhã: - Céu pouco nublado, apresentando períodos de muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco a moderado de Oeste. Descida da temperatura mínima.

Depois de amanhã: - Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sul. Períodos de chuva fraca a partir da tarde no litoral.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Sul fraco a moderado. Possibilidade de períodos de chuva fraca para a tarde.

Mar de pequena vaga com ondulação Norte de 2 metros na Costa Norte e de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

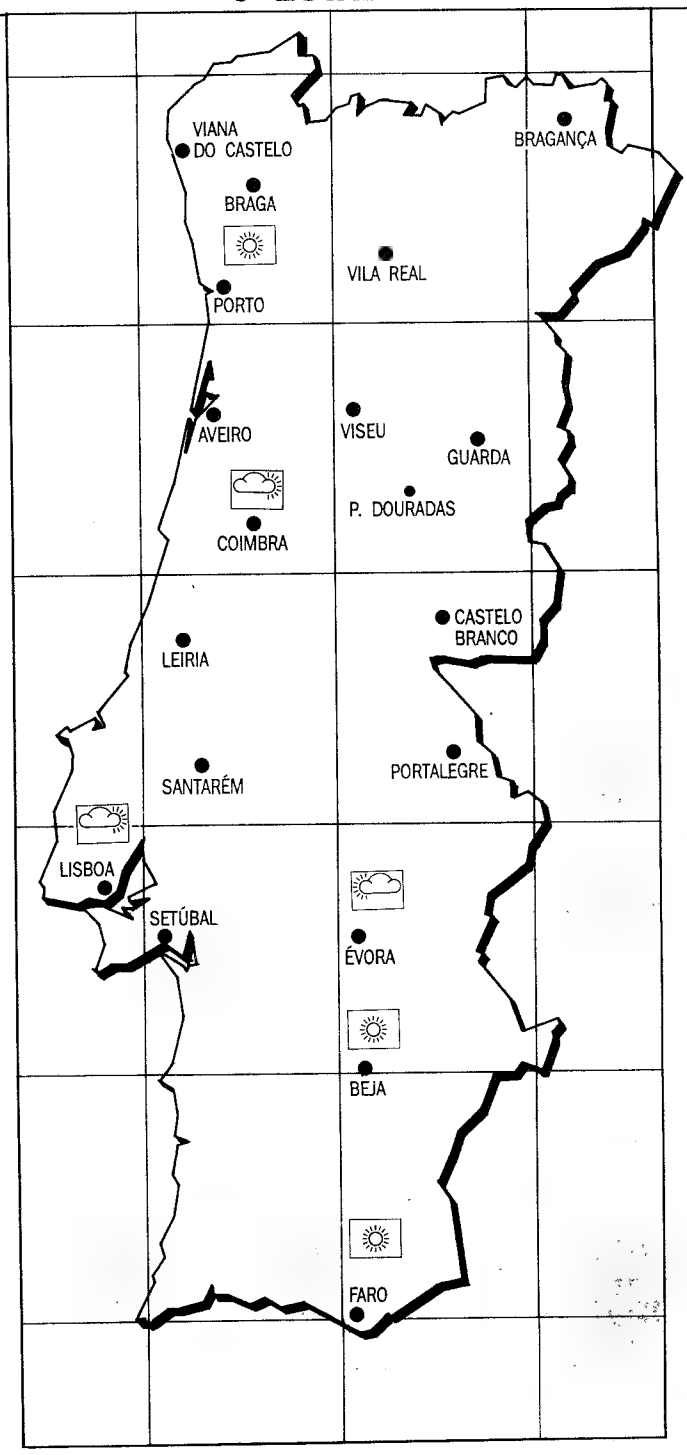
AÇORES

Grupo Ocidental: - Céu muito nublado. Vento moderado de Leste com rajadas. Períodos de chuva ou aguaceiros. Possibilidade de trovoadas.

Grupos Central e Oriental: - Céu muito nublado. Vento moderado de Sul com rajadas. Períodos de chuva ou aguaceiros. Possibilidade de trovoadas.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Nordeste de 2 a 4 metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.16	3,0m	02.32	1,2m
21.47	3,1m	14.57	1,5m

Amanhã

10.46	2,8m	04.13	1,4m
22.18	3,1m	16.39	1,6m

PORTUGAL

	Mín.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	6	6	Chuva
V. Castelo	11	12	M. nub.
Vila Real	8	8	Aguaceiros
Porto	10	12	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	10	10	Neblina
C. Carvoeiro	12	14	Encoberto
C. Branco	8	8	Neblina
Portalegre	7	7	Nevoeiro
Lisboa	11	11	P. nub.
Évora	8	8	Neblina
Beja	8	9	M. nub.
Sines	11	13	Aguaceiros
Faro	10	10	Neblina
Sagres	14	15	P. nub.
P. Delgada	13	13	Chuva
Horta	14	14	M. nub.
Funchal	14	15	M. nub.

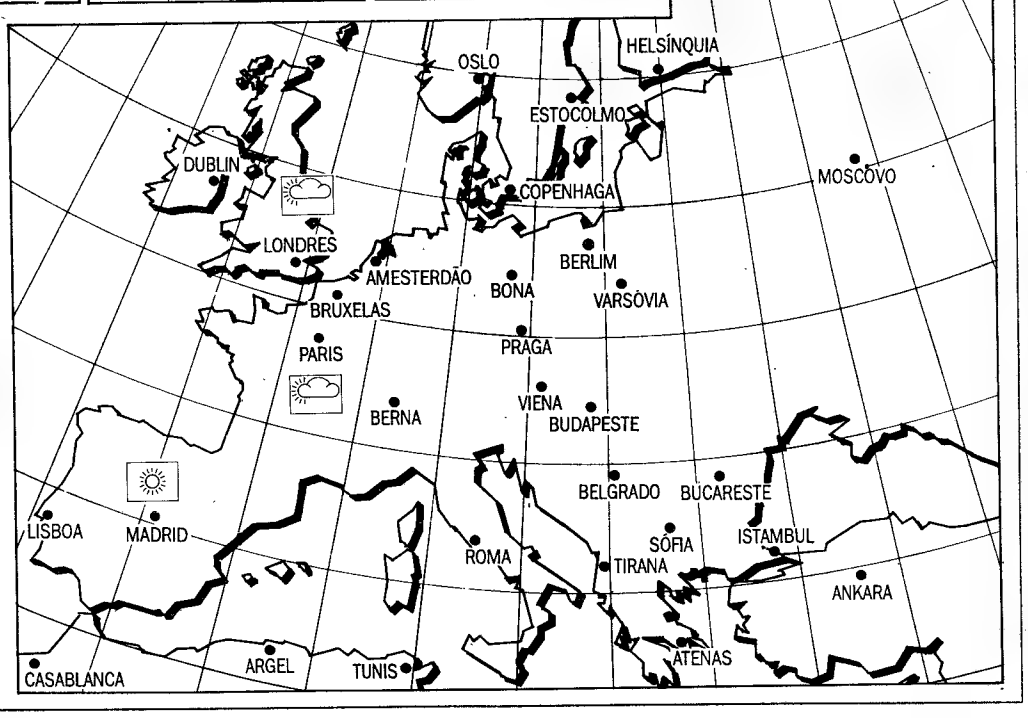
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 18; Porto, 16; Faro, 20; P. Delgada, 17; Funchal, 21.

EUROPA

	Mín.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	7	7	M. nub.
Londres	10	11	Chuva
Paris	10	11	M. nub.
Bruxelas	9	9	P. nub.
Amesterdão	7	7	Bruma
Genebra	4	4	Neblina
Roma	6	8	Neblina
Oslo	6	6	Chuva
Copenhaga	2	5	Nevoeiro
Estocolmo	2	2	Chuva
Berlim	7	8	Neblina
Viena	7	8	Neblina
Varsóvia	4	10	Limpo
Atenas	11	14	Limpo
Moscovo	-3	1	P. nub.

MUNDO

	Mín.	Máx.	Às 13 h
Chicago	3	6	Aguaceiros
Houston	16	24	Aguaceiros
Los Angeles	13	24	Limpo
Montreal	2	6	P. nub.
Nova Iorque	7	10	Chuva
S. Francisco	9	20	Limpo
Toronto	2	6	Chuva
Vancover	4	12	M. nub.
Washington	7	10	Chuva
Hong Kong	12	16	Trovoada
Melbourne	13	22	Limpo
Pequim	8	18	Chuva
Perth	27	32	Trovoada
Singapura	26	33	Trovoada
Sydney	15	20	Trovoada
Tóquio	10	12	Aguaceiros
Wellington	10	19	V. forte



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Ajuda: Moura, Travessa Memória, 55, Tel. 3630944; **Alameda D. Afonso Henriques:** Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; **Alcântara:** Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 72, Tel. 660187; **Ameixoeira - Lumiar:** Santos, Al. António Sérgio, 8-C - Urb. Quinta Santa Clara, Tel. 7598186; **Benfica - Estação - Uruguai:** Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B, Tel. 704828; **Cais do Sodré:** Ultramarina, Rua São Paulo, 99-101, Tel. 321771; **Campo Grande:** Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B, Tel. 732009; **Campolide:** Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; **Cortes - Rato:** Castro Suc., Rua São Bento, 199-A, Tel. 660513; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Graça:** Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **São Sebastião:** Novais, Av. Luís Bivar, 11-13, Tel. 544324; **Alfragide - Amadora:** Remédios, Rua Ivens, 20, Tel. 970544; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 9939412.

REFORÇO

Alfama - Escolas Gerais: Anunciada, Rua do Vigário, 72-74, Tel. 866360; **Alto São João:** Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, Tel. 8143439; **Alvalade:** Alentejo, Av. da Igreja, 28-B, Tel. 892682; **Av. República:** Cardote, Av. Visconde Valmor, 28 A-B-C, Tel. 772291; **Zona J de Chelas:** Serejo, Av. João Paulo II, 531 - Loja B, Tel. 8592611; **Baixa - Coliseu:** Centro Farmacêutico, Rua Portas Santo Antão, 88, Tel. 321211; **Beneficiência - Sete Rios:** Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 7261035; **Cemitério Ingleses:** Urbano Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-5, Tel. 662838; **Chile - Anjos:** Pereira Pinto, Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 545751; **Marvila:** Freitas, Rua Vale Formoso Baixo, 23-A, Tel. 381136; **Santo Amaro - Calvário:** Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B, Tel. 3637020; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho - B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Igreja, P. Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Permanente; Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** André, Av. Elias Garcia, 151, Tel. 4350043. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 921482. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A, Tel. 2766498. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Pimenta, R. Cons.º Joaq. Ant.º Aguiar, 259, Tel. 2073012. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Correios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766 171 / 766 178 / 766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

CONVENÇÕES DE TRABALHO PLURIDISTRITAIS

— esquema anunciado pelo dr. Silva Pinto

O problema dos núcleos populacionais que sofrem carências globais de nutrição

EUA: menos interesse pelo espaço

Convenções de trabalho pluridistritais

O próximo estudo da coordenação da actividade das delegações do Instituto Nacional do Trabalho, para evitar a celebração de convenções colectivas de âmbito reduzido, antes fazendo beneficiar delas vários distritos, foi hoje anunciado em Santarém pelo secretário de Estado de Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto.

EUA: menos interesse pelo espaço

Frank Borman, o comandante de voo da «Apollo 8» em redor da Lua, afirmou, a noite passada, em Boston, que o interesse de americano no espaço estava a diminuir, agora que o homem conseguira efectuar um desembarque lunar.

Greve dos mineiros italianos

Os mineiros italianos realizam hoje uma greve nacional, de 24 horas, como protesto contra o malogro de negociações para um novo contrato de trabalho, segundo anunciaram, a noite passada, em Roma, os sindicatos.

EFEMÉRIDES

1546

• A vila açoriana de Ponta Delgada é elevada a cidade.

1872

• Morre Samuel Finley Breese Morse, inventor do aparelho telegráfico que tem o seu nome.

1887

• É inaugurada a linha férrea Lisboa-Sintra.

1942

• É inaugurado, em Lisboa, o Hospital Psiquiátrico de Júlio de Matos.

1974

• Morre o Presidente francês Georges Pompidou.

1976

• É promulgada a nova Constituição Política da República Portuguesa.

1982

• A Argentina invade as ilhas Falkland (Malvinas), no Atlântico Sul, neutralizando os 84 fuzileiros britânicos ali colocados pela Grã-Bretanha.

1979

• O primeiro-ministro israelita visita o Cairo.

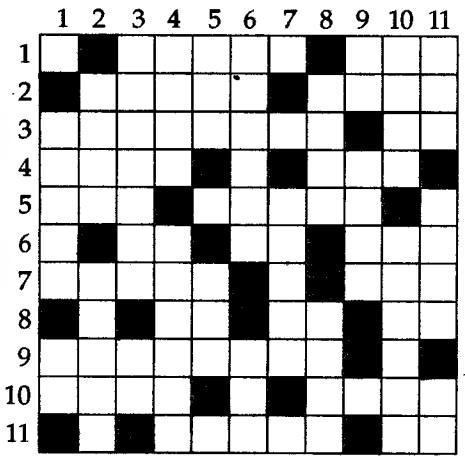
1985

• O presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, 75 anos, é submetido a uma quarta intervenção cirúrgica em 18 dias.

1987

• O Parlamento português inicia o debate da moção de censura ao Governo de Cavaco Silva, apresentada pelo PRD.

PALAVRAS CRUZADAS



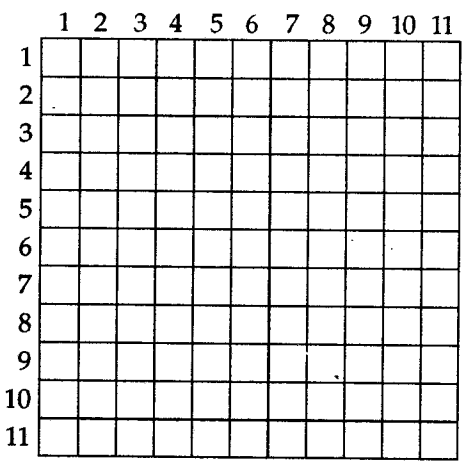
PROBLEMA N.º 17890

HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Medíocre. Preposição.
2 - Passada. Letra grega. Vê.
3 - Zombar. Acabar.
4 - O mesmo que ozono. Alumínio (s.q.).
5 - Desgastam. Figura que simboliza o povo americano.
6 - Caruma. Ave pernalta.
7 - A mobília.
8 - Sufixo que designa estado. Preposição e artigo (inv.). Ri sem ruído.
9 - Ofereces. Faça doação de. Ena!
10 - Tragédia de Shakespeare. Montões.
11 - Cures. Pedras de moinho.

VERTICAIS:

1 - Naipe das cartas de jogar. Completos.
2 - Profere. Corrigenda.
3 - Guia (fig.). Ente.
4 - Contracção da preposição de com pronome demonstrativo isso. Vê.
5 - Leiloados.
6 - Filtre. Estime.
7 - Sugassem o leite materno.
8 - Calamidade. Preposição.
9 - Mistério.
10 - Prenderam com elos. Esteiros.
11 - Espera resposta. Apelido.



PROBLEMA N.º 16700

HORIZONTAIS:

1 - Pequeno cão selvagem, ágil e bravo do Brasil. Africano de tez azeitonada.
2 - Variedade de chá. Mio.
3 - Natural. Contesta.
4 - Instrumento para atirar setas. Sufixo que designa estado.
5 - Preposição e artigo. Regulais as doses.
6 - Pulariam.
7 - Preguiça. Espádua.
8 - Espécie de formiga (Bras.). Reis. Costume.
9 - Sofrei (fig.).
10 - Cousa nenhuma. Avarento.
11 - Mencionar. Zombar.

VERTICAIS:

1 - Freguesia do concelho de Fornos de Algodres. Prefixo de privação.
2 - Renque. Cidade da Ucrânia.
3 - Defeito. Esmurrado.
4 - Açaimaram.
5 - Colono, índio ou chinês, em colónias europeias.
6 - Mentirosa.
7 - Autores. Fechar as asas para descer mais depressa.
8 - Nome de mês.
9 - Cidade dos Países Baixos. Fingir.
10 - Folguedo. Preposição e artigo (pl.). Medida itinerária do Japão.
11 - Lavrem. Cheiro.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 889

HORIZONTAIS: 1 - Amada. Sabem. 2 - PELA BOCA. 3 - Ala. Sua. Um. 4 - Gávea. Goela. 5 - Aiara. Airar. 6 - Ra. 7 - Cãs. Om. 8 - Ovar. Nas. Se. 9 - Rer. Bar. Sai. 10 - Rias. Neto. 11 Ea. Acamasse.
VERTICAIS: 1 - Apaga. MORRE. 2 - Melais. Veia. 3 - Alava. Cara. 4 - Dã. Errar. Sa. 5 - Saa. 6 - Nu. O. Naná. 7 - Agá. Arem. 8 - Ab. Oiros. Ta! 9 - Bo. Eram. Sós. 10 - Écula. Sa. 11 - Mamar. PEIXE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 699

HORIZONTAIS: 1 - Patifaria. 2 - Abadá. Emaça. 3 - Trios. Gu. As. 4 - Eis. Trinar. 5 - Tg. Pianista. 6 - Ias. Adail. 7 - Cria. Ailó. 8 - Oé! Gard. Am. 9 - MMMIV. Erg. 10 - Colaria. Ien. 11 - Asi. Earn. Mu.
VERTICAIS: 1 - Patético. Ca. 2 - Abrigaremos. 3 - Tais. Si. MLI. 4 - Ido. Ma. 5 - Fastio. Gire. 6 - Rã. Cávia. 7 - Regina. Ar. 8 - Imunidade. 9 - Aa. Asai. Ri. 10 - Cartilagem. 11 - Cãs. Alom. Nu.

PROVÉRBIO: PELA BOCA MORRE O PEIXE.

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Avenida Almirante Gago Coutinho - Telef. 806496
UM AMOR INEVITÁVEL
Filme de Rob Reiner
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.35 horas.

ALFA 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
A GUERRA DAS ROSAS
Filme de Danny DeVito
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA CLUBE
Avenida Almirante Gago Coutinho - Telef. 806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 5
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões ás 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
TEMPO DE GLÓRIA
Filme de Edward Zwick
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
O CAMINHO DO DEBOCHE
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 horas.

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
OS MERCENÁRIOS

O MEU PÉ ESQUERDO
Em exibição Quarteto Sala 1 Qualidade PUB Maiores 12 anos

DO APOCALYPSE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
ACADEMIA DE POLÍCIA VI
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O GOLPE DO DRAGÃO
Maiores de 18 anos
às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
Telefone 9434762
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
ANIKI - BÓBÓ
Filme de Manuel de Oliveira, às 18.30 horas
SEMENTES DE VIOLÊNCIA
Filme de Richard Brooks, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maires de 18 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
ALVOS HUMANOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE
Filme de Peter Greenaway
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 3525133
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
O RIO DA MORTE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
TEMPOS DE GLÓRIA
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

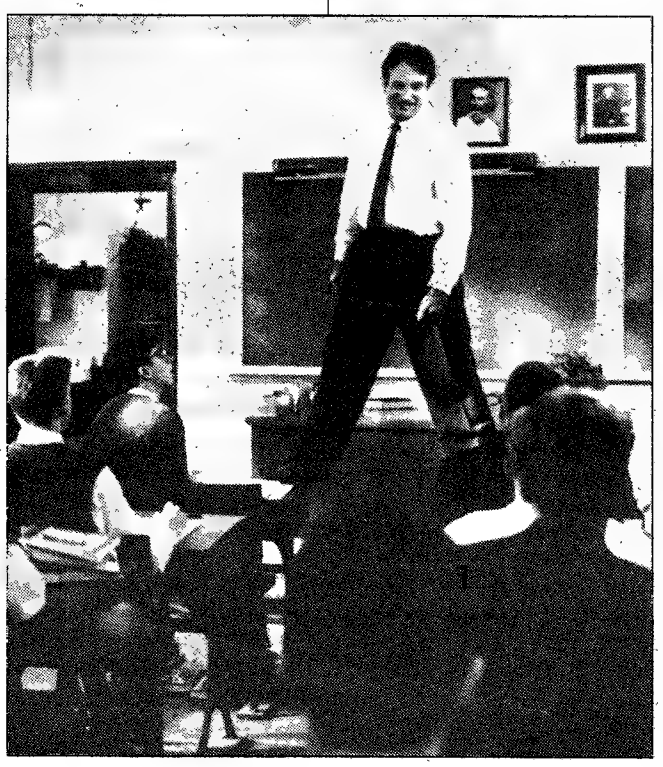
MUNDIAL 3
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

ESTÚDIO SHEZA
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Filme de Nick Nolte
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
SEXO NA PRAIA
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 horas.

«O Filósofo», em exibição na sala 1 do Forum Picoas



«Clube dos Poetas Mortos»

CARTAZ

Telef. 574362
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
FOGO INFERNAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
SUPER GIRLS IN 3-D
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão
Telef. 326305
A NOIVA QUE VEIO DO INFERNO
Filme de Daniel M. Peterson
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridani
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 E 21.16 horas.

SÃO JORGE 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 10.00 e 21.45 horas.

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.45 horas.

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

«A Guerra das Rosas»

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 horas

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
SEM PRESSA PARA VIVER
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas
REGRESSO AO RIO KWAI
Sábado e Domingo às 24.00 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.45 Horas.

ALTO DA BARRA 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
TESTEMUNHA A ABATER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
NASCIDO A 4 DE JULHO
Mairoes de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
RIO DA MORTE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

a mostrar o lado mais oculto e irónico da sua produção: a escultura. Inevitavelmente datadas (1968/72), estas esculturas em tiras de metal revelam-nos capacidades que Ângelo terá subestimado em relação à pintura de que é, no dizer de Álvaro Lapa, "um operário da luz". Mesmo as honrosas participações em importantes exposições internacionais (Bienal de S. Paulo e Paris, 1976), mais não foram que a maçada de reapertar parafusos... **Galeria EMI/Valentim de Carvalho** - Rua da Cruz dos Poiais, 111 (11/13 e 15/19 horas,

«A Pécora», em cena no Teatro da Comuna

«Tempo de Glória»

TEATRO LISBOA

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
Sala 1 às 21.30 horas
A PÉCORA
De Natália Correia, com encenação de João Mota, música de José Mário Branco e interpretação de todo o elenco da Comuna

EXPOSIÇÕES

LISBOA

ÂNGELO DE SOUSA - Muitos anos depois das exposições na Galeria de Arte Moderna da SNBA e da Livraria Buchholz, Ângelo volta

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO CARTAXO

ANÚNCIO

A Dr.ª Maria do Rosário Pita Pegado Gonçalves, Juiz de Direito do 1.º Juízo da Comarca do Cartaxo.

Faz saber que no dia 18 de Abril próximo pelas 9.30 horas, no Tribunal desta Comarca, nos autos de carta precatória 40/90, a correr termos pela 1.ª Secção desta Comarca e vinda do Tribunal Judicial de Águeda e extraída dos autos de Execução de Sentença 228/C/83 da 2.ª Secção 1.º Juízo em que é exequente Metalúrgica do Levira, Ld.ª com sede em Oliveira do Bairro e executados Remaque — Representações e Reconstituição de Máquinas de Escritório, L.ª com sede na Rua Serpa Pinto 25-A no Cartaxo, hão-de ser postos em praça pela primeira vez para se arrematarem ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado nos autos, um computador «Olivetti» modelo 240; um conjunto de secretárias metálicas e quatro cadeiras e um calculadora electrónica de marca NST.

Mais se consigna que é fiel depositário o Sr. Alexandre Nunes Saraiva, sócio gerente da firma SUTUREMA no Cartaxo.

Cartaxo, 14 de Março de 1990.

A Juiz de Direito,
Maria do Rosário Pita Pegado Gonçalves

O Escrivão Adjunto,
Vítor Mendes

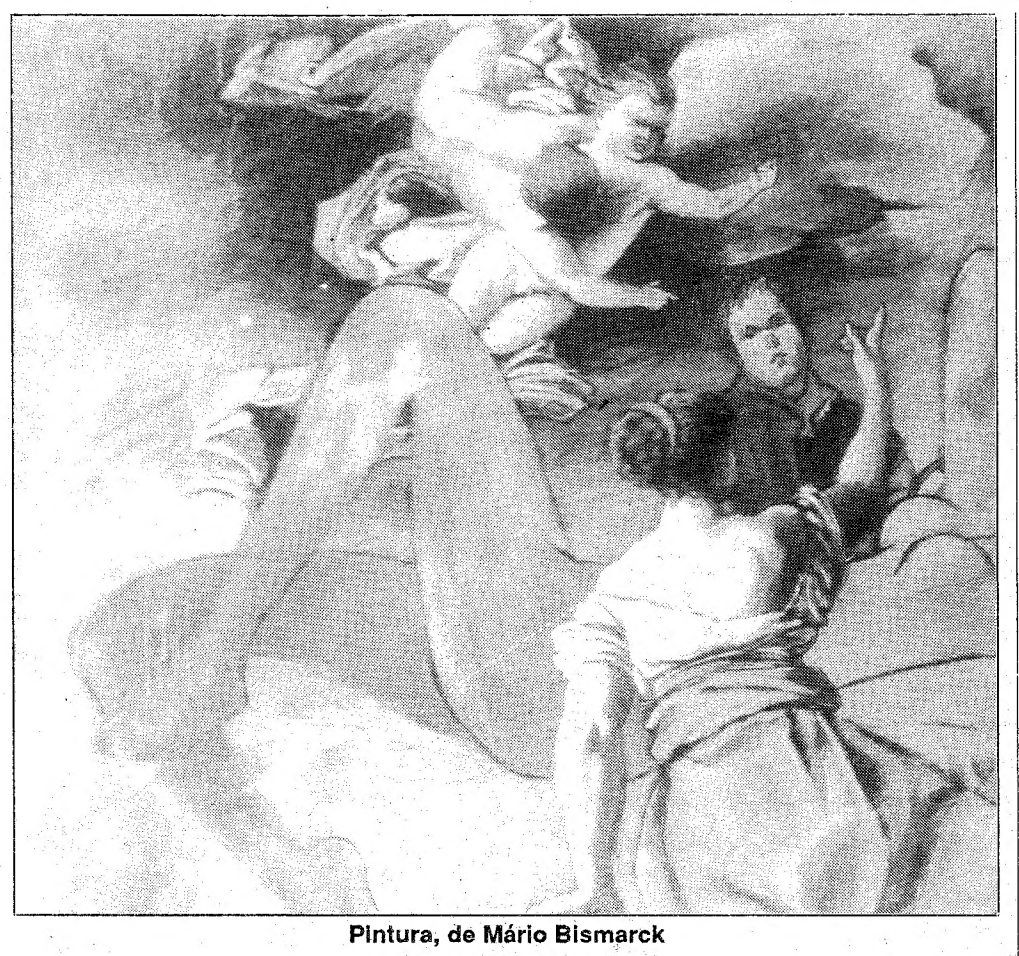
«DL» 1.ª Pub. — 2/4/90

CARTAZ

excepto domingos. Até 5 de Abril)

JE *EST* UN AUTRE - Segunda parte da exposição internacional de auto-retratos. Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje. Exposição acompanhada de um catálogo onde, a par da qualidade de algumas reproduções, se reúnem textos de Chaké Matossian, John Yau (crítico da Art Forum) e Pedro Frade, sobre a temática e o sentido da auto-representação.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)

JOÃO CUTILEIRO - Exposição antológica de 34 anos de actividade do responsável pela dignificação e difusão da escultura em pedra, de pequeno formato ou de parede. Independentemente da repetição dos temas e técnicas, João Cutileiro soube manter-se atento à vitalidade da escultura portuguesa protagonizada pelos sete escultores presentes em homenagem ao seu Mestre: António Campos Rosado, José Esteves, José Pedro Croft, Manuel Rosa, Maria Felizol, Pedro Fazenda e Sílvia Westfalen.
Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian (10 às 18 horas, excepto segundas-feiras)



Pintura, de Mário Bismarck

PEP AGUT - Graça Fonseca parece previligiar o intercâmbio com as galerias espanholas. Depois de Eugénio Cano (por troca com Paulo Feliciano?), a galeria revela agora este catalão residente em Colónia. Além da instalação *Amigos Para Sempre*, onde diferentes tipos de cadeiras uniformizadas pelo estofo dialogam com a *pele* mudada (entretanto emoldurada na parede), Pep propõe uma reflexão sobre a desmultiplicação do espaço/suporte. Mondrian revisitado.
Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (15/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras)

ALMADA
30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes.
Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras. Termina hoje)

ESTORIL
JOH - "Magnificências", esculturas
Galeria Arcada (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 23 de Abril)

OEIRAS
COLECTIVA - José Faria, Max Sachs, Manuel Peres, Stefan Oncken e Tom Bund, directores de agências de publicidade, expõem desenhos e pinturas.
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/14 e 15/19 horas, excepto domingos. Até dia 3 de Abril)

J.F.

Pintura, de Mário Bismarck

uma cidade limpa
é uma cidade viva
proteja a sua saúde

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** A Europa dos Doze; **20.30:** Musical; **21.00:** Passos Perdidos; **21.30:** Livre e Directo. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: 30 minutos com a soprano Mirella Freni; **17.30:** Música de Câmara; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Canções de Alexander Zemlinsky; **19.37:** Álbum Musical. Obras de Debussy, Villa-Lobos, Gershwin, Rachmaninoff; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Recital de órgão por Antoine Sibertin-Blanc. Obras de Rodrigues Coelho, Andres de Sola, Pedro de Araújo, António Valente e Carlos Seixas; **21.44:** Música de Câmara de Beethoven; **22.00:** Música Vocal Comentada; **23.00:** Concerto da Noite com o maestro sir John Barbirolli. Obras de Beethoven, Arcangello Corelli e Brahms; **00.37:** Grandes Intérpretes - O Pianista Emil Gilels. Obras de Liszt e Tchaikovsky; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiários de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DO PORTO

16.00: Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Nordeste Magazine.

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Leiria 89.

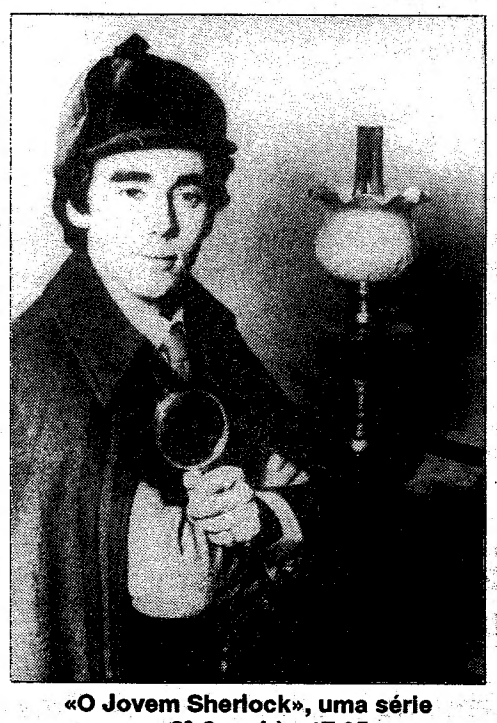
SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

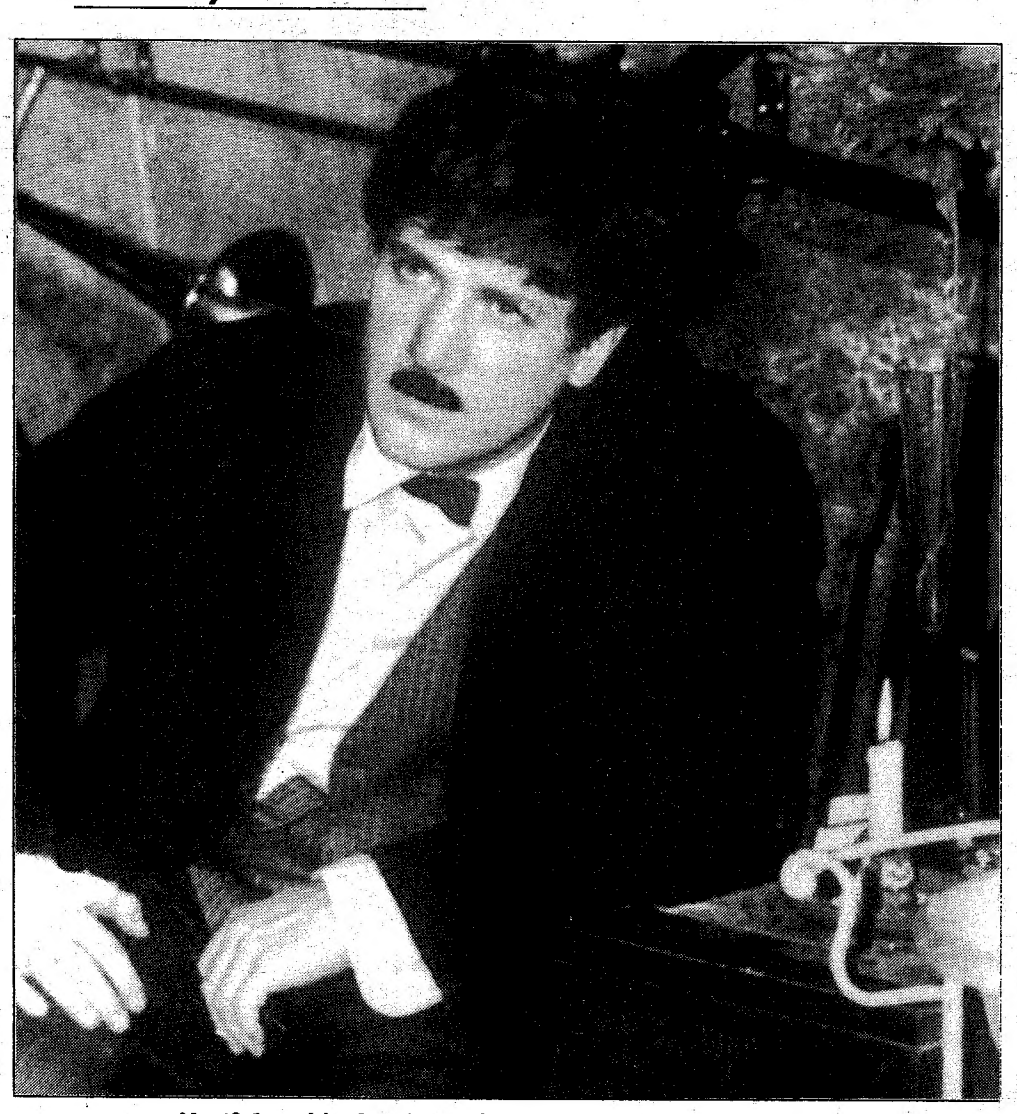
HOJE

RTP-1

16.30 - HOSPITAL CENTRAL
138º episódio
17.25 - A HORA DO LECAS
18.30 - RUA SÉSAMO
106º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
82º episódio
21.10 - CLUBE DE SUBSCRITORES
21.40 - CASINO ROYAL
11º programa: Crispim, depois de ter sofrido um atentado, está em franca recuperação. Para aliviar a consciência, Brambília Pestarossa, cuida do infeliz irmão de Royal, pois foi a espia de Mussolini a autora do atentado. Hitler regressa, entretanto, ao esgoto, a fim de se encontrar com Natascha Seminova, e depois aparece no salão do Casino, onde João Braga interpreta uma bela melodia dos anos 40. Enquanto isso, Filipe vai ao Seixal ver Gradívia, a futura sogra.
22.50 - QUASE ADULTOS
23.45 - 24 HORAS



«O Jovem Sherlock», uma série no 2º Canal às 17.05



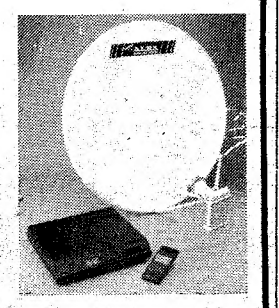
No 1º Canal às 21.40, o 11º programa de «Casino Royal»

00.15 - UM DIA...
11º programa
00.20 - REMATE
00.30 - CARTAS DE HUMOR
17º programa, com Fernando Mendes

RTP-2

17.05 - O JOVEM SHERLOCK
3º episódio: Natty Dan aparece morto. Dentro da sua carrinha de vendedor ambulante, uma enigmática mensagem escrita à pressa fala no «velho Mo», enquanto lá fora se deixam perceber vestígios daquilo que parece ser um cão com apenas três patas. Para o jovem Sherlock Holmes, a morte de Natty Dan encontra-se de alguma forma ligada à mansão e aos seus novos habitantes.
17.30 - ÍCONES DA MACEDÓNIA
18.00 - ITÁLIA/90
Uma série dedicada ao desporto que, neste primeiro episódio, aborda a história do Campeonato do Mundo de Futebol, desde 1930 a 1978, incluindo ainda um noticiário sobre o Mundial de 90.
18.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
73º episódio
19.25 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 32º episódio
20.45 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - ACERTO DE CONTAS
22.00 - TEATRO ESTRANGEIRO
«Metamorfose»: Stephen Berkoff baseou-se na parábola escrita por Franz Kafka e adaptou ao teatro a história de Gregor, um homem que, uma certa manhã, acorda transformado em insecto. A família que ele sempre sustentara com o seu trabalho reage a esta bizarra metamorfose, primeiro com nojo, depois com indiferença e acaba por deixá-lo morrer ao abandono. Duração: 75 minutos.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - VILA FAIA
15.05 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.30 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - A HORA DO LECAS
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.25 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - PRIMEIRA PÁGINA
22.15 - CRÓNICA DO CRIME
23.10 - 24 HORAS
23.40 - UM DIA
23.45 - REMATE
23.55 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

11.02 - TENIS: OPEN DO ESTORIL
14.00 - TELEMERCADO
14.30 - PRIMEIRO JORNAL
14.45 - ESPAÇO INFANTIL
15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA ESCOLHA
17.00 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.25 - HÁ PINTORES QUE...
17.50 - O HOMEM NA MARGEM
18.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.25 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - CLÁSSICOS DA TV
20.45 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINE MAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
CASINO ROYAL
RTP 2
ITÁLIA/90
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

«Não se percebe como é possível ninguém ter visto, pelo menos na parabólica, que a Drexell estava pelas ruas da amargura»

Paulo Portas, «O Independente», 30.03.90

A PERGUNTA DO DIA

Medeiros Ferreira
docente universitário

Qual a sua perspectiva relativamente à evolução da situação na Lituânia?

«Estamos no momento em que tudo pode acontecer no mapa da Europa. E para os russos a Lituânia, como em geral os outros estados bálticos, tanto são uma herança czarista como a recordação complexa das suas relações com a grande Alemanha. A Lituânia tanto pode significar império czarista, como cedência aos alemães em Março de 1918 na paz separada então efctuada, ou posse efémera após o Pacto Germano-Soviético de Agosto de 39. Mas a Lituânia foi sobretudo um dos corredores das invasões germânicas, quer na Primeira quer na Segunda Guerra mundiais. Os russos não querem um novo Prest-Litovsc antes de tempo. Ou seja, antes de se saber a configuração internacional da Alemanha unida.

Dito isto, parece-me que os 20 anos de independência da Lituânia, entre 1919 e 1939, devem ter deixado os seus habitantes nostálgicos, o que podemos compreender se tivermos em conta a sucessão de suseranos que tiveram desde então.

Desde então e antes.

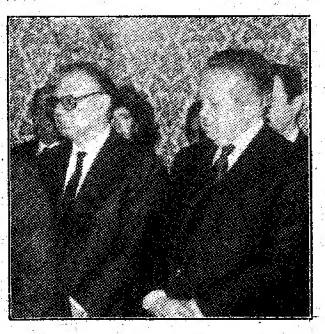
Não me parece que consigam a sua independência neste preciso contexto. Mas porque não mais tarde? Numa grande conferência pan-europeia cada vez mais necessária?»

APLAUSOS A...

«Stern», a revista alemã, por ter tido o bom gosto de fazer uma manchete semelhante à do «Diário de Lisboa». Na sua edição do dia 19 de Março, o DL, comentando os resultados das eleições realizadas no dia anterior na República Democrática Alemã, afirmou na primeira página que o grande vencedor do escrutínio tinha sido o Deutsche Mark. Qual não foi a nossa surpresa quando, ao receber a prestigiada revista alemã, verificámos que o seu título era bastante semelhante? Parabéns à «Stern».

Rui Godinho, pela sua proposta de classificar a Vila Sousa como imóvel de interesse público. Situada no Largo da Graça, esta vila operária, que comemora este ano o seu centenário, terá nascido como palácio de um conde. Comprada em 1890 por Eugénio de Sousa, foi transformada num dos mais belos bairros operários de Lisboa. Actualmente bastante degradada, a vila vê agora renovadas as suas esperanças de não desaparecer.

& PATEADAS A...



Governo, por andar a prometer quatro canais de televisão, quando na realidade ainda só tem três. Desde que se iniciou a discussão da abertura da actividade televisiva à iniciativa privada, o Executivo sempre se referiu à existência de quatro canais. Ora a União Internacional de Telecomunicações ainda não atribuiu a Portugal a quarta cobertura. Mais: a possibilidade de existência de um quarto canal passa necessariamente por negociações com os espanhóis, e, que se saiba, ainda nem sequer foram iniciadas...

RTP, por não conseguir manter boas relações com quase ninguém. Como se não bastassem as acusações dos partidos da Oposição e da Câmara de Lisboa, chegou agora a vez do Presidente da República. A gota de água foi a ausência da RTP no jantar oferecido pelo chefe de Estado aos ministros do Conselho da Europa. Mário Soares não ficou nada contente e admoestou severamente José Eduardo Moniz, acusando-o de discriminar a Presidência da República relativamente ao Governo. Na verdade, parece que só o Executivo é que ainda consegue manter boas relações com a televisão!

meteorologia

Transiberiano

O espectáculo sóbrio (+), austero até, mas não desprovido de subterfúgios subtis de arte, em cuja base está o poema que se quer chamar prosa, de Blaise Cendrars, *La Prose du Transibérien et de la petite Jeanne*, desencadeou outro comboio...

O longo poema que lembra declaradamente a *Zona* de Apollinaire, faz-nos viajar com esse *lento expresso* de aventura de muitos dias, essa casa precária que se desloca pela geografia incerta da Europa até Port Arthur, até Vlodivostok, até à China, do mar Báltico até ao Oceano Pacífico.

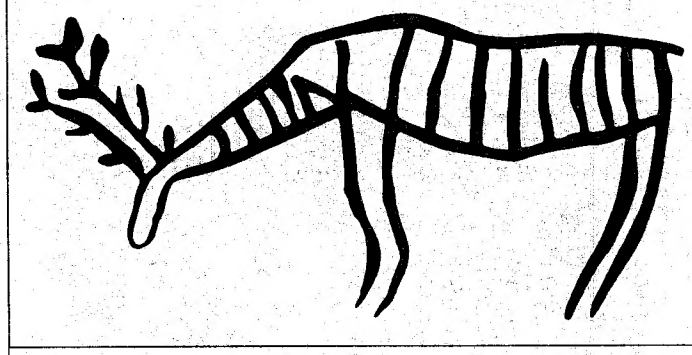
A Ásia toda. Comboio romântico, infernal durante a Guerra Civil, vide «Dr. Jivago» de Pasternak, comboio-*bunker*, mais parado do que avançando, no tempo da *anabase* das legiões checas: cativos voluntários na Rússia, como soldados do Império Austro-Húngaro moribundo, surpreendidos pela Revolução de Outubro, voltaram como unidade militar autónoma, resíduo da Primeira Guerra Mundial, através de toda a Sibéria, defendendo-se contra russos brancos e russos bolcheviques, contra hordas de famintos, contra lobos, até chegarem ao porto de Dalny — Port Arthur; embarcaram para a América, atravessaram todos os Estados Unidos, embarcaram de novo para a Europa, e, de Le Havre, três anos depois, do fim da guerra, chegaram a casa... Epopeia.

Transiberiano. Linha de exílio para muitos, no regime dos tsares, no regime dos Stalines. Comboio fantasma. Comboio mito. Comboio morte. Comboio aventura, boa e má.

A surpresa vem de hoje: o Transiberiano, uma vez por mês, uma vez por semana na temporada alta que começa na estonteante e tardia primavera siberiana, transformou-se em comboio de luxo relativo, esgotado por turistas americanos, com desejo de repetirem a façanha geográfica, histórica, simbólica. Boa viagem simulada!

(+) Constança Capdeville e Manuel Cintra, na Cornucópia, até 4 de Abril, às 18.30 h. Piano e voz. Nada mais, mas nada menos.

Jorge Listopad



Terça-feira no

Diário de Lisboa

Crónicas de Umberto Eco e Luís de Sttau Monteiro

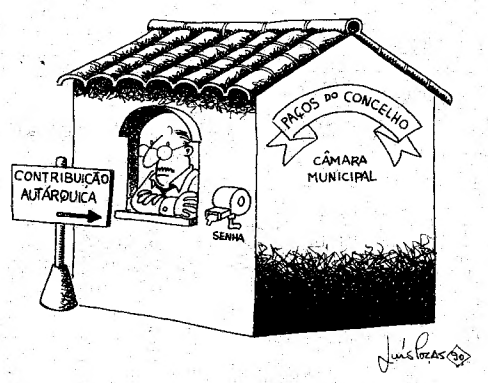
As condições de vida das crianças em Grande Angular

Ténis em grande estilo no famor

Contribuição Autárquica

Todos pagam, ninguém gosta

Saiba o que lhe pode acontecer já a partir de Abril



SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
TERÇA-FEIRA

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS VW Audi
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75